



CASIMIRO J. M. DE ABREU

AS PRIMAVERAS

SEGUNDA EDIÇÃO ACCRESCENTADA

COM

POESIAS INEDITAS DO AUTHOR

O

JUIZO CRITICO DE DIFFERENTES ESCRIPTORES

E

UM PROLOGO

POR

J. D. RAMALHO ORTIGÃO

PORTO

TYPOGRAPHIA DO JORNAL DO PORTO

31—RUA FERREIRA BORGES—31

1866



CASIMIRO DE ABREU

Porque disparam em occasião de riso tantas nenas enghadas para arrancar lagrimas dos olhos e desentrahar suspiros do peito?

Porque sahe pueril e ôca a ode que tenta decifrar essa tristeza suavissimas que a perfumada aragem da saudade traz em tropel dos jardins do passado para adejarem em confusa nuvem sobre o nosso espirito, assim como no ca-beço de solitario penhasco se esvoaça á hora do sol poente a revoada de aves marinhas advindas no equinoccio de região longinqua?

Porque redunda em stridulo fragor de palavras o hymno patriotico que dá no ouvido a toada e não verte dentro o succo do enthusiasmo, o qual, ao primeiro rebate da musa epica, devia logo pullular nas veias, retremmer nos musculos, tropejar no cerebro?

Porque descahe em vulgaridade chôcha, que faz sorrir ou descrêr a mulher, a palavra do amor, que lhe devia cahir na alma, como em labio de febricitante a fresquissima gotta do orvalho matutino, que refrigera e delicia, sem matar a sêde, sem estancar a ancia, sem apagar a febre?

É porque nem é de afflicto essa tristeza, nem de melancholico essa mágoa, nem de apaixonado essa paixão, nem de amante esse amor.

Para ser poeta é preciso ter fé em alguma coisa, disse Garrett, e então consignou em breve termo o aphorismo porque deviam principiar todas as artes poeticas.

Antes de lêr Aristoteles, Horacio, Vida e Despreaux, antes de perguntar á intelligencia se ella pôde com o alimento que ha de enrijal-a, antes de a ungir para a lucta com os unguentos da immortalidade, cumpre interrogar o coração, porque é lá que deve existir o principal elemento que constitue os poetas. Releva acreditar seja em que fôr: no heroismo como Homero, na patria como Camões, na gloria como Tasso, na religião como Milton, na duvida como Byron, na liberdade como Hugo, na familia como Lamartine; na vida ou na eternidade: Horacio ou Dante, a realidade ou a visão. Mas cumpre acreditar de dentro e do intimo, com uma convicção entranhada e profunda, d'essas que instam, pungem, abalam, decidem, e quando chegam a revelar-se não se traduzem pela palavra, antes pelo grito. Não é a placidez oratoria compassando a dicção, aparando o metro, sopesando a figura, joeirando o vocabulo; é o impeto, é o arrobo, é a audacia, palpitando no labio, fuzilando nos olhos, latejando nas fontes. A criação intellectual pôde em tal conjunctura não ser rigorosamente metrica, mas poetica ha de ser por força. E antes isso: antes a poesia sem o verso do que o verso sem a poesia; antes verdadeiro poeta pelo coração do que eximio versejador pela cabeça.

Casimiro d'Abreu, author d'este bello livro das *Primaveras*, que eu acabo de fechar, suscitando-me as reflexões que deixo escriptas, é d'ellas o melhor exemplo. Desconhece os segredos da linguagem com que se confeita a pobreza do espirito, não estudou em alheios moldes a fórma em que tem de vasar-se a inspiração, não aprendeu a mechanica da palavra nem o contraponto da versificação. Não é um genio desenvolvido nem um grande litterato; é uma grande alma e um grande infeliz. Não verseja, poeta; não canta, suspira, lamenta-se, chora. Diz-nos singelamente o que sente, dá-nos em cada verso um sorriso ou

uma lagrima, em cada strophe um pedaço da sua alma, e sem o querer, sem o pensar, talvez, offerece-nos no seu livro das *Primaveras*, mera collecção de poesias fugitivas, o completo romance d'um coração, um poema inteiro, cujo heroe é o author.

O argumento d'esse livro, em um só canto, conciso e breve como a dôr intensa, é o summario da biographia exacta do poeta.

Applicado á maior parte das collecções de versos que eu conheço, este cotejo daria em resultado a antithese em vez do accordo entre o poeta e o homem. É pois esta a feição caracteristica do livro de Casimiro d'Abreu, e é portanto sob esse aspecto que importa estudal-o.

Arrancado em annos tenros aos braços da familia, e trazido de casa de seus paes, na America do Sul, para um escriptorio commercial de Lisboa, Casimiro d'Abreu recebe ao desabrochar do seu talento o baptismo das lagrimas, que purifica para o logro da gloria os predestinados.

Assim como no espirito dos que cegam na infancia ficam indelevelmente stereotypados os ultimos quadros por onde pairou a alegria dos olhos, qual na retina do assassinado a imagem do que o apunhalou, assim na alma do expatriado vai inteira para o exilio a lembrança querida e perfeita dos seus montes nataes, o perfume da brisa que lhe brincou com os anneis louros do cabello, a casa paterna, o meandroso caminho das devezas, a frescura do rio em que banhou os membros infantis, os tepidos beijos com que o amimou o amor materno, e mais que tudo isso, mais funda, mais luminosa, mais intima, a adorada imagem d'aquella mulher de olhos suaves e meiguissimo sorriso, que todos os poetas encontram uma vez aos dezeseis annos, palpavel imagem do sonho que sonharam sempre, lampejo de felicidade havida até então por impossivel, manifestação d'uma belleza que tinham por me-

ramente subjectiva, como reminiscencia ou intuição d'um céo passado ou futuro, demonstração do bello finalmente, revelação do amor.

Casimiro d'Abreu obrigado pela vontade paterna, que debalde tenta suffocar no coração do adolescente os irrequietos embryões da poesia, que dentro se lhe debatem já como no seio do vulcão a elaboração da lava, parte com o coração lanhado por agonia acerba.

Não é já o pae, é elle proprio, navegante no oceano, naufrago na vida, que com os olhos embaciados fitos no horisonte, onde esmorecidamente negreja ainda o vulto da patria, pede á Providencia que lhe ensine o segredo de ser vulgar, o meio de apagar a chamma que o devora, de sanar a ancia que o opprime, de arrancar o espinho que o dilacera como presentimento de infortunio eterno, de reduzir o coração que lhe não cabe no peito, de se mutilar até caber á larga no molde meão dos felizes da terra.

Impossivel! fadára-o Deus para a gloria: não lhe era dado hesitar entre a posteridade e a vida; era-lhe forçoso e irremissivel deixar esta, porque a immortalidade o estava já esperando como a filho dilecto.

A hesitação matou-o. A obediencia filial aconselhando-o a alliar os impetos da sua indole privilegiada com as obrigações da mais prosaica profissão, roubou-o á litteratura sem o dar á sociedade, o litterato desmedrou e finou-se sem que o negociante conseguisse nascer.

Lamentosa falta foi essa para as letras portuguezas e para a gloria da poesia brazileira contemporanea, tão brilhantemente polida nos ultimos annos d'este seculo por operarios como Porto Alegre, Magalhães, Gonçalves Dias e Machado d'Assiz.

Se o positivismo das coisas precisava de vir recrutar um negociante na bohemia das letras, porque se não resgatou a substituição d'este só poeta com a entrega d'es-

ses mil aquartilhadores de versos que por cá andam a der-
rancar um prestimo, que, esporeado para outro sitio, dei-
xaria por ventura de ser insipidamente inutil no seio do
Cosmos?

Se Casimiro d'Abreu alliasse uma educação litteraria
á pura sensibilidade da sua alma, á elevação do seu espi-
rito, á clareza do seu criterio, e ao pendor da sua indole
profundamente melancolica e scismadora, abalanço-me
a dizer que o seu nome seria hoje o do mais perfeito poeta
que tem botado a moderna geração litteraria em Portugal
e no Brazil.

Casimiro d'Abreu tem vinte annos; e o seu livro ex-
hala de todas as folhas o perfume suavissimo d'esse ma-
drugar da existencia tão esplendido sempre de luz e de
harmonia, d'enthusiasmo e d'amor...

Oh! dá que eu saude a tua memoria, meu divino ra-
paz, que tiveste a coragem de o ser, e de tal te prezares
n'este seculo em que se finge a duvida, o desalento, e a
descrença aos dezoito annos! n'este seculo em que não ha
convivas ao alegre banquete da mocidade, porque os im-
berbes tomam o seu café e palitam os dentes em jejum!
n'este seculo em que o espirito impotente tomou por moda
descórar os beiços e pintar pés de gallinha ao canto dos
olhos!....

Bem hajas tu, que foste verdadeiramente poeta no
meio dos sensaborões, porque verdadeiramente foste sin-
cero entre os presumidos!

Em quanto elles choramigavam a invocação á esgrou-
viada e despenteada musa do desalento e da indifferença
emmolhavas tu singelamente as mais bonitas flôres da tua
alma, e com o rubor na face e o amor no coração, depu-
nhas o beijado ramilhetinho no regaço da virgem dos teus
sonhos, dizendo-lhe como a irmã:

Pódes lêr o *meu livro*:—adoro a infancia,
Deixo a esmola na enxerga do mendigo,
Creio em Deus, amo a patria, e em noites lindas
Minh'alma—aberta em flôr—sonha comtigo.

Esta simples quadra é a exacta profissão de fê do poeta.

A primeira parte das poesias de Casimiro d'Abreu, as quaes como que constituem a primeira época da sua vida, é datada de Lisboa; a segunda e ultima do Brazil.

Nas primeiras ha um admiravel geito de saudade, um amor ardente, uma insoffrida aspiração de vida, e um calor palpitante e intimo, que parece desafogo e respiro da tropical natureza da America.

Logo nas primeiras paginas depara-se-nos uma pintura do Brazil, assignalada de toques magistraes, que immediatamente revelam um talento superior. Citarei como exemplo d'esse admiravel colorido uma só strophe:

Ao lado da cachoeira,
Que se despenha fremente,
Dos galhos da sapucaia,
Nas horas do sol ardente,
Sobre um solo d'açucenas
Suspensa a rêde de pennas,
Alli, nas tardes amenas,
Se embala o indio indolente.

A timidez adoravel, que é sempre inseparavel socia do amor impetuoso em annos tenros, aqui está retratada com invejaveis tintas. A mulher amada queixa-se d'essa apparente indifferença em que o seu vate esconde com esforço os estos febris d'uma paixão immensa. O poeta responde-lhe:

.....
É que esse vento que na varzea—ao longe,
Do colmo o fumo caprichoso ondeia,
Soprando um dia tornaria incendio
A chamma viva que teu riso ateia!

Ai! se abrazado crepitasse o cedro,
 Cedendo ao raio que a tormenta envia,
 Diz:—que seria da plantinha humilde
 Que á sombra d'elle tão feliz crescia?

Ai! se eu te visse em languidez sublime,
 Na face as rosas virginaes do pejo,
 Trémula a falla a protestar baixinho...
 Vermelha a bocca, soluçando um beijo!...

Oh! não me chames coração de gelo!
 Bem vés: trahi-me no fatal segredo.
 Se de ti fujo é que te adoro e muito,
 És bella—eu moço; tens amor, eu—medo!...

A imaginação impaciente do poeta, borboleteia sempre sobre as floridas saudades da patria e a recordação prestigiosa de mulheres adoradas. Amemos! amemos sempre! pensa elle...

A vida é um deserto aborrecido
 Sem sombra doce, ou viração calmante;
 —Amor—é a fonte que nasceu nas pedras
 E mata a sêde á caravana errante.

Nas horas tristes em que a saudade lhe turbasse a vista com lagrimas, e o tediô lhe obrigasse a abrir dos dedos a penna empregada no mercenário labor da arithmetica, que quadros não descortinaria lá bem longe no horizonte, por entre as cerradas trevas da sua vida, aquelle namorado espirito!

Junto d'elle, acorrentando-o e escarnecendo-o, a desaceiada labutação do trafego mercantil. Ao longe, convidativas, seductoras, deslumbrantes, todas as visões dos dezoito annos... A escada de sêda, palpitando á viração de noite estiva, suspensa do recortado balcão d'um castello gothico e sobranceira ao lago, onde dorme em gondola vasia banhada pelo luar o esquecido bandolim d'um trovador... Uma elegante e franzina amazona d'amplo vestido

de veludo e luvas de camurça, montando uma hacanea ingleza, perpassando a toda a brida, e convidando-vos com um aceno e um sorriso a acompanhal-a, no meio do latir dos galgos e do toque d'avançar que estão dando as trompas na encruzilhada da floresta... Uma dança hespanhola n'um jardim de Granada, onde, debaixo do laranjal e ao som dos pandeiros e das castanholas, as mais esbeltas filhas da Andaluzia requebram a cinta fascinadora e baílam ainda mais com os olhos negros do que com os pequeninos pés... Morbidas circacianas de hombros nús e seio palpitante, languescendo em fofas ottomanas entre os calidos e enebriantes perfumes d'um harem no Bosphoro...

Quem não desejou, quem não sonhou, quem não viu tudo isso na idade da adolescencia, tendo no craneo o dom fatal d'um talento imaginoso, e nas veias o irrequieto e ardente sangue meridional?...

Querem vêr todo esse anceio de mocidade concentrado n'um quadro bem simples: leiam os versos intitutados *Na rede*, nos quaes o poeta nos descreve a mulher amada, adormecida no seu leito suspenso no meio d'um bosque,

—O céo por docel,
De leve embalada no quieto balanço
Qual nauta scismando n'um lago bem manso
N'um leve batel!

Ouçam as ultimas strophes:

Dormia e sonhava—a bocca entre-aberta,
O labio a sorrir;
No peito cruzados os braços dorinentes,
Compridos e lisos quaes brancas serpentes
No collo a dormir!

Dormia e sonhava—no sonho de amores
Chamava por mim,
E a voz suspirosa nos labios morria
Tão terna e tão meiga qual vaga harmonia
De algum bandolim!

Dormia e sonhava—de manso cheguei-me
 Sem leve rumor:
 Pendi-me tremendo e qual fraco vagido,
 Qual sopro da brisa, baixinho ao ouvido,
 Fallei-lhe de amor!

Ao halito ardente o peito palpita...
 Mas sem despertar;
 E como nas ancias d'um sonho que é lindo,
 A virgem na rêde córando e sorrindo...
 Beijou-me—a sonhar!

Além d'esta, as poesias *Anjo*—* * * *—*Horas tristes*
 —*Sonhando*—*Noivado*—*Visão*—*Pepita*—*Moreninha*,
 e outras, são brilhantes provas da terrível lucta em que
 deviam d'encontrar-se travados o genio do poeta e o es-
 pírito do caixeiro.

N'essas luctas em que não ha consolação nem treguas,
 consome-se rapidamente a existencia. Cada hora é uma
 lagrima, e cada lagrima uma parcella de vida que se esvae.

Uma tísica pulmonar veio ao encontro do pallido man-
 cebo e guiou-o pela via mais curta para o ponto negro
 que elle fitava no horisonte.

Foi á primeira golfada de sangue, foi ao primeiro
 abraço da terrível enfermidade, que o poeta escreveu es-
 ses formosissimos versos ungidos d'uma melancholia só
 comparavel á da *Captiva* d'André Chenier:

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,
 Meu Deus! não seja já;
 Eu quero ouvir na laranjeira, á tarde,
 Cantar o sabiá!

N'esta poesia, que se intitula *Canção do exilio*, ha um
 ar de singeleza e de candura admiravel. Direis a virgem
 ao regressar do primeiro baile em que desafogou o seu
 infantil contentamento, desfolhando ao amanhecer as rosas
 da capella sobre o seu tumulo aberto.

As tres primeiras strophes suspiram assim:

Meu Deus, eu sinto e tu bem vês que eu morro
 Respirando este ar;
 Faz que viva, Senhor! dá-me de novo
 Os gosos do meu lar!

O paiz estrangeiro mais bellezas
 Do que a patria, não tem;
 E este mundo não val um só dos beijos
 Tão doces d'uma mãe!

Dá-me os sitios gentis onde eu brincava
 Lá na quadra infantil;
 Dá-me que eu veja uma vez o céu da patria,
 O céu do meu Brazil!

O anjo bom de Casimiro d'Abreu acolheu entre a candura das suas azas este ultimo e ardente desejo do infeliz trovador.

O exilado, já ferido de morte, já apparellhado para a viagem do céu, regressou á patria que tanto amára para lhe depôr no seio o ultimo suspiro, e

... morrer cercado dos perfumes
 D'um clima tropical,
 E sentir, expirando, as harmonias
 Do seu berço natal!

Lêram nas *Confidencias* de Lamartine a sentidissima descripção do seu regresso ao querido torrão em que torna a vêr o campanario da capellinha onde sua mãe lhe ensinou a primeira oração, o jardim onde brincou os primeiros annos, o velho solar de seu pae, e o cemiterio onde dormem os seus avós? Se lêram, confrontem as paginas d'esse livro com as estancias da poesia intitulada *No lar*, e digam-me se não é a harpa do cantor das *Meditações* a mesma cujas cordas estremecem sob os dedos de Casimiro d'Abreu.

Que palpitante verdade não revêem esses versos, que em analogas circumstancias todos nós presentimos uma vez vagamente, preludiados na nossa lyra interior!

Foi aqui, foi alli, além... mais longe,
 Que eu sentei-me a chorar no fim do dia;
 —Lá vejo o atalho que vai dar na varzea...
 Lá o barranco por onde eu subia!...

Acho agora mais sêcca a cachoeira
 Onde banhei-me no infantil cansaço...
 —Como está velho o laranjal tamanho
 Onde eu caçava o sanhassú a laço!...

Eu me remoço recordando a infancia,
 E tanto a vida me palpita agora
 Que eu déra oh! Deus! a mocidade inteira
 Por um só dia do viver d'outr'ora!

E a casa?... as salas, estes moveis... tudo,
 O crucifixo pendurado ao muro...
 O quarto do oratorio... a sala grande
 Onde eu temia penetrar no escuro!...

Os profundos estragos da enfermidade que interiormente o devorava, não permittiram a Casimiro d'Abreu aspirar por muito tempo esse perfumado ambiente da America, que os pulmões lhe devolviam aos labios transformado em poesia ou em sangue.

Depois das citações que temos feito seria crime não trasladar tambem algumas notas do canto derradeiro d'esse mavioso cysne.

Eis as ultimas strophes escriptas por Casimiro de Abreu. O poeta dirige-se do leito em que jaz á mulher que ama.

.....
 Mas eu bemdigo estas dores,
 Mas eu abenço o leito
 Que tantas mágoas me dá,
 Se me jurares, querida,
 Que meu nome no teu peito
 Morto embora —viverá!
 —Que ás vezes na cruz singella
 Tu irás pallida e bella
 Desfolhar uma saudade!

.....
 Assim,—se amanhã, se logo,
 Sentires na face amada
 Passar um sôpro de fogo
 Que te queime o coração,
 E uma mão fria e gelada
 Comprimir a tua mão
 Frisando os cabellos teus;
 —Não tenhas tu vãos temores,
 Pois é minh'alma, querida,
 Que ao desprender-se da vida
 —Toda saudade e amores—
 Vai dizer-te o extremo—adeus!...

Pouco tempo depois Casimiro d'Abreu exhalava o seu ultimo suspiro, contando vinte e dois annos!

O livro que deixou ahi está. É o poema d'uma existencia, baseado nos mais singelos elementos de poesia: viver soffrendo, amar esperando, e morrer sorrindo.

J. D. Ramalha Ortigão.

CASIMIRO DE ABREU

(SEGUNDO PROLOGO)

Fallar de poetas em tempos tão descritos, em que as aspirações generosas são abafadas pela arithmetica, e escarnecidas e abandonadas as vocações soberanas consagradas a regenerar o homem pela ideia, importa o mesmo que se novo Jeremias nos abancassemos na praça pública d'outra Jerusalém, clamando inutil *converterè*.

Para as almas de algarismo, para os homens essencialmente utilitarios, a poesia que Homero diz haver sido a linguagem dos deuses do Olympo, nada mais é que um poderosissimo narcotico, e o poeta uma especie de doudo, um rhapsode ambulante, que vive e morre cantando sempre esperanças que não vecejam, chorando dôres que não tem cura.

Dir-nos-hão que pretendemos tornar-nos o açoute do seculo, offerecendo batalha á indifferença, que em todos os tempos se manifestou invariavelmente contra os poetas, e não deixarão de fazer reviver os nomes de Homero, o poeta cego e mendigo; de Camões e Gilbert, mortos nas enxergas d'um hospital; Garção em uma masmorra, e Antonio José nas fogeiras accêsas pelos *Malagridas* e *Torquemadas*.

Redarguiremos: N'esses tempos, ao menos, surgiram de quando em quando, para bem das letras, os grandes vultos de Augusto, Luiz XIV, e Leão X, ajudados pelos Me-

cenas, e Colberts; e por isso Bossuet podia, despreoccupado do futuro, tropejar na tribuna sagrada; Boileau ampliar as leis do *gosto* e do *bello*; Racine elevar a musa da tragedia ás alturas da *Athalia*; porque sabiam que o *grande rei* era, não o sol das nações como inculcavam os aulicos, mas sim o sol das letras e das bellas artes.

Hoje, onde estão os Mecenas que animem e inspirem o talento? Será deixando morrer Heine na miseria? Ribeyrolles no exilio, ás sopas d'um amigo? Lamartine fazendo um appello baldado á caridade publica, que entretanto pagava de sobra com um grande monumento litterario? Victor Hugo gemendo no desterro sobre os males da patria? Garrett exhalando o ultimo suspiro, amargurado pela ideia de não poder legar um dote a sua filha? Lopes de Mendonça n'um hospital de doudos, e sua familia sem pão seguro? O suavissimo Castilho vivendo d'uma magra pensão, que ainda assim lhe deram a custo para calar a indignação da imprensa?

Onde será mais revoltante o indifferentismo, no passado ou no presente?...

Que importa a essas almas afinadas pelas harmonias do metal sonante, que o poeta arroubado em mystico entusiasmo, cante Deus, o homem e a natureza?

Em que lhes presta, que fanatico pela liberdade, pranteie em sentida elegia a sorte da infeliz Polonia?

Que lucram os *androidos* em lêr meia duzia de palavras medidas e cadenciadas? Ora, outro officio; isto não rende, não tem cotação na praça: fóra com os poetas!!!

Embora seja assim na pluralidade, todavia nem tudo está metallisado. Felizmente ainda existem almas nobres e generosas, que sympathisam com os poetas, por crêrem que são elles os arautos das grandes ideias, os evangelisadores dos povos e os poetas inspirados do porvir. Bem sabem esses que Homero é quem mais torna veneranda ao

mundo a malfadada Grecia, e que só Camões lembra Portugal ao estrangeiro.

É nobre e sancta a missão do poeta; mas sua vida é uma longa expiação. Quasi sempre queima-o a chamma do proprio genio; como Sisypho róla incessante o rochedo da desgraça; como o viajor cansado e perdido nas areias calcinadas do Sahara, entrevê oásis onde nunca ha de repousar nem saciar a sêde ardente.

O poeta é um sonhador divino; ninguém mais do que elle guarda e estremece a religião da esperança e do futuro; ri-se, folga e retouça no seio dos prazeres, soluça e chora ante o espectáculo da dôr, e como o rouxinol das florestas canta sempre, embora os adoradores de Plutó lhe ponham na mão, por escarneo, uma trolha de pedreiro, ou um livro *Razão*.

Tal foi Casimiro d'Abreu: vocação poetica das mais vigorosas, constantemente contrariado em seus anhelos, constringido a passar a maior parte do dia sobre uma carteira, engolfado no materialissimo—*Deve e Ha de Haver*—assim mesmo, aguia acorrentada, rebentava por vezes as cadeias, alçava o vôo e deixava-se pairar mansa e docemente nas alturas celestes.

Quasi que da infancia data o poetar de Casimiro.

Um dia, ainda mui joven, deliciava-se elle a sonhar no beatifico remanso do viver domestico e nas doçuras das caricias maternas, quando lhe pareceu ouvir a voz angelica de sua irmã mais moça.

Subita emoção se apodera d'elle, que mais e mais re-cresce ante a magestade imponente d'esse gigante denominado—Serra dos Orgãos—das sombras que o crepusculo derramava pelo leito dos valles, e como elle proprio diz: «pela voz melancholica do cahir das cachoeiras, e pelo pungir da saudade.»

O menino travou pressuroso da harpa, que o coração

e o genio lhe afinaram á porfia, e modulou o seu primeiro canto—*Ave Marias*.

Foi uma fatalidade que se perdesse a estreia poetica de Casimiro d'Abreu, e tanto mais de sentir quando elle diz algures, que por essa poesia perdida trocára todo este volume.

Pouco depois, em obediencia ás injuncções de seu pae, teve a auspiciosa creança de deixar familia e patria, que tão d'alma presava, e atravessar o Atlantico. Chegado a Portugal viu serras mui pittorescas, rios magestosos, um sol como só o tem na Europa a Italia, a mais variegada flora, as mais bellas e saborosas fructas, mas... aquella não era a sua patria, e quer *nas ribas magestosas do Tejo*, quer nas varzeas do Douro, comparava sol, terra, plantas, flôres, fructas, montanhas e rios d'alli, mas não deparava a belleza grandiosa dos sertões do seu amado Brazil. A nostalgia fel-o pulsar de novo as cordas do docil instrumento, cantou e muito, mas a maior parte d'essas paginas candidas não vivem; rasgára-as o author.

Já o poeta brasileiro estava ha dous annos longe do paiz natal. Não desconhecia, añtes admirava os mil e um attractivos da rainha do Occidente. Deslisavam-se em sua memoria as gloriosas tradições d'esse povo heroico, que mais que nenhum outro contribuiu para descobrir mares ignotos e novas terras. Sobretudo actuava em sua imaginação de poeta o nome do principe dos poetas portuguezes. Para elle, o maior brazão de Portugal não o entalharam os argonautas ousados a expedições arriscadas, nem esses combates *titanicos* e desiguaes travados na Asia e na Africa, não; fôra Camões.

O cantor soldado, que na gruta de Macau isolado, pobre e perseguido por poderosos, cantava em versos altisonantes as glorias dos lusos, tocára-lhe o coração sensível, exaltára sua alma de poeta.

Estava elle no desabrochar das illusões, quando o horizonte se nos arraia de miragens phantasticas; tinha esse enthusiasmo proprio das almas que não sahiram *castradas* das mãos da natureza, e ao mesmo tempo fê em Deus e esperança no porvir.

E como não ser assim, se seus primeiros annos os passára no regaço amigo da familia, acalentado pelo cicciar da brisa, ramalhando nas arvores seculares da matta virgem, vendo por sobre si um céu limpido e constellado, como só o teem os paizes tropicaes, aspirando o perfume embalsamado que as brisas trazem das selvas?

Até alli, Casimiro havia feito holocausto de todas as suas tentativas poeticas; entretanto bem sentia elle que, como Chenier, tinha alguma cousa na cabeça; era mister que sahisse da penumbra da obscuridade; offereceu-se en-sejo, escrevendo para o theatro de D. Fernando uma scena dramatica, que foi representada no dia 18 de janeiro de 1856, sob o titulo *Camões e o Jáo*. Este canto dos 17 annos, mais filho do engenho que da arte, apresenta, não raro, lampejos reveladores d'alta vocação poetica. O publico portuguez acolheu entre bravos e applausos a estreia do joven vate brasileiro. Casimiro tomou este acolhimento como: «vozes d'um povo amigo, que bradavam ávante ao joven poeta, que na carreira encetava seus primeiros passos.»

Ha alli versos que destôam pela dureza e homonymia das desinencias e profusão das mesmas vogaes, como:

«Impávidas hasteadas nas muralhas.»

Mas se nos lembrarmos de que é a estreia d'uma creança, havemos de forçosamente concluir que ninguem com taes elementos escreveria melhor.

Quem ha ahi tão obcecado e duro, cujos olhos se lhe

não humedeçam ao ouvir o dialogar sentido e triste do author dos *Lusiadas* e do fiel escravo javanez?

Só o genio é capaz de voar tão alto sem as azas da arte...

A vocação de Casimiro foi sempre contrariada por seus progenitores; temiam que seu filho tivesse a sorte de Camões e Tolentino. Apenas chegado de Portugal, foi-lhe forçoso ir para o commercio; mas alli mesmo, depois do serviço satisfeito, internava-se no seu quarto e entregava-se ao seu predilecto colloquio com as musas. D'essas horas vagas sahiram quasi todas *As Primaveras*, lindissimo florilegio, composto das mais delicadas e redolentes flôres.

Como é natural, o poeta deu o lugar de honra ao canto que dedica ao anjô de seu primeiro amor. Quem ha que se não enleve aos vinte annos por uma virgem, dourada visão de seus sonhos, depois encarnação dos seus mais puros e ardentes affectos.

Lêde a endeixa e vereis que entusiasmo febril, melancholia, saudade, doçura e prazer transpira alli:

Por ti eu me embarquei, cantando e rindo,
—Marinheiro de amor—nô batel curvo,
Rasgando affouto em hymnos de esperança
As ondas verde-azues d'um mar que é turvo.

Feliz a mulher que fez desabrochar taes flôres e que as pôde perfumar com o seu amor.

Depois inspira-o a nostalgia, esse sentimento amargo que nos acompanha fóra da patria ou do seio de nossa familia.

Debalde eu olho e procuro...
Tudo escuro
Só vejo em roda de mim!
Falta a luz do lar paterno
Doce e terno,
Doce e terno para mim.

Como é bello e repassado de saudade e ternura o-

canto que em paiz estranho elle dedica a sua mãe, o ente que lhe era mais caro.

De noite, alta noite, quando eu já dormia
 Sonhando esses sonhos dos anjos dos céos,
 Quem é que meus labios dormentes roçava,
 Qual anjo da guarda, qual sopro de Deus?
 —Minha mãe!—

Absorto pela ideia sublime de Deus, ante a qual todas as outras se amesquinham, paraphraseou o hymno de David:—*Cœli et terræ enarrant gloriam Dei.*

Toda essa ternura
 Que a rica natura
 Soletra e murmura
 Nos halitos seus,
 Da terra os encantos,
 Das noites os prantos,
 São hymnos, são cantos
 Que sobem a Deus!

Que fé e uncção religiosa!

Lêde-o tambem nos seus threnos á primavera, essa mocidade do anno, como alguém lhe chama, e admirareis a suavidade do metro e a belleza singela das ideias.

Alegre e verde se balança o galho,
 Suspira a fonte na linguagem meiga,
 Murmura a brisa:—Como é linda a veiga!
 Responde a rosa:—Como é doce o orvalho!

Agora vêde com que mimo e magica palheta elle retrata o objecto de seu *culto*:

Seu rosto é formoso, seu talhe elegante,
 Seus labios de rosa, a falla é de mel,
 As tranças compridas, qual livre bacchante,
 O pé de creança, cintura de anel.

A musa de Casimiro é quasi que invariavelmente melancholica e terna; rarissimas vezes devassa os dominios de Anachreonte, como nas quintilhas a *Pepita*.

Inspira-se quasi sempre dos affectos benevolos com seu toque de tristeza, que lhe diz bem, tem affinação metrica e magnificencia de pensamentos: sirva de exemplo o bellissimo canto saphico—*Amor e medo*:

Como te enganas! meu amor é chamma
 Que se alimenta no voraz segredo,
 É se te fujo é que te adoro louco...
 És bella—eu moço; tens amor—eu medo!...

Infelizmente o author de taes primores já não é mais dos vivos; morreu na villa de Nova Friburgo no dia 18 de setembro de 1860. Quando tudo lhe sorria, mocidade, riqueza, gloria e o amor da mulher a quem dera o seu nome, veio a fatalidade riscal-o do livro dos vivos.

O Brazil n'estes ultimos annos tem perdido muitos filhos illustres; ainda ha pouco era Alvares de Azevedo, depois Junqueira Freire e Macedo Junior; fechou o prestito Casimiro d'Abreu!...

Rio de Janeiro—25 de outubro de 1864.

MACIEL DO AMARAL.

AS PRIMAVERAS

DO

SNR. CASIMIRO DE ABREU

Nos dias de prosaico positivismo em que vivemos, acabam as letras brasileiras de receber mais um mimo.

O snr. Casimiro d'Abreu acaba de publicar as suas *Primaveras*. Cumpre ser moço, na verdade, para no meio da indiferença que enregela a sociedade, no meio do borborinho metallicô que sôa a todos os ouvidos, levantar a voz sonora e dizer a essa sociedade egoista—Attendei-me!—vou cantar os segredos de ternura da alma humana; vou expôr-vos na lingua a mais dôce e harmoniosa os sentimentos que estão nos vossos, como estão em todos os corações, mas de que tão accuradamente vos distrahis.—Cumpre ser moço para tental-o, e cumpre ter recebido do céo essa sublime inspiração, que constitue a verdadeira arte poetica, para conseguil-o. O snr. Casimiro d'Abreu o conseguiu; seus versos são fluentes, ricos de melodia, apropriados ao assumpto, doces como elle. Qual é o assumpto? Podeis perguntal-o? O que póde cantar um moço senão o que lhe transborda do peito?—O amor.

A saudade da patria, a confiança nos destinos d'ella, a saudade da familia, a lembrança do affago materno, do berço do irmão, tudo isso inspira o poeta; tudo quanto é sentimento terno acha-se no seu thesouro. É porém o amor o que mais constante lhe faz vibrar o coração, e a menor leitura do livro basta para mostrar que é escripto com o coração.

Não lhe escaceando o devido tributo de louvor e d'animação, a nossa imprensa deve mostrar ao joven poeta que nem tudo está tão frio, nem tudo é tão indifferente como parece: aqui e alli ainda batem corações synpathicos a todos os sentimentos nobres, nobremente exprimidos, e não faltam espiritos que prezem e cultivem as bellas-letras.

Se para esses quizer viver o snr. Casimiro d'Abreu, se tiver a coragem de dizer aos mais—*Odi profanum vulgus et arceo*,—animações lhe não hão-de faltar, e longe de retirar-se da liça, depois de tão bella estreia, accrescentará mais cordas á sua lyra, aproveitará o raro talento de metrificacão que mostra possuir, em alguma composicão de mais alento. Para então o aguardamos nós; que hoje com tanto prazer lêmos os seus versos e os acceitamos como um agouro ou uma promessa, para collocal-o na primeira linha dos nossos vates e mostrar com analyse de critico os seus titulos a essa gloria.

14 d'outubro de 1859.

DR. JUSTINIANO JOSÉ DA ROCHA.

CASIMIRO DE ABREU

PRIMAVERAS

Quereis por ventura vaguear livremente no meio de sonhos e flôres, entre sorrisos e galas n'esse jardim sempre viçoso, que se chama mocidade? Quereis, pondo de parte o mundo e suas theorias positivas, embalar-vos por alguns momentos nos braços da phantasia ás melodias ternas e queixosas da lyra do coração? Quereis levar algumas horas pensativo e mudo, bebendo a vida em um raio ardente do sol dos tropicos, a esperança no anil do céu e o amor nas nuvens douradas que brincam no horisonte?

Com a mão no peito e a franqueza nos labios, ninguem ousará dizer—não.

Moço ou velho, alma cheia de fogo ou coração enregelado, todos amam no fundo a natureza com suas festas, a vida com seus esplendores e a mocidade com seus devaneios. Se assim é, abri comigo as *Primaveras* de Casimiro d'Abreu.

Juvenilia! Juvenilia! dizia um poeta latino ao recordar-se das lastimosas aparições, que nos arrancam dos sonhos pueris da primeira idade, e das concepções fogosas que brotam do cerebro e do coração do mancebo. Juvenilia! Juvenilia! é a voz de todos.

Aquelle, no verdor dos annos, com o olhar illuminado pela esperança e tentando ávidamente rasgar o véo que lhe encobre o futuro, pronuncia essas palavras sagradas; bem como este, que, de cabeça encanecida e fronte sulcada de rugas, se volve com saudade para os destroços d'um passado morto e se lembra das flôres que ha muito murcharam.

Hymno de enthusiasmo ou elegia funebre, o grito é o mesmò.

Aquelle outro deixa escapar essas vozes sentidas na solidão da floresta ou no silencio de seu gabinete; para o mundo seu rosto é calmo, sua falla firme, e a alma não se desenha na pupilla dos olhos.

Este não: escreve a divisa na bandeira altiva, e não tem medo que o sol venha alumial-a.

Allí a concentração e o mysterio, aqui toda a expansão de uma alma virgem, porém sempre juvenilia! juvenilia!

No livro de Casimiro d'Abreu encontram-se bellas variações sobre esse thema universal. Folheai essas paginas singelas, vosso coração baterá, muitas e brandas imagens virão cercarvos; *Primaveras* é uma obra escripta com toda a sinceridade d'um coração novo e ao fogo d'uma imaginação incendiada. Ao traçarmos estas linhas não temos em mira escrever uma critica: é mais modesta nossa aspiração.

Relatar puramente as ideias que nos suscitou a leitura d'esses versos é tudo que almejamos. É a confissão franca das differentes sensações que de nós se apoderaram quando seguimos o poeta no paiz encantando de suas *Primaveras*, confissão simples, é verdade, porém cordial.

As *Primaveras* formam uma collecção de harmonias singelas, como é singelo o coração, e ao mesmo tempo ardentes, como é ardente a febre: são cantos da mocidade.

Quando se abandona o collo d'uma mãe querida e se entra no mundo, scena grande, cheia de luzes e de bulicio, a commoção é violenta, a alma estremece e... e começam os sonhos. É como é bello sonhar!

A imaginação cria um mundo á parte, rodeado de horisontes todos novos; atira-se por ahi além, rindo e folgando, seguindo seus caprichos de menina voluvel; na voz da brisa escura harmonias do céu e vai trocando ternos olhares com alguma virgem que ella mesma ideou e que só ella vê.

A par dos sonhos, apparecem as primaveras d'essas scenas, que fazem esquecer as dôres d'um passado inteiro, cobrem de flôres o presente e tornam-se uma fonte inesgotavel de mágoas para o futuro.

Scenas como todos almejam e como alguns apreciam. São lindas paizagens do Chanaan dos amores, os caminheiros do deserto as avistam de longe, e felizes aquelles que chegam a gosar as suas delicias!

Se tudo isso, porém, vive e palpita no bello livro de Ca-

simiro d'Abreu, não faltam as côres sombrias. Que quereis? No sorrir do mancebo apparece ás vezes uma contracção ironica, um vislumbre de tristeza, fraco lampejo d'alguma dôr secreta.

Nas primaveras ha flôres sepulchraes ao lado de flôres festivas.

No primeiro livro ha d'esses versos que brotam do coração, quando pelo cahir da tarde a doce virgem da melancholia nos vem enlaçar em seus braços. Derrama-se então muita lagrima; porém são lagrimas que alliviam e consolam; a melancholia é uma bella companheira.

Por isso tambem não é das harmonias que ella inspira, que fallamos presentemente, mas sim da ultima parte do volume, e sobretudo do *Livro Negro*, onde se percebe o cunho d'uma ideia grave e um espirito sob a impressão d'algum sentimento triste.

Leopoldo Roberto achava-se um dia entregue aos mais agradaveis sonhos de ventura, seu rosto era altivo, seu olhar brilhante; tomou o pincel e desenhou com effusão a linda scena—*Le carnaval de Venise*. Dias depois o artista esmoreceu, e sobre a mesma tela, mesmo em cima d'aquellas figuras alegres, pintou—*Le depart des pecheurs*.

Foi um sorriso suffocado por um soluço, diz Pelletan, o narrador d'esta scena. Casimiro d'Abreu, depois de cantos de vida e amor, escreveu o *Livro Negro*. São suas ultimas vozes, e por isso fecha-se o livro das *Primaveras* com o coração mergulhado em tristeza.

Porém não importa; iremos ouvindo as suas canções, embora depois os eccos funebres nos arranquem dos sonhos.

O poeta colloca o ramilhete de suas flôres sob o olhar terno e compassivo: esse olhar será seu *talisman*, seu *palladium*, e ao terminar, assim diz:

«Se entre as rosas das minhas primaveras
 «Houver rosas gentis de espinhos nuas,
 «Se o futuro atirar-me algumas flôres,
 «As palmas do cantor são todas tuas.»

A prece já foi murmurada, agora póde a lyra entoar seus cantos.

O livro primeiro das *Primaveras* tem um tom dominante, que é a saudade. A saudade não tem dous sentidos. Não é a

tristeza que, desenhando-se no rosto d'aquelle que abandona o berço natal, desaparece quando desaparece a sombra do amigo, que da praia acena um adeus; não é a tristeza que some quando se somem as serranias nos confins do horisonte.

A saudade é outra.

É o sentimento que nos acompanha longe do tecto paterno, dia por dia, em todos os passos. Dizem que tudo morre com o tempo; a saudade foge d'essa regra; á medida que os minutos se escôam, vai ella tomando mais vastas proporções.

Casimiro d'Abreu teve de partir creança ainda para fóra de seu paiz; abandonou o solo da patria e foi viver algum tempo em Portugal. D'ahi cantos saudosos, aspirações queixosas de quem precisa para viver do ar embalsamado de sua terra.

Das duas composições intituladas *Canção do Exilio*, a que mais nos agrada é a segunda: a primeira é mimosa, porém faz lembrar um pouco a de Gonçalves Dias, que tem o mesmo titulo.

Além d'isso, a outra é mais sentida, e vê-se mesmo que foi escripta sob toda a influencia da melancholia serena, que desperta a saudade do céo americano.

«Se eu tenho de morrer na flôr dos annos,
 «Meu Deus, não seja já,
 «Eu quero ouvir na larangeira á tarde
 «Cantar o sabiá.»

É a oração do moço, que cedo arrebatado d'um mundo cheio de luz e de perfumes, quer expandir-se ao sol da patria e embriagar-se de poeira e de vida.

«Quero dormir á sombra dos coqueiros,
 «As folhas por docel.
 «E vêr se apanho a borboleta branca
 «Que vôa no vergel.»

Os versos correm sonoros e tristes, como as cachoeiras de que nos falla o poeta; foi sem dúvida uma canção modulada pelas horas placidas da noite, á lembrança do luar tranquillo de sua terra.

Um dos caracteristicos notaveis do sur. Abreu é a singe-

leza d'expressão. Nada de phrases enredadas e locuções difíceis; falla sempre a linguagem do coração. Por isso todos podem lêr seus versos.

Não é d'esses poetas enigmaticos, cujo prazer é cravar uma pedra luzente, muitas vezes sem ser diamante, no meio de mil variados arabescos e complicados relevos, pensando que assim brilha mais; não é d'esses, cuja arte consiste em acabrunhar um pensamento simples, quando não é vulgar, com palavras sesquipedaes e atroantes, como o ribombo do canhão.

Demais, o nosso joven poeta é sempre intimo. Não se arreceia de levar o leitor ao tabernaculo sagrado de suas recordações e mostrar-lhe as reliquias memorandas que ahi conserva religiosamente: esperanças em flôr ou esperanças murchas;—sorrisos, impressões de creança, lembranças ternas, ligando-se ás vezes a pequenas cousas,—tudo apparece.

No genero familiar apparecem os bellos dotes que acabamos d'apontar á sua verdadeira luz.

A patria encerra tudo que ha de mais caro para o homem. Não é só a brisa que balançou nosso leito de menino e os esplendores da natureza que nos cercou de suas galas. É tambem o lar da familia, as sombras amigas, que nos rodearam nos primeiros passos; é sobre tudo a voz que nos acalentou nos choros infantis. Que céo de poesia não se encontra alli!

Hugo, o poeta desterrado, cabeça immensa, onde fuzilam os grandes pensamentos, como fuzilam os relampagos na crista d'altaneira montanha, creou assim, pôde-se dizer, a escola da familia na poesia.

Espirito cheio de crenças, de lealdade e de valor, sua lyra desprende sons altivos ao desenhar o character magnanimo de Ruy Gomes e o vulto soberbo do velho Titan do Rheno, Job o Excoimungado, que içava na torre de seu *burg* um formidavel estandarte de luto, que a tempestade vinha torcer no seu turbilhão negro.

Imaginação arrebatada e voluptuosa, foi buscar no Oriente aquellas imagens graciosas da Grecia, e, ao passo que desvendava com todo o mimo os mysterios encantadores do Harem, tremia d'enthusiasmo no meio d'exhalações guerreiras, acompanhando Canaris na sua barca pelas ondas azues do Mediterraneo.

No entretanto é o mesmo homem que alimentou com seus

cantos e embalou nos seus braços essa outra poesia, tão rica como a primeira, com quanto mais modesta, poesia que não tem como horisonte o céu franjado de nuvens encantadas, porém unicamente as quatro paredes d'uma casa; poesia que não segue o vôo altivo do condor, mas acompanha simplesmente o novello de fumo que se escapa do tecto.

Divina, porém, é ella na sua simplicidade. As luctas do mundo prostram o corpo e o espirito; as agitações convulsivas e burlescas d'isso que se chama sociedade aquebrantam as forças, e no redemoinho da vida bebe-se muita lição de descrença. Então a casa da familia se abre, o peito respira melhor, e a gelidez que se apoderou da alma some-se no meio de pessoas queridas, aos raios vivificantes do fogo domestico.

Hugo, no meio de sua mulher e de seus filhos, canta e chora. E quanta mágoa não foge ao som de seus cantares!

Casimiro d'Abreu, é, como já dissemos, mui feliz n'esse genero.

Lêde aquella ingenua poesia—*Meus oito annos*—e vereis com que amenidade se entrelaçam as lembranças da casa que o viu nascer.

«Oh! dias de minha infancia!
 «Oh! meu céu de primavera!
 «Que doce vida não era
 «N'essa risonha manhã!
 «Em vez das mágoas de agora,
 «Eu tinha n'essas delicias
 «De minha mãe as caricias
 «E beijos de minha irmã.

E depois:

«Livre filho das montanhas,
 «Eu ia bem satisfeito,
 «Da camisa aberto o peito,
 «Pés descalços, braços nus,
 «Correndo pelas campinas,
 «Á roda das cachoeiras,
 «Atraz das azas ligeiras
 «Das borboletas azues.

Minha mãe—é repassada d'uncção e de sentimento.

«De noite, alta noite, quando eu já dormia,
 «Sonhando esses sonhos dos anjos dos céos.
 «Quem é que meus labios dormentes roçava,
 «Qual anjo da guarda, qual sopro de Deus?
 «Minha mãe!»

No Lar—é uma das melhores peças do volume. O coração ahi está todo inteiro.

No Lar—descreve o poeta sua volta á patria: primeiro a alegria, depois recordações intimas, e em seguida entusiasmo sancto, avidez de sol e d'amor. São d'esses versos que se lêem com os olhos humidos.

O desterro teve um fim: eis o proscripto no meio das sombras de sua infancia.

«Eis-me na patria, no paiz das flôres,
 «O filho prodigo a seus lares volve,
 «E concertando as suas vestes rôtas,
 «O seu passado com prazer revolve.

«Eis meu lar, minha casa, meus amores,
 «A terra onde nasci, meu tecto amigo;
 «A gruta, a sombra, a solidão, o rio,
 «Onde o amor me nasceu, cresceu comigo.

«Os mesmos campos que eu deixei creança,
 «Arvores novas... tanta flôr no prado!...
 «Oh! como és linda, minha terra d'alma,
 «Noiva enfeitada para seu noivado!»

Tudo é bello ahi; as reminiscencias apparecem em borbo-
 tões e a alma se refaz n'essa viagem pelo campo do passado.

Quem poderá lêr estes versos de Casimiro d'Abreu, sem sentir um estremezimento no coração?

«E a casa? as salas, estes moveis... tudo,
 «O crucifixo pendurado ao muro,
 «O quarto do oratorio... a sala grande,
 «Onde eu temia penetrar no escuro.»

Quem não terá na vida paginas irmãs d'esta?

«E alli, n'aquelle canto... o berço armado!
 «E minha mana tão gentil dormindo...
 «E mamã a contar-me historias lindas
 «Quando eu chorava e a beijava rindo.»

O resto é prece fervorosa d'amor, hymno de fé e d'esperança.

No *Lar*—é a poesia mais intima e familiar do nosso poeta. Occupar-nos-hemos agora de suas *Brazilianas*.

A poesia nacional brazileira vai deixando pouco a pouco as fórmulas vagas da utopia, e desenha-se aos olhos de todos com os traços firmes da realidade. A nuvem, simples camada de vapores, toma de dia para dia as fórmulas mimosas d'uma donzella.

Da chrysalida pura, muito imaginaria, vai nascendo uma linda borboleta.

A mudança estava na ordem dos factos.

A poesia nacional não é mais do que a epopeia animada, onde se veem gravar as ideias e os costumes d'um povo, e a natureza d'um paiz com suas imagens horrendas ou sedutoras.

Toda a nação tem essa epopeia, livro de paginas particularissimas, e cuja côr é verdadeiramente local, porque suas feições ahi se estampam fielmente, bem como o céu azul ou negro se reflecte no lago, bem como o rosto feio ou bonito se reflecte no espelho.

Parece que a realidade da poesia nacional está hoje sufficientemente demonstrada e geralmente accete.

Com quanto assim seja, muitos ha que duvidam da sua existencia entre nós.

Appella-se para a falta de tradições, diz-se que os costumes não tomaram por em quanto característicos salientes, que o perfil da nação não se acha ainda bem desenhado. Desmentido solenne a essas palavras vai apparecendo a cada momento.

Nossos typos se desenhão, e os costumes se gravam todos os dias com summa naturalidade.

Quanto ás tradições parece que nosso passado não é de todo falho de festas heroicas, que nossa historia offerece ao poeta paginas bellissimas, ricos assumptos de inspiração. D'essa verdade tambem não faltam evidentes provas.

Demais, a raça orgulhosa e valente que nos precedeu n'este solo, deixou-nos ao extinguir-se tanto mysterio sagrado, tanta lenda maravilhosa, que o poeta é obrigado pela fascinação do bello a escrever esses poemas e desenhão esses heroes, agigantados como os de Homero, e ao mesmo tempo

simples e rudes, como filhos que eram das mattas e serranias.

Nem se diga que tal fonte é vedada á poesia nacional e que de modo algum lhe pertence.

São scenas essas que se passaram aqui, onde vivemos, que espargiram seus raios sobre nossos usos, e cuja vida veio em muitos pontos entrelaçar-se á nossa.

Com taes elementos e os denodados campeões que conta em sua phalange, a poeira brasileira vai ganhando terreno.

E assim é necessario.

A soberba rainha, que traja esse manto immenso de campinas bordadas de florestas e montanhas, e cuja corôa são as aguas do rio-gigante, deve ter uma voz sua.

Deve embocar o *boré* para entoar seus cantos de guerra; cantar aos sons compassados do *maracá* os sonhos da indigena mollemente adormecida em sua rêde de pennas, e relatar na lyra os quadros graciosos de nossa vida, acompanhando o gorgueio de nossos passaros.

Em opposição ás nossas ideias, procuram ainda alguns argumentar, considerando a questão por outro lado.

Dizem elles que a verdadeira poesia tem um ponto, um centro, á roda do qual gravitam todas as suas creações: é o espirito, a cabeça, o homem.

D'ahi duas conclusões: a poesia nacional não pôde existir, ou pelo menos a poesia não se deve occupar com as tradições indigenas. Quanto á primeira, porque não recebe o sêllo geral do homem ou antes não reflecte a humanidade, e em ultimo logar quem penetra os profundos segredos das florestas afasta-se inteiramente do ponto em que pôde encontrar essa imagem. Aceitamos o principio e repellimos as conclusões.

A poesia acompanha sempre o homem, quer com o caracter dramatico da grande sociedade, quer sob a influencia de costumes particulares, quer na idade primitiva, quando, filho dos bosques, passeia livremente pela natureza. Por outras palavras: sem despresarmos o cosmopolitismo na poesia, crêmos com fé na sua nacionalidade, e entendemos que o poeta se deve atirar com ardor ao estudo d'essas memorias sublimes, estampadas nos nossos troncos seculares.

Moreninha e *Na Rêde*—são dous lindos ensaios da poesia nacional.

A *Moreninha* é uma composição graciosa, ligeira, expan-

siva como se pôde perceber pelo titulo: todas as sextilhas ahi se acham habilmente ligadas, e não ha uma só que seja destituida de interesse.

Quem lê a *Moreninha*, julga mesmo acompanhar umas dessas interessantes meninas, que passeia no campo a rir e a brincar, saltando pelas pedrinhas e vendendo suas flôres, e tem vontade de exclamar como o poeta:

«Ai! vejam como é bonita
«Com as tranças présas na fita
«Co'as flôres no samburá!»

Admira-se ahi uma paciencia toda natural, e, ao passo que se respira o doce perfumie da innocencia, sente-se uns longes de malicia, porém d'uma malicia candida que enfeitiça.

«Tu és bella, moreninha,
«Sentada em tua banquinha,
«Cercada de todos nós;
«Rufando alegre o pandeiro,
«Como a ave no espinheiro,
«Tu soltas tambem a voz:

«Oh! quem me compra estas flôres?
«São lindas como os amores,
«Tão bellas não ha assim;
«Foram banhadas de orvalho,
«São flôres do meu serralho,
«Colhi-as no meu jardim.»

O poeta, porém, não quer as flôres do samburá, quer as flôres do coração:

«Eu disse então: «Meus amores,
«Deixa mirar tuas flôres,
«Deixa perfumes sentir!
«Mas n'aquelle doce enleio,
«Em vez das flôres, no seio,
«No seio—te fui bolir.»

A menina enrubecida lá foge pelos campos, e, ao contal-o, diz o poeta:

«Tua ias de saia curta,
«Saltando a moita de murta...
«Mostraste, mostraste o pé.»

Moreninha—é das mais mimosas poesias do volume. Deve ser lida por inteiro para convenientemente apreciar-se.

Forçoso, porém, é confessar que a *Moreninha* não está nas condições legítimas de braziliana. Não ha entre nós esse typo de vendedeira de flôres; essa ideia é alguma reminiscencia de Portugal.

É comtudo justificavel o titulo. O poeta não pinta unicamente; de seus attributos o mais sublime é o dom de crear.

Casimiro d'Abreu creou, ou antes collocou, aquella imagem risonha em nossos campos, com as côres e graças de nossas donzellas: viveza de falla, gestos e passos, gosto de discrição, tudo é nosso.

Por isso mesmo não lhe perdoamos o ter encontrado sua *Moreninha* á fresca sombra do *til*. Não deixa de destruir um pouco a naturalidade da scena.

É tambem digna de nota a poesia intitulada—*Na Réde*. A harmonia do verso é compassada e exprime perfeitamente a languidez da virgem, que se embala, dormindo, n'essa cama engraçada das florestas.

Na Réde—traz á lembrança a voluptuosa *Sara la Baigneuse* das Orientaes.

Temos ligeiramente apreciado o primeiro livro das *Primaveras*. Vivemos alli na graciosa quadra da infância;—passemos por agora aos arroubos ardentes da mocidade.

É no segundo livro que o poeta se expande em fervorosos cantos de amor.

Todo o poeta sente absoluta necessidade de prender ao coração a imagem feiticeira d'uma mulher, que seja uma d'essas fôrmas aéreas e vagas que vem reclinar-se á nossa cabeça, que seja um d'esses entes divinos que andam e sentem, e nos murmuram ao ouvido segredos que só o coração entende.

Realidade ou sonho, é preciso que essa imagem exista.

Qual dos poetas não almeja possuir esse ramo de ouro para penetrar os segredos de além-mundo!

Não nos referimos unicamente áquelles que passam a vida sob a impressão magnetica d'um raio de lyrismo; não fallamos unicamente d'essas figuras pallidas de Azevedo e Novalis, que, segundo a phrase de Blaze de Bury, não fizeram mais do que entoar tristemente um hymno no jardim da poesia.

Não; é mesmo d'esses, em cujo cerebros está sempre em fusão alguma ideia portentosa; é dos poetas que vão estudar a humanidade com seus problemas e o mundo com seus labirintos.

Espíritos profundos, nem por isso se esquivam á lei do coração e pagam seu tributo da melhor boa vontade.

Garrett, em um de seus livros mais espirituosos, fallando sobre a influencia do amor, acaba por estabelecer a regra—que todo o poeta deve andar sempre namorado.

Compreende-se perfeitamente.

O coração do poeta é immenso, necessita d'um sentimento immenso. É uma machina gigantesca, que deve trahar com material equivalente. Do contrario, ou permanecendo em vergonhosa inercia, suas numerosas e delicadas molas gastar-se-iam miseravelmente.

Verdade é que Garrett com seu principio parece exigir para o amor do poeta uma creatura em carne e osso; a tanto não chegamos nós; mas enfim curvamos a cabeça ao mestre.

Deixemos de lado certos espiritos com pretensões a uma seriedade absurda, que criticam as doces emanações do coração do poeta, e que para distrahir-o lhe apontam unicamente horisontes vastissimos, que nem mesmo elles enxergam. São vozes que não acham ecco, nem nos jardins da natureza, nem nos recantos da alma.

Em quanto a poesia fôr filha do sentimento, o poeta deve-se abraçar ao amor. Como Lamartine, Casimiro d'Abreu tem a sua *Graziella*.

O segundo livro está cheio de primorosas canções, em que se bebe o halito puro d'um peito de virgem, e se sente o vivo pestanejar d'uns olhos pretos.

Observam-se dous coloridos distinctos nas composições amorosas do joven poeta.

Umás são effluvios sagrados, solemnes mesmo, que rechemtam do peito no ardor da paixão; outras são inspirações joviaes, facetas, moduladas junto ao sagrado objecto d'um amor candido e familiar.

Nas primeiras está o canto de amor — *Pepita, Visão*, etc.; e nas segundas, — *Scena íntima, Segredos* e mais algumas.

A bella poesia intitulada *Primaveras*, saudação ás flôres do coração e ás flôres do campo, encerra o pensamento do segundo livro.

«Alegre e verde se balança o galho,
 «Suspira a fonte na lingoagem meiga,
 «Murmura a brisa:—Como é linda a rosa!
 «Responde a rosa:—Como é doce o orvalho.»

E assim acaba:

«Na mocidade, na estação ferosa,
 «Ama-se a vida, e a mocidade é crença,
 «E a alma virgem n'esta festa immensa,
 «Canta, palpita, s'extasia e gosa.»

Seria por demais inutil analysar as boas producções que se encontram n'esse livro: além de serem em grande numero, a simples leitura revela todo o seu merito. Fallaremos sómente de algumas, e rapidamente.

O canto de amor é a oração pura que os labios tremem aos pés de uma mulher. A corda do amor é essencial na lyra do poeta, e tem sido vibrada em todos os tempos; por isso vai-se tornando cada dia mais difficil a poesia amorosa. O sello da originalidade em taes casos não é cousa de pouca monta.

Casimiro d'Abreu tem a habilidade de fallar do amor quasi sempre, como d'uma materia nova.

O canto do amor é melodioso e sublime.

É admiravel a phrase elegante do poeta; não é como a onda que sahe das profundezas do abysmo e se atira ás nuvens; é antes como a lymphá cristallina, que vai murmurando através do valle.

«Oh! vem depressa, minha vida fuge...
 «Sou como o lyrio, que já murcho cahe...
 «Ampara o lyrio, que inda é tempo hoje,
 «Orvalha o lyrio, que morrendo vae!»

Pepita—distingue belleza de fórma e escolha de imagens: tem certo ar de indolencia que diz muito bem a uma revelação de amores n'este abençoado clima tropical.

«Minb'alma é um mundo virge', ilha perdida
 «Em lagos de cristaes;
 «Vem—Pepita—Colombo dos amores—
 «Vem descobril-o, no paiz das flores,
 «Sultana, reinarás.»

Na Visão—narra-se o nascimento d'uma paixão; talvez seja a poesia mais natural do volume, tanto nos sentimentos, como na construcção e rima.

Uma Noite—o poeta vê passar entre as gallas da festa o rosto virginal de uma creança, e assim diz:

«Eu olhei, ella olhou... doce mysterio!
 «Minh'alma despertou-se á luz da vida,
 «E as vozes de uma lyra e de um piano
 «Juntas se uniram na canção querida.»

O poeta descuidou-se—a sombra fugiu:

«Não voltou; talvez ella adormecesse
 «Junto á fonte, deitada na verdura,
 «E sonhando a creança se recorda
 «Do moço que ella viu e que a procura.»

E no fim:

«Onde foste, visão de meus amores?
 «Minh'alma sem te vêr louca suspira!
 «—Nunca mais unirás, sombra encantada,
 «O som do teu piano á voz da lyra?!»

Sempre sonhos—é uma aspiração fogosa ao céo dos amores. É a historia de tudo que faria o poeta ao anjo da sua vida, se por ventura podésse pender a fronte sobre o seu collo. Como é sentida esta promessa.

«Eu velára, Senhor, pelos seus dias
 «Como a mãe véla o filho que dormiu,
 «Se um dia ella soltasse um só gemido,
 «Eu iria saber porque ferida
 «Seu seio assim boliu!»

Um pequeno parenthesis. Muitas vezes o poeta, levado pela inspiração, emprega certas phrases, que sem quebrar ou destruir a ideia geral, comtudo são fóra de sentido.

Nem sempre se esparze, principalmente quando ha belleza, mas nem por isso deixam de ser impropriedades.

Por exemplo, n'esta rica poesia—*Sempre sonhos*—, lê-se no fim da penultima estrophe, quando o poeta falla de si e de seu amor:

«Nós, dous cysnes vagando em manso lago,
«Amor—nossos bateis.»

São duas ideias que não se abraçam; para que os cysnes com os bateis? É um verso que cahiu da penna insensivelmente. Está fechado o parenthesis.

Especial menção merece o—*Amor e Medo*. *Amor e Medo* é poesia de primeira ordem. Ahi mostra o poeta a razão da affectada frieza a seu idolo:

«És bella—eu moço,—tens amor, eu medo.»

Ha quadras lindissimas, por onde se vê a habilidade de versificação de que dispõe Casimiro d'Abreu; é admiravel a multidão de pensamentos que elle encerra em um só verso.

«Aii! se eu te visse em languidez sublime,
«Na face as rosas virginaes do pejo,
«Trémula a falla a protestar baixinho...
«Vermelha a bôca, soluçando um beijo...

«Dize—que sina da pureza de anjo
«Das vestes alvas—do candor das azas?
«Tu te queimáras a pisar—descalça,
«Creança louca,—sobre um chão de brasas.»

E esta imagem é lindissima.

Amor e Medo—é uma revelação *franca* de mais; porém é revelação feita com muita arte.

Scena intima—é uma scena de ciumes, de arrufos, como se diz vulgarmente; o anjo está zangado com o poeta; com toda a graça se offerece em holocausto para pagar seus peccados.

«Prende-me... n'estes teus braços
«Em doces, longos abraços
 «Com paixão.
«Ordena com gesto altivo
«Que te beije este captivo
 «Essa mão.

«Mata-me sim... de ventura
«Com mil beijos de ternura,
 «Sem ter dó.
«Que eu prometto, anjo querido,
«Não desprender um gemido
 «Nem um só.»

O Juramento—é gracioso e cordial: é um juramento de dar quarenta beijos por dia e dez abraços por hora; *Segredos*—é a semi-confissão de seus bellos amores.

Quando—é um interessante dialogo, cujas personagens não é necessario dizer: é uma conversa sobre o passado;—*ella* lembra-se de tudo; porém no fim a memoria fraqueia.

«Como tremias—allí, vida,
 «Se em mim os olhos fitavas!
 «Como eras linda—querida,
 «Quando de amor suspiravas
 «N'aquella encantada aurora,
 «Ora!

«E diz-me:—não te recordas
 «—Debaixo do cajueiro—
 «Lá das lagôas nas bordas
 «Aquelle beijo primeiro?
 «Já o dia ia findando...
 «Quando?!»

O segundo livro das *Primaveras* está assim cheio de bellas paginas: uma abundante e facil maneira graciosa de apresentar as imagens, comparações riquissimas, são qualidades que ahi se observam a cada passo.

Não é sem commoção que passamos a tractar do terceiro e ultimo livro das *Primaveras*.

Como dissemos, o final do volume é repassado de tristeza. As scenas da infancia ha muito que se acabaram, e só entre harmonias sentidas é que vem um ou outro canto sereno.

É o orgão sonoro que acorda o immenso templo da natureza com hosannas de amor, e que termina lentamente em surdo murmúrio, no meio de notas graves e solemnes.

É a lua, que por uma bella noite de estio, trocando seus raios de amor com os olhares pensativos de alguma virgem, ou alumando um rosto de mancebo na febre de insomnia, vai finalmente sepultar-se pallida e descórada no incio da floresta escura.

Apparece ahi por vezes um sorriso, alguma nota alegre, que o orgão deixa escapar entre soluços, algum raio vivo, que a lua desprende á sua morte.

É unicamente no principio, porque o *Livro Negro* é

todo elle sombrio, pesaroso e dominado por uma dôr profunda. O *Livro Negro*, é o ultimo arranco de agonia.

Minh'alma é triste—é a poesia mais tocante do começo do terceiro livro. É assim realmente que se falla quando a dôr nos abraça:

«Minh'alma é triste como a voz do sino
 «Carpindo o morto sobre a lagem fria,
 «É doce e grave qual no templo um hymno,
 «Ou como a prece ao desmaiar do dia.

«Se passa um bote com as vélas soltas,
 «Minh'alma o segue n'amplidão dos mares;
 «E longas horas acompanha as voltas
 «Das andorinhas recortando os ares.

«Ás vezes louca, n'um scismar perdida,
 «Minh'alma triste vai vagando á tôa,
 «Bem como a folha que do sul batida
 «Boia nas aguas de gentil lagôa!»

Já tivemos occasião de fallar na belleza de comparações que se encontra nas *Primaveras*; teem quasi todas um caracter de singeleza e de candura admiraveis.

«Como a creança, que banhada em prantos
 «Procura o brinco que levou-lhe o rio,
 «Minh'alma quiz resuscitar nos cantos
 «Um só dos lyrios que murchou o estio.»

Ou então:

«Ai loucos sonhos de mancebo ardente!
 «Espr'anças altas... Eil-as já tão razas!
 «Pombo selvagem quiz voar contente...
 «Feriu-me a bala no bater das azas.»

A côr *lamartiniana* espalhada n'este triste painel, não se desmente nunca: o verso é cadenciado e terno, murmurando um queixume da alma.

Minh'alma é triste—não é uma conjuração negra do destino, blasphemia no meio de imprecações; é uma lamentação branda e melancolica.

Não é o hymno em que se grita de raiva, é o hymno em que se chora de dôr:

«Dizem que ha gôsos no correr da vida...
 «Só eu não sei em que o prazer consistel
 «No amor, na gloria, na mundana lida
 «Foram-se as flôres, a minh'alma é triste.»

A morte de Messeder—é tambem composição notavel; a saudação a *Macedo Junior* prima pelo vigor do pensamento, e, com quanto saudação frenetica, o poeta ahi derramou algumas côres negras, sempre que falla de si.

Palavras a alguém—está escripta com muita verdade: é um conselho dado de coração.

Fallando a *esse alguém*, diz o poeta:

«Conchinha das lisas praias,
 «Nasceste em alvas areias,
 «Não corras tu para os charcos,
 «Arrebatada nas cheias.
 «Os teus vestidos são brancos,
 «Olha que tu te enlameias.»

O Baile—tem seus leves toques de ironia. Quadra perfeitamente a essas donzellas, que no vergel da mocidade, podendo aspirar o doce perfume que exhalam as flôres do céu e cultivarem um amor puro e sancto, que Deus abençoa, gastam toda a sua attenção no salão do baile, seus sonhos na walsa desenfreada, e assim deixam correr seus dias entre um elegante *psyché* e os babados d'um vestido novo.

O coração para ellas é cousa inutil; pôde bem ficar em casa guardado na caixinha das joias.

Pobres creaturas! Preferem o resplendor do lustre á luz serena da divindade da noite, e sabe Dens quanta nuvem de poeira não vai morrendo n'essas almas de creança.

Tornam-se ainda recommendaveis no terceiro livro *A Ilusão*, *Uma Historia*, *No Leito* e outras mais.

Dissemos que ha seus vislumbres de prazer aqui e acolá: *Sonhando*—é uma prova de nossa asserção. Ao lado da scena contemporanea ha a scena dramatica intitulada—*No Jardim*.

«Ella estava sentada em meus joelhos,
 «E brincava comigo, o anjo louro,
 «E passando as mãosinhas no meu rosto
 «Sacudia, rindo, seus cabellos d'ouro.»

Apparece uma borboleta.

«Toda azul como os olhos grandes d'ella,
 «Oh como é linda, disse o louro anjinho
 «No doce accento da virgínea falla;
 «Mãe me ralha se eu ficar cansada;
 «Mas, dizia a correr, hei de apanhal-a.»

A menina corre e o poeta extasia-se no brinquedo infantil.

«Jam, vinham á roda das acacias
 «Brincavam no rosal nas violetas,
 «E eu de longe dizia:—Que doudinhas!
 «Meu Deus, meu Deus! são duas borboletas.»

O *Livro Negro* agradou-nos summamente.

Dôres—é poesia de primeira ordem, não só pelo lado do pensamento, como pela convicção e alma com que foi escripta.

É das poesias que mais nos impressionaram.

«Ha dôres fundas, agonias lentas,
 «Dramas pungentes que ninguem consola,
 «Ou suspeita sequer!
 «Mágoas maiores do que a dôr d'um dia,
 «Do que a morte bebida em taça morna
 «Dos labios de mulher!»

Não são as dôres que se experimentam por causa de uma sombra que nosso amor procura, a que o poeta se refere.

«Doces fallas de amor, que o vento espalha,
 «Juras sentidas de constancia eterna
 «Quebradas ao nascer;
 «Perfidia e olvido de passados beijos...
 «São dôres essas que o tempo cicatriza
 «Dos annos no volver.»

O coração suspira, é verdade, a fronte abate-se.

«Mas depois outros olhos nos captivam
 «E loucos vamos em delirios novos
 «Arder n'outra paixão.»

Então diz o poeta:

«Não! a dôr sem cura, a dôr que mata,
 «E moço ainda a perceber na mente
 «A dúvida a sorrir!
 «É a perda dura de um futuro inteiro
 «E o desfolhar sentido das gentis corôas,
 «Dos sonhos do porvir!»

E assim vai descrevendo em versos plangentes, e ao mesmo tempo altivos, a mágoa profunda, sob cuja influencia funesta uma alma joven succümbe pouco e pouco.

A compressão moral começa a esmagar o peito: o coração vai perdendo todo o viço—os lábios descóram e o suicidio nos acena ao longe.

E o que acontece...

«Ergue-se a taça do festim da orgia,
«Gasta-se a vida em noites de luxuria,
 «No leito dos bordeis,
«E o veneno se sorve a longos tragos
«Nos seios brancos e nos labios frios
 «Das languidas Phrynés!»

E mais adiante:

«A dôr se apaga no fervor dos vinhos,
«E no regaço das Marco-modernas
 «É doce então morrer.»

Ainda não é tudo. Falta o mundo, que faz o mesmo officio que o côro na tragedia antiga: está sempre de observação para approvar ou reprovar. Porque leis? Por leis que só elle entende.

Personagem sêcco, frio, estúpido, seu rosto de bronze se contrahe ás vezes por um sorriso sardonico e com braço de ferro esmaga os criminosos, que fazem oscillar um pouco sua balança infernal.

«Depois o mundo diz:—Que libertino!
«A folgar no delirio dos alcouces,
 «As azas empanou!
«Como se elle, algoz das esperanças,
«As creanças infantis e a vida d'alma
 «Não fosse quem matou.»

O mundo! o mundo! É a grande palavra de todas as questões, é a grande questão de todos os dias.

Que importa ser esse legislador mau como um espirito infernal e falso como a mentira? Ha de ser respeitado sempre. O que ousar perguntar-lhe em face com que direito falla, vêr-se-ha immediatamente condemnado a um ostracismo perpetuo; proteste-se enibora, falle-se em Deus,—na razão;—são pala-

vas ôcas, a sentença ha de cumprir-se, porque o mundo vale mais que tudo isso.

O canto do *Livro Negro*, que começa:

«Pobre creança, que te affliges tanto,
«Porque sou triste, se chorar me vês,
«E que borrifas com teu doce pranto
«Meus pobres hymnos sem calor talvez,»

é como as outras do mesmo livro, intima e profunda.

* *Ultima folha*—é a ultima falla entrecortada de soluços; é o ultimo grito de estertor em um leito de dôres.

É a ultima voz, e por isso lenta, grave e meio abafada.

Ultima folha—é digno remate do *Livro Negro*.

Agora, que temos summariamente examinado as *Primaveras*, aventuraremos algumas ideias a respeito de sua ultima parte, considerada no ponto de vista artistico.

Apparece hoje uma classe de falsos regeneradores, com mania de classicos, que pretendem arrancar á poesia certos attributos, que para elles são gravissimos defeitos.

São paladinos *aquichotados*, que querem livrar o tabernaculo sagrado da arte, da injuria dos vandalos litterarios. Além d'outras cousas, entra nos seus planos guerra encarnicada aos poetas *sombrios*, como elles chamam.

Entendamo-nos.

A poesia, filha do coração, é a sua voz, seu ecco, e como tal os sons que desfere sempre devem ser fieis. Se o coração pula, a penna corre pelo papel, e ahi deixa estampado um hymno de felicidade e de gratidão.

Se o coração se contrahe, o hymno necessariamente é de mágoa.

Por isso não admittimos que se condemne com epithetos ridiculos o poeta, que sem rebuço, candida e naturalmente, vem contar-nos o que sente. Será possivel que se queira banir do mundo a dôr, a imagem negra que vem sentar-se a nosso lado no quarto ou nos festins ruidosos, e que nos abraça mesmo quando dormimos?

Não, certamente; seria até irrisorio dizel-o: por conseguinte tal condemnação é injusta.

Não queremos justificar os vôos infructiferos dos imitadores de Byron: como todos os imitadores, tonteiam e perdem-se lá nas alturas. Porém não consentimos que se lance o estigma sobre os poetas, que, compungidos, exhalam sua alma em

canticos sonoros, relatando martyrios que talvez não possam ser consolados por uma voz de amigo.

Ah! não: deixai que na poesia pelo menos o coração se espraie sempre; deixai o poeta contar tudo que o impressiona; não leveis a mal que seus labios murmurem uma canção de agonia; a mal porque?

«Tu és homem, *donc tu souffres*» diz Chateaubriand, e ha de dizer-se ao poeta: «tu não tens direito de chorar?»

Não, meus senhores, não queremos affectação e estudo de sentimentos, mas sim a naturalidade e um raio de fogo divino: havendo isso, admiramos o poeta quando elle ri, e abraçamol-o quando elle chora.

É nossa regra.

Comprehendemos toda a grandeza e liberdade da arte, e jámais desculparemos a esses, que á capa de regeneração, querem tirar-lhe o que ella tem de mais sublime, para depois sujeital-a a principios acanhados e absurdos.

A arte fez-se com o genio, e como tal é livre e é immensa.

Seguimos a opinião do chefe da escola romantica em França, ou antes do *liberalismo litterario*. Quando se examina um livro não se tracta de saber se o assumpto é bom ou mau; porém se está bem ou mal desenvolvido. Ou antes, todos os assumptos são bons.

Ainda algumas observações sobre as *Primaveras* e tere-mos concluido.

Casimiro d'Abreu tem seus defeitos como todos os poetas.

Uma das censuras que se lhe póde fazer é o emprego de certas imagens estranhas á nossa natureza.

Elle, que sabe tão bem colorir seus versos com as côres de nosso céu e de nossos campos, para que nos ha de fallar por vezes—em *rouxinol*, em *carvalhos* e cousas semelhantes? Por ventura falham-nos imagens seductoras e expressivas? Não é tão esplendido nosso solo, e não offerece elle ao poeta um campo tão vasto e tão rico para suas phantasias?

Bem sabemos que Casimiro d'Abreu assim falla uma vez ou outra, em razão de ter habitado por algum tempo paiz estrangeiro; porém, não importa, deveria servir-se unicamente d'essa linguagem tropical, que diz tão bem a nossos versos.

Em maior falta incorre o poeta, quando na mesma composição colloca lado a lado os objectos de duas naturezas tão diversas. Por exemplo:

«A gôta de orvalho
 «Tremendo no galho
 «Do velho *carvalho*.
 «Nas folhas do *ingá*.»

A rima do joven poeta é uma de suas qualidades mais salientes; é sempre natural e azada. Porém não podemos deixar de pedir-lhe que se abstenha de rimar *mãe*, porque a rima com as palavras em *em* é inteiramente forçada. Na poesia—*Canção de Exilio*, assim diz elle:

«O paiz estrangeiro mais bellezas
 «Do que a patria não *tem*,
 «E este mundo não vale um só dos beijos
 «Tão doces de uma *mãe*.»

É isso commum nos poetas portuguezes; porém não podemos acompanhá-los de modo algum.

Outras pequenas faltas tem Casimiro d'Abreu; mas são faltas de cantor na primeira idade, que o tempo dissipará, e sobre as quaes não vale a pena fallar.

O poeta das *Primaveras* pôde incorrer na pecha de repetir algumas vezes suas imagens; nós consideraremos tal tendencia como defeituosa, desde o momento em que se nos mostrar um poeta que não tenha suas imagens favoritas.

Bem entendido, não queremos o abuso de tal liberdade, porque então revela-se pobreza de imaginação e falta de bom gosto; porém a repetição com certos limites, como nas *Primaveras*, não indica nem uma nem outra cousa.

Além d'isso, nas *Primaveras* ha mais d'uma rosa e mais d'um sabiá.

Rematando aqui nosso trabalho, não podemos deixar de soltar um grito de enthusiasmo e sympathya ao nosso poeta.

O Brazil é um paiz cheio de vida; o campo da poesia é vasto como o infinito, e ahi está em eterna florescencia, apesar de seus eternos exploradores; o talento tem por estrella o olhar do Eterno. Por tudo isso esperamos que Casimiro de Abreu, coração de fogo e cabeça pensadora, verá um dia seu nome gravado no nosso pantheon litterario.

Damos agora um abraço de irmão ao poeta no meio das flôres de suas *Primaveras*; oxalá que possamos fazer o mesmo quando vier o outomno com seus fructos dourados.

Rio—10 de fevereiro de 1860.

PEDRO LUIZ P. DE SOUSA.

AS PRIMAVERAS

DE

CASIMIRO DE ABREU

Mais um livro no mundo das letras patrias, mais uma centelhasinha luminosa no céu azul d'esta terra bemfadada, porém eivada já de descrença e desalento no verdor dos annos, porque desprovida d'animação entibiam-se as forças, mingam-se as esperanças e esvae-se a fé no futuro, porque o presente é fricirão e desanimador para tudo, menos para o vapor, que com sua velocidade nos tem trazido o aqodamento de fazer fortuna depressa. Collocam-se trilhos ainda sobre pedrouços desabridos, que nos conduzam a Californias e Australias, e deixam-se em desaproveitamento e cobertas d'urzes estradas de boa viação, que nos levem a arcopagos, que nos alumiem a intelligencia e que nos enriqueçam as nossas amesquinhas e esquecidas bibliothecas.

Bem vindo seja pois o livro das *Primaveras*. Casimiro de Abreu é um operario do futuro, carrega sobre seus hombros um pedaço da cantaria lavrada e facettata a cinzel, que ha de um dia ajustar-se ao edificio da litteratura patria. Mas ai! que lhe não soprem lufadas desabridas, que desfolhem e matem a florinha, que desabrocha a custo sob a pressão gélida d'uma indifferença esterilizadora.

Thomaz Chatterton morre de cansaço e de descrença aos 17 annos d'idade! Oh! que primavera fôra a d'aquelle prodigio sublime de precocidade nos vôos do genio; que decepções não experimentou o archanjo, que d'um céu de sonhos dourados viera conspurcar as azas candidas n'um mundo de loucuras, de torpezas, e desenganos! André Chénier morre aos 32 annos, porque a alma nobre e generosa do poeta lavrara um protesto solemne contra a sêde de sangue dos monstros da revolução franceza, e como o cysne nos trances do passamento,

soltára as ultimas notas do canto magestoso dos anjos, cercado já do ether luminoso da eternidade, que transmite de geração em geração o zêlo indelevel da immortalidade e da veneração para as victimas dos homens abastardados de coração e desagradecidos d'animo.

Dutra Mello, Alvares d'Azevedo e Junqueira Freire, passaram como meteóros luminosos em noite caliginosa; mas deixaram apoz de si longo esteiro de luz; seus nomes estão cercados da auréola da gloria, que a não mareia o indifferentismo dos homens glaciaes, idolatras das divindades dos Midas e dos Cressos.

Ai, não roubem ao poeta seus sonhos dourados; não gastem os perfumes inebriantes da flôr de suas crenças; não lhe apaguem o lume que Deus lhe pozera no coração; deixem-n'ó que viva elle no seu mundo innocente e arrebatador, que o alinde de miragens multicôres, que o povoe de fadas seductoras, que o opulente de pompas e de folguedos, e que dos angulos de seu edificio lhe respondam harpas inspiradas pela melodia dos anjos, que não deixem morrer os cantos, entorpecidos pelo desalento.

Primavera, época de flôres e de perfumes, symbolo de primicias e de juventude; sendal dourado que esconde entre côres deslumbrantes e phantasticas o inverno de hontem, e que faz esquecer por alguns momentos com suas pompas e atavios o inverno que ha de vir com seus nevoeiros negros, com suas tempestades desencadeadas, com seu descrer, pela desnudez d'alma, que vai colher á farta desillusões esterilisoras e aborridas.

Primaveras—Eis pois o livro com que nos mimoscia Casimiro d'Abreu. É o repositorio de seus sonhos de poeta joven a quem a natureza deu muito e a arte pouco, porque suas vocações foram transviadas, suas aspirações foram estorvadas; aguia, já na infancia aquilatou suas forças, ensaiou seus vôos, adejou sobre regiões altas e livres, pairou algum tempo, e lá de cima soltou alguns threnos do devanear d'alma do que nascera poeta e queria amplidão para satisfazer á necessidade de seus instinctos; quando porém descera de seus primeiros vôos, agourentaram-lhe as azas, pozeram-lhe peias, e os vôos ficaram tolhidos pela pressão esmagadora d'uma atmospherá de ferro. Eis Casimiro d'Abreu, eis uma vocação senão perdida «porque tudo póde Deus, e muito o genio» ao menos fanada

e transviada pela contrariedade que o tolhe, o enerva e lhe recheia de torturas o coração, que ulcerado, solta gemidos com Harvey e Eduardo Young em lugar de desatar-se em risos e delícias com Moscho, Sapho e Anacreonte.

Como todo o livro de canções, é o de Casimiro d'Abreu um complexo de folhas soltas, pôde apanhar-se uma ou outra sem que o vergel soffra em sua symetria e harmonia. A florinha singela e pallida do resedá, a soberba e aprimorada magnolia, a humilde trepadeira silvestre, a esplendida e fragrante rosa, a modesta violeta que se esconde, o jasmim d'Italia que se ostenta orgulhoso de seu perfume, tudo se acha enovelado no jardim, e n'esta agglomeração consiste sua mais aprimorada louçainha, sua mais culminante e seductora belleza.

As canções são inspirações de momento e trovadas de jacto; o objecto que as inspirou embebe-se inteiro nas suas estrophes e fecha-as com o que tem de melhor; não se espaçam, nem se pejam de circumloquios e sobegidões. O azul do céu; o astro do dia, os astros da noite, o alcantil ennegrido das montanhas, a alcatifa verdejante dos campos, o perpassar preguiçoso do regato, que serpêa e rumoreja, o mar, que tumultuoso róla incessante suas ondas alvacentas no rochedo da encosta, o bramir do trovão, a brandura das auras matinaes, o gorgeio dos passarinhos, o amor casto e puro, ou antes o ideal do amor, tudo arrebatá, tudo extasia, tudo enche o peito do poeta, tudo o inspira.

Cada um d'estes objectos, cada hora de meditação, cada circumstancia da vida, desenhá um quadro differencial, modelado diversamente, diversamente colorido, adreçado e recamado com donaires e louçainhas de galas e folguedos, ou com o dó e desatavios de mágoas e pesadumes. E no entanto as lagrimas teem sua poesia solemne e sublime. A côr melancolica, que repassa o canto, tem tanta suavidade, tanta unção, que interessa e arrebatá. Essa contenção do espirito, que perscruta os entre-seios d'alma e lhes arranca os segredos intimos, tem tanta sanctidade, que nos desperta tambem sentimentos nobres, porque desapega o homem das impurezas terrestres e o eleva á contemplação do infinito e com ella á ideia suprema da omnipotencia. E no entanto, na placidez, na tranquillidade, no silencio, há muita poesia. O arrebol duvidoso que precede o bruxolear da manhã, tem mais poesia que o sol no meridiano opulento de raios deslumbrantes; a

sua côr de prata subindo vagarosa pelo campo azul do céu recamado de globos que fulguram em uma noite serena, tem encantos como um seio de virgem palpitando a um primeiro amor; o regato que foge manso e manso rumorejando a medo, escondendo-se na selva da campina namorado pelo enxame de borboletas iriantes que o beijam, recuam e voltam a fruir novos gòsos, tem mais poesia que o mar desenfreado bramindo de furor; na mudez da selva, nos perfumes das flôres silvestres, no gorgueio amoroso do sabiá sobre o leque das palmeiras, ha mais poesia que nos saraus das cidades, no ruído estrepitoso dos carros e nas musicas estrondosas dos amphitheatros.

As Primaveras—Oh! sim, tenho este florilegio diante dos olhos, vou colher as flôres que n'elle se enfaixam, ligadas por fios côr de rosa, mas por vezes entressachadas com a côr sombria do azedume e com a pallidez morbida do desalento.

Temos como certo que a poesia hodierna com seus vòos liberrimos, não quer nem pôde aceitar as classificações, preceitos e mandamentos caprichosos da arte antiga. A escôla nova, em via de desenvolvimento e de progresso, ainda não foi rigorosamente firmada e definida; refutam-se accepções varias e contradictorias ácerca da noção genuina da escôla dita romantica. O pensamento vòa á vontade; sem peias não conhece os senatusconsultos d'outras eras; é revel aos codigos velhos e obsoletos; cavalleiro truanesco da idade media, vai pelo mundo com sua cóta d'armas e capellina, com seu broquel e lança em cata d'aventuras, não se subordina a generos exclusivos, nem se estreita nos moldes homericos, aristotelicos e horacianos.

Modulam-se canções d'amores, entôam-se dithyrambos nos festins ruidosos, descrevem-se as scenas da natureza campezina, geme-se de dôr nos luctos e pesadumes da elegia; tudo isto se enfaixa, tudo isto se associa, tudo vem como ramilhetes cheios de variedade; ao lado dos goivos e da saudade veem as rosas festivas dos noivados e dos saraus; não se tem julgado a poesia nova obrigada á regularidade e symetria das estancias, como querem antigos; em compensação porém a melodia rhythmica tem chegado ao mais requintado grau d'aperfeiçoamento, a cadencia metrica parece haver tocado a méta do primor artistico: dão-nos excellentes exemplos e modelos Antonio Feliciano de Castilho, João de Lemos e alguns outros.

Almeida Garrett é o Moysés portuguez da litteratura nova; conduziu os Israelitas á terra da promissão; deixou-lhes o Genesis para a reformação, insinuando-lhes (como outros já o haviam feito) a sacudir o jugo de prácticas pagãs; porém aquella montanha immensa, que não podia conter o fogo que ardia em seu seio, tinha explosões amiudadas e as lavas multicôres e luminosas que se succediam, projectavam-se por todos os caminhos, que nem tempo havia para affeição estradas, nem para recamar e aprimorar leitos para tão magestosos hospedes, e por vezes a familia soberana dos sonhos e devaneios d'um dos maiores poetas do nosso seculo, caminha com suas vestes roçagantes de purpura e d'ouro sobre asperezas e algares pouco aproveitaveis; mas emfim o mestre não dava contas, creava o seu mundo como lhe aprazia: os reformadores soem ser excessivos; é sestro antigo e quiçá providencial. Casimiro d'Abreu acceita esta direcção; as *Primaveras* parecem-nos filiadas a esta escola. O seu primeiro livro contém saudades da patria; é a nostalgia poetica; é o gosto amargo d'infelizes; o pungir delicioso d'acerbo espinho. Este sentimento mavioso, que tem por séde um peito que muito amou, e que ama ainda, e que não póde voar, não póde franquear o espaço para abraçar tantos objectos que o arrebatam; é por certo uma mina de opulencia inesgotavel para cantos; sensibilisa sempre; move affectos com uma ternura merencorica, difficil de definir.

Se Casimiro d'Abreu não pôde encontrar veiros dos mais fartos e opulentos, não é culpa sua, nem tão pouco o será de qualquer outro; é que Gonçalves Dias, mais feliz, opulentou-se escavando e apropriando-se de grande somma de preciosidades com que realça e aprimora seus carmes a duas mil leguas das montanhas verdes do paiz natal.

É necessario cavar muito fundo para achar a béta tão bem explorada; demais, as canções do exilio foram trovadas por um joven que ainda tinha visto e ouvido pouco; eram vôos do espirito, repassados de dôr intima, na ausencia do que lhe era mais caro; eram effluvios das flôres do genio ao despontar de uma primavera precoce.

Ao primeiro livro seguem-se algumas poesias a que o author denominou *Brazilianas*. Fôra sem dúvida intento seu desenhar n'estes quadros as luzes e sombras do *ninho seu paterno*, e dar-lhes o que em linguagem hodierna se diz—côr local—; por outra, imprimir n'estes cantos o character nacio-

nal, ou typo americano. Empreza difficil e ardua nos parece o extremar estes arraiaes. Com a mesma linguagem que de nossos avós herdamos, com a mesma indole; habitos, usos e costumes identicos, a mesma civilisação; quando tudo nos vem cahindo paralelo, ao par e ao passo, não acreditamos em separação de provincias litterarias com typos e caracteristicos differenciaes; nem crêmos que meia duzia de nomes proprios e appellativos e a descripção de ceremonias e lithurgias barbaras e achavascadas, colhidas sabe Deus como, adivinhado o resto, possam ser os marcos da extrema de arraiaes litterarios; mas, enfim, nem todos assim pensam; deixemos a cada um seu livre alvedrio, nem a nosso proposito vem questão de similhante jaez; passemos pois ao assumpto que nos chama a terceiro e sejamos breve.

A primeira poesia d'esta collecção tem por titulo *Moreninha*; é em metro de sete syllabas, está bem trovada em sextilhas, rimando desaffrontadamente de dous a dous versos, e terminando artisticamente sempre em agudo, o que em verdade lhe dá primor; com todas estas bellezas de fórma, é contudo a moreninha do nosso poeta um typo que não conhecemos, porque não o temos como nol-o pinta. Uma joven que enrubece ao mais ligeiro cortejo, com suas tranças graciosamente ataviadas de fitas, com suas flôres no samburá, rufando seu pandeiro, sentada n'um banquinho da praça publica, esperando que lhe venham feirar as flôres, será um bello sonho, uma criação phantastica bonita; existirá esse typo algures, mas nós sem dúvida o não possuímos. As demais poesias d'esta collecção são mais ou menos graciosas e em diversas metrificações. No encalço das *Brazilianas* vem o segundo livro; ali deparamos nós com bellas poesias, pensamentos arrojados, elegancia de fórmas, symetria nos delineamentos, corrección nos contornos; é um jardimzinho bem traçado e caprichosamente alinhado por um desenho feliz; seus cantecinhos estão symetricos, e seus alfobres deixam correr graciosamente as aguas que vicejaram o plantio e que fizeram brotar tão amenas flôres em manhã de primavera.

O primeiro canto que se nos offerece aqui é um hymno á primavera; é em quadras de medida saphyca, rimando os dous extremos entre si, assim como os dous meios; corre com fluidez e bem. As duas poesias que seguem—*Scena intima*—e—*Juramento*—são em metro de sete syllabas, o primeiro en-

tremeia-se com um quebrado de tres syllabas, rimando com outro semelhante que põe remate a cada estancia.

Estas duas canções dão-nos uns longes das suavissimas e fragrantas folhas cahidas de Almeida Garrett, folhas allegoricas e mysteriosas, que nem por cahidas deixam de exhalar um balsamo que suavisa e se embebe nos seios d'alma. No meio porém d'estes bellos cantos temos para nós como muito bons, o que tem por titulo—*Canto de amor*—e outro—*Amor e Medo*:—ambos são saphicos; o primeiro tem rima obrigada, alternando nos quatro versos de cada estrophe, o segundo rima o segundo e quarto. Estas duas poesias estão opulentas de pensamento e bellas de metrificacão, correm com summa fluidez, porque seu mechanismo é bem elaborado, e por isso sua afinacão agrada a qualquer ouvido avezado ao almiré de melodias metricas.

No terceiro livro a lyra não desmente a primorosa afinacão de suas cordas; ha n'este bello repositorio cantos que podem sem fatuidade pretenciosa alear as altas regiões da poesia lyrica, emparelhar-se com as mais escolhidas producções, não desmerecer primazias, nem destoar da gamma ferida pelos mestres d'arte.

A segunda poesia d'este livro tem por titulo—*Illusão*—; ahí o poeta mostra-nos que póde haver-se bem com o metro de nove syllabas; para nós as tres pausas que regem necessariamente este genero de versos, tornam-o de uma suavidade e cadencia a que nada iguala; nem podemos conceber o porque o illustre professor Freire de Carvalho, em suas lições de poetica, chamando-o erradamente verso de dez syllabas, ou de Gregorio de Mattos (quando Metastasio já d'esses havia usado) nos diz que nem lhes sente melodia, nem lhes descobre graça; é por certo inconcebivel este juizo do distincto professor do lyceu de Lisboa. Em summa, dizem alguns desculpadores de desacertos alheios, que em materia de gosto se não admittem controversias; temos para nós que assim não é; porque o gosto tem normas, tem preceitos; e ai da poesia e da litteratura se esta apreciação se fizesse a talante de qualquer contrabandista desalmado, que nos viesse dizer: a vossa producção não presta, sem que nos trouxesse os porquês, bem arranjadinhos, bem arazoados e bem comparados com os modelos tidos e havidos como normas legitimas. Hajam se o quizerem como cancel-

lada e não escripta a nossa digressão; deixemos a obliquidade *per accidens* e vamos nosso caminho.

Temos n'este livro o canto—*Minh'alma é triste*.—Esta nenia, em verso saphico, é em quadras obrigadas á rima, alternando nos quatro versos de cada estrophe; é um suspiro magoado; é o lamentar d'uma alma que não encontra o prazer em parte alguma, não o conhece, não sabe em que elle consiste, e que não tem saboreado os fructos sazonados da felicidade; será isto assim? É porém inverosimil; comtudo é boa inspiração e instrumentada em cadencia que agrada e deleita. O canto funereo á morte de Affonso Messeder, é uma elegia plangente, é uma guaia repassada do sentimento puro da saudade d'um amigo, que era um irmão; essa nenia falla-nos ao coração; revela-nos um pensamento sombrio de morte, que paira sobre o espirito do poeta, e mostra-nos uma alma que começa a enfermar de descrença e desalento; é em metro decasyllabo com quebrado; está regularmente desenhado.

A poesia a Macedo Junior, em sextilhas decasyllabicas com quebrados, rimando apenas este em cada estancia, é sonora e cadente; mas ainda tem mais riqueza no pensamento que a domina; são bons conselhos dados a um moço de quatorze annos, cheio de inspirações, opulento de talentos precoces; ha n'este canto preceitos bons de seguir; ha um pharolzinho que aponta a róta para evitar desaproveitamentos e excessos de enthusiasmos, que tem transviado tanta gente, e gente que podia valer alguma cousa para nós outros, que conversamos com as letras, e que contemplamos com meditação séria as produções do espirito.

No Leito—Eis um canto magoado, muito de ouvir e muito de deliciar-nos, porque sente-se-lhe os perfumes da poesia do coração. É este canto em metro de sete syllabas e corre fluido e desempedido. Aqui o poeta estava enfermo, tinha febre, seu coração, suas arterias palpitavam com aquella accleração tumultuosa que nos attestam esse orgasmo da vida em que a mente se exalta a regiões supremas; em que existe por vezes tanta lucidez, que aquelle que soffre torna-se por momentos um orador, ou um poeta, porque o espirito sóbe acima de seu nivel ordinario nos éstos do calor vital.

Recommendamos a leitura d'este hymno de amor, de incertezas, de saudades e de despedidas.

Fecha o poeta o seu volume de—*Primaveras*—com o *Li-*

vro Negro.—Oh, que antes o houvera rematado com um livro côr de rosa, recamado de matizes do céu, ao annunciar o erguer do sol do meio das aguas do oceano no seu banho da madrugada.

Nas paginas d'este livro trava-se muito soffrer; por seus cantos turvos e melancolicos revela-se muita descrença, muita desesperança; nas guaias que alli se escutam, ha muita dôr, muito pesadume; a alma está envolta nos crepes sombrios e lutuosos d'um padecimento que a entorpece e desalenta, e por isso o alaúde tambem desce um pouco da afinação e destôa uma ou outra corda, porque no fim de tantas harmonias as cordas não comportam tensão tanto tempo prolongada e lá vem descendo alguma, e certo é o desafinar.

O cantor que nos faz ouvir harmonias melodiosas e arrebatadoras por muito tempo, lá lhe vai por fim falseando uma ou outra nota e acaba por enrouquecer, ainda que seja Duprez, Ronconi e Taquinardi, traduzindo as melodias arrebatadoras de Porpora, Paesiello, ou Cimarrosa. Em summa, o soffrer intimo tem arcanos impenetraveis. Respeito aos segredos d'um coração, que se estorce em dôres íntimas. Silencio sobre o *Livro Negro*.

O poeta, emfim, pôde fazer calar aos curiosos e maldizentes com aquelles bellos versos do suavissimo Castilho:

«Ao sem ventura, que entender meu canto,
«Meu canto'e minhas lagrimas envio.»

Macahé—15 de setembro de 1860.

J. M. VELHO DA SILVA.

O ADEUS DO POETA

Ao norte do Rio de Janeiro, um pequeno rio desce da Serra dos Orgãos, e vai perder-se no Atlantico, passando em frente a uma modesta villa. Suas margens são pittorescas; erguem-se pelas collinas restos de matas, que unem á noite o seu doce murmurio com o das aguas que correm rapidas. Ahi o amador de pesca passa tardes de meditação a bordo de sua canôa, resguardado do sol pela sombra das largas folhas das bananeiras, e vendo passar os destroços das florestas na corrente caprichosa do rio.

Em uma de suas margens abre-se a fazenda do Indayassú, por varzeas tapetadas de relva florida, que tem moutas de laranjeiras, onde as almas amantes irão repetir os versos immortaes d'aquelle que as cantou.

Na casa de vivenda, em o dia que tractamos, havia o alvoroço d'uma grande novidade. Em um dos corredores interiores, á porta d'um quarto, estavam varias pessoas paradas, com a inquietação na physionomia, e commentando com gestos expressivos o menor ruido que dentro se percebia. Entrando no quarto, via-se um grupo affectuoso e triste, para o qual se passava talvez então uma das horas solemnes da vida. Sobre um leito singelo, como aquelle modo d'existir do campo, estava deitado um joven de feições meigas, testa harmoniosamente contornada, traços aprofundados pela doença, olhos languidos e internados, e labios emmurchecidos, em que ainda pairava o ultimo sorriso da jovialidade. Com o corpo apoiado sobre o braço direito, segurando com a mão esquerda, já debil, um livro aberto sobre o aparador proximo, repartia o seu olhar, sereno como um raio de lua no estio, entre as paginas

d'aquelle escripto, e uma senhora, que estava em pé junto ao leito, com o rosto entre solícito e afflicto.

Esta dama, em idade mediana, tinha o rosto varonil da verdadeira mãe, e havia no todo energico de suas feições certa força, que não deixava de ter relações com a riqueza intellectual desenhada no rosto do mancebo. Do outro lado da cama, estava um homem de feições menos expressivas, mas benevolentes; calmo, sem a resignação que dá a indifferença, mas seguindo com cuidado reflectido todas as phases d'aquella scena, da qual conhecia as origens, e antevia a fatal consequencia. O homem d'idade era o tio paterno, e a senhora a mãe do joven doente, que os medicos haviam condemnado, e para quem só restava esperanza de vida n'aquella affeição materna, que resiste a toda a evidencia.

Vendo sua mãe tão inquieta, o joven tirou da gaveta do aparador alguns papeis, e disse-lhe:

—Já leu estes ultimos versos, que escrevi no recanto da minha serra? Leia-os; verá que antevejo meu fim sem inquietação; o dia d'amanhã ha de ser bello para mim, quando raiar na eternidade.

—Meu filho, tu has de viver. Não é possivel que Deus te roube á minha amizade, quando podemos viver unidos, ricos e felizes.

—Acredita, pois, que a riqueza foi formada para os desherdados da felicidade, para os sonhadores do ideal? Que nós, os trabalhadores sem paga d'este mundo, que vive pelas ideias, mas amaldiçoa os seus authores, devemos tambem assentarmos ao banquete social, para recebermos uma parte, embora mesquinha? Engana-se, minha mãe.—Quando me deu o sêr, já eu vinha marcado com o stigma de fogo do destino. Viver por entre os bosques, scismar á noite nas bordas dos navios, passar por entre sorrisos de mofa nas ruas das cidades, e em paga de todos os affectos adquiridos, encontrarmos a indifferença, ou a morte de quem amamos,—eis o destino dos poetas. Acredite-me, minha mãe; só ha felicidade para mim, além d'aquelles montes nublosos, que vê através da cortina, e que se vão erguendo até á minha serra querida: e sabe porquê? Lá em cima está o céo.

A pobre senhora debulhou-se em pranto, o tio empallideceu; o mancebo tomou a mão d'aquella que tanto o queria, e levou-a aos labios. Ella disse-lhe:

—Mas quando tu eras pequeno, nunca te vi triste; corrias pelos campos, subias aos coqueiros, e cantavas alegre ao voltar para casa com algum sabiá prêso.

—Lembra-se da minha infância? Foi feliz, é verdade. Porque não me dá outra vez a Providencia aquella vida da borboleta, que não pára em um só ramo, e não se prende a flôr alguma? Correr pelos campos, aspirar o ar fresco da madrugada, ouvir os sabiás trinando o hymno do alvorecer, ir escutar á beira da mata o sussurro dos animaes selvaticos, que saltam de ramo em ramo, é uma vida tão rápida, tão tranquillia para a coração! Mas depois, minha mãe, succede ao alvorecer das manhãs o alvorecer do coração; vem o amor; uns primeiros olhos pretos, umas fallas doces murmuradas á sombra dos coqueiros; e quando a primeira prenda d'amor, o primeiro beijo resôa pelas abobadas de verdura do laranjal, parece-nos que a vida é um canto infindo, que só tem principio no coração, e sempre a elle volta...

Aqui uma tosse cavernosa e estridente atacou o joven; seus olhos perderam por momentos o fulgor; os assistentes apressaram-se a ir buscar uma heberagem, e deram-lhe algumas colheres d'ella. O doente voltou-se para sua mãe, e disse-lhe:

—Dê-me um beijo, minha querida.

A mãe pousou as faces sobre os labios do filho, e este aperitou-lhe a cabeça d'encontro á frente; depois ergueu-se illuminado por um clarão de poesia; brilhavam-lhe os olhos como estrellas refulgentes em manto negro de tempestade: as palavras melancolicamente accentuadas, tinham a aspiração dolorosa para a felicidade perdida:

—Esconda-me esses versos, minha mãe; não quero reavivar recordações dos ultimos annos. Quem sabe se podia um raio de luz penetrar ainda n'esta selva escura, em que fui buscar a morte? Quem sabe se esgotei antes de tempo o calix da vida? Morrer tão moço, minha mãe; quando cantam as aves n'aquelles coqueiros da varzea, quando aquelle céu azul me está sorrindo nos longes da montanha, como é cruel! como ha falta de piedade para os corações por quem fui amado! A gloria nunca me negára os seus sorrisos d'esperança: quem sabe se amanhã me coroariam de flôres? Quem sabe se havia em minha imaginação um mundo ideal, que iria ennobrecer a patria, que eu tanto amava, e que ainda amo n'esta hora derra-

LVIII

deira! Terra do meu nascimento, e tu querida, que tanto amei, tu sombra amada da juventude, adeus! minha mãe, adeus!

Corrêra a mãe a prendel-o nos braços, e disse-lhe anhelante:

—Não, meu filho, tu não has de morrer agora!

Ergueu a cabeça, um derradeiro sorriso pairou em seus lábios, e respondeu:

—Pois é a morte tão temível?

Depois cerraram-se-lhe os olhos, e a serenidade da paz baixou sobre suas feições.

Perdera o **Brazil** um dos seus mais illustres filhos.

Morrêra Casimiro d'Abreu.

REINALDO CARLOS MONTÓRO.

CASIMIRO DE ABREU

Da republica das letras desapareceu um tão joven quanto denodado combatente.

A perda foi por demais sensivel!

Não lamentam seus companheiros sómente o passamento d'um irmão d'armas, tambem sentem a perda d'um amigo fiel e dedicado.

Por isso o chefe da republica, d'accordo com os membros do conselho superior das letras, expediu as precisas ordens para que o nome e os feitos do companheiro que pranteiam, ficassem gravados na memoria da geração presente e na dos vindouros, e que, para se pagar uma divida de gratidão, lhe fosse erguido um monumento.

O nome d'esse guerreiro?

Casimiro d'Abreu.

Seus feitos?

As producções em prosa e em verso impressas separadamente, e *As flôres das suas Primaveras* reunidas n'um volume de poesias.

Qual será o monumento?

As suas composições ineditas offercidas a um amigo, a biographia do finado cantor e todas as noticias sobre o seu passamento.

Ainda bem que cedo se pretende solver tão magnanimo compromisso!

Rendemos hoje um tributo de veneração aos manes de Casimiro d'Abreu. Esse tributo não é só em remuneração aos serviços que ás letras prestou o fallecido cantor das *Primaveras*, mas tambem pelo espirito de classe, pois que elle sobe-

jamente illustrou a corporação commercial á qual pertencera.

Pertencendo os fundadores e sustentadores d'este jornal em sua quasi totalidade ao commercio, e desejando desenvolverem-se no cultivo das letras, dupla razão lhes assiste na pres-tação da homenagem devida a esse joven, já como poeta, já como caixeiro.

E como elle, cumpre-nos exclamar:

«Meu Deus! tu que és tão bom e tão elemente,

«Pr'a que apagas, Senhor, a chamma ardente

«N'um craneo de volcão?

«Pr'a que poupas o cedro já vetusto,

«E, sem dó, vaes ferir o pobre arbusto

«A's vezes no embryão?!...»

Pobre arbusto! Apoz o florescer e quando os fructos já des-pontados começavam a amadurecer, veio o impio furacão ar-remessal-o por terra.

É mais uma esperança perdida!

Pranteêmol-a!

30 de novembro de 1860.

DA REDACÇÃO DO ACAJÁ.

DOUS GENIOS E UM SÓ DESTINO

ALVARES DE AZEVEDO E CASIMIRO DE ABREU

I

O viajor que contempla a quéda dos imperios tendo diante de seus olhos as ruinas d'essas mesmas nacionalidades, não pôde enristecer-se mais do que o espirito humano folheando as paginas de livros, que são outros tantos legados que deixam á posteridade, vultos cujos nomes são immortaes padrões de gloria.

O Brazil, paiz novo e cujos passos na carreira das letras são ainda muito lentos, já tem comtudo visto perecer muitos filhos illustres, uns chorando no exilio a familia de que para sempre se achavam separados, outros exhalando no scio d'ella seus ultimos suspiros, tornando talvez mais acerba a sua dôr, e outros que se não morrem physicamente perdem a existencia moral, descrendo d'uma sociedade que caminha cegamente para o abysmo das ambições e interesses. D'entre esses vultos envolvidos hoje nas lages do sepulchro, dous ha que desejamos, ainda que momentaneamente, fitar em suas fronte augustas, nossos olhos timidos e escurecidos pela descrença. São elles, Alvares d'Azevedo e Casimiro d'Abreu.

II

O primeiro, é o cysne da poesia *byronica* personificada n'um homem fraco e em cujo peito a paixão devorava uma alma pura. Amou no idealismo, o que na realidade não achou quem lhe recompensasse. O entusiasmo de sua intelligencia subia ao palacio para descer á taverna mais insignificante. Percorreu todo o mundo feminino, e não encontrou um só

peito que entendesse o seu; era que elle não nascera para a terra! Só encontrou beijos vendidos da messalina das ruas, ou peitos frios de mulheres que não o comprehendiam. Então foi poeta; escreveu, e escreveu em dous volumes, o que muitos talentos não escreveriam em vinte. Cantou essa *Noite na Taverna*, tão cheia de poesia, e onde o espirito do leitor recua de horror em cada pagina que lê. Seu espirito percorria o mundo inteiro; via as mulheres mais bellas da Italia em torno de si, em quanto sua penna percorria com velocidade o papel, onde escrevia não tuão, porém parte de seus sublimes pensamentos.

Leu muito, e quando em Byron apreciava essa melancolia e descrença do cantor do *Child-Harold*, regosijava-se de achar um peito igual ao seu.

Depois d'esta lucta entre a paixão e o indifferentismo que encontrava, descreu; e a dôr d'esta terrivel molestia em breve o sepultou nas frias lages do tumulo onde repousa tranquillo das lides da vida humana. Repousa, oh poeta! que foi longo o teu soffrer sobre a terra!

III

Agora, uma vista d'olhos sobre o cantor das *Primaveras*. Cheio de crença e possuidor d'um verdadeiro talento, Casimiro d'Abreu foi um d'estes genios que parecem ter nascido poetas. Espirito de melancolica tristeza, porém forte e alivo, conservou-se puro até o instante de fechar os olhos. Nunca penetrou n'esses lodaças, que pervertem a mocidade, e sua alma virgem, só tinha sanctas ambições. Apaixonado e cheio de fé, julgou sempre que o mundo o comprehendera e nunca o beijo immundo do scepticismo lhe manchou a fronte. Entretanto, elle soffria e muito, e quem quizer certificar-se leia o seu *Livro Negro*, que faz parte de suas bellas *Primaveras*, e abi verão os suspiros tristes e melancolicos do poeta sertanejo. Entretanto, a descarnada e negra mão da morte ceifou para sempre de nós esse genio, cuja morte tantas lagrimas arrancou aquelles que o conheceram! E porque, meu Deus, não haverá uma lei da natureza que immortalise a existencia na terra d'esses genios tão bellos? Necessariamente porque a terra não os merece, e elles vão no seio do Senhor fruir uma existencia a que tem jus!

IV

E eis ahí dous filhos illustres que o Brazil hoje chora, cujos corpos ennegrecidos pelo pó da tumba, apenas se reconhecem como cadaveres! E eis dous vultos que se somem do campo da intelligencia, porque a mão da morte esgotou o sangue do enthusiasmo, que lhes circulava nas veias, porque absorveu as lavas da intelligencia, que seus craneos expandiam, porque apertou seus peitos debeis com seus braços de ferro, e no auge de seu furor arrancou a vida de dous genios illustres, riscando seus nomes immortaes da lista dos viventes!...

Rio de Janeiro—10 de janeiro de 1861.

W.

À MEMORIA DE CASIMIRO DE ABREU

DEDICATORIA DAS PŒSIAS

DE

ERNESTO CIBRÃO

Casimiro d'Abreu era uma d'estas raras intelligencias e heroicas vontades que, voadoras temporãs, luctam contra todos os obstaculos do fossilismo e da indifferença, e ganham força na propria lucta.

Poeta creança, como Millevoye, e como elle contrariado pela sollicitude da familia,—acabou por triumphar em segredo;—e, sem pronunciar o *promitto* de Ovidio, baixou a cerviz ante o quero da authoridade paterna, erguendo o coração e o pensamento á luz e ao possô do genio. Menos feliz, porém, do que o illustre elegiaco francez, não sahiu das mãos guiadoras e previdentes d'um douto Collenot para entrar no escriptorio de um rábula impertinente, nem viveu trinta e tres annos para cultivar o raro talento e colher o fructo de tantas e tão bellas flôres, que lhe brotavam n'alma ardente e apaixonada.

Casimiro d'Abreu, morreu em fins de 1860, aos vinte e um annos de idade, author d'um volume de poesias (1855-1858), das quaes a critica mais severa ha de acceitar muitas como formosas e todas como promettedoras. Sem mestres nem livros, empurrado barbaramente para o positivismo do commercio, Casimiro pendia a bella frente e em sua quasi ininterrompida meditação—não aprendia, adivinhava—como, talvez, não com mais justiça, disse M. de Pongerville do admiravel author do—*Amour maternel* e de *Emma et Égirard*.

E assim se fez um poeta, e esse poeta fez um livro,—eloquente protesto contra as mãos sacrilegas que transplantam para os rochedos incendiados, para as brazas petrificadas de S. Vicente, um arbusto mimoso e raro dos jardins Van-Houte!

«Tudo me roubam meus crucis tyrannos:
 «Familia, amor, felicidade, tudo!
 «Palmas da gloria, meas laureis do estudo,
 «Fogo do genio, aspirações dos annos!...»

É formoso e doe esse grito d'uma grande alma, que não póde voar aonde aspira, por medo de abandonar de todo aquelle corpo debil e já vergado, como a palmeira do deserto ao sopro do simoom.

Casimiro, o author das *Primaveras*, entrou hontem no mundo com as mãos cheias de flôres, que hoje, ainda verdes e perfumosas, lhe servem a adornar a campa.

Como Alvares d'Azevedo, a victima de si propria, como Junqueira Freire, o martyr do claustro, como Dutra e Mello, como Macedo Junior, a creança de quinze annos, que sahio do berço para entrar no tumulo, espalhando assucenas no caminho,—Casimiro é uma gloria roubada ás letras brazileiras e a todos que fallam a lingua de Camões.

Lamenta-se que a rapidez com que passou na terra o não deixasse perpetuar o seu nome. André Chénier morreu em 1794; em 1819, á frente da 1.^a edição das suas poesias, escrevia Henri de Latouche: «André Chénier deixára apenas, na memoria d'alguns amigos das letras, um nome prometido á celebridade. A sua gloria era menos fundada sobre titulos do que sobre esperanças..... Para que, pois, entregaremos os fructos imperfeitos d'esta musa ao risco das nossas preoccupações!»

Mais tarde porém, nas seguintes edições, lê-se: «Hoje temos a certificar o immenso successo do seu livro, e a influencia d'um talento, completamente regenerador, sobre o futuro da poesia em França.» Sainte-Beuve o caracterizou; e o desgraçado author da *Invention* e do *Aveugle*, o mimoso e desventurado poeta da *Jeune captive*, é um dos maiores ornamentos da moderna litteratura franceza, e com Gilbert e Malfilatre fórma, no fim do seculo xviii, a trindade dos astros, cujos dous horisontes quasi se tocaram—oriente e occidente.

Quem sabe pois se mais tarde, quando a critica se der ao trabalho de lêr e meditar os livros de Azevedo, Freire e Abreu não achará muito de bom, que certamente fará mais sentida ás letras a morte prematura d'esses talentos, mas que tambem lhes trocará em aureo véo de gloria o manto verde-pallido de esperanças mortas, com que lhes envolvem os versos?

Esperemos.

Para mim,—e d'esta vez, pobre exigente, me não contento com pouco,—para mim a musa, que inspirou o *Amor e Medo*, merece bem as attentões da litteratura patria. E pois que o meu livro buscou protecção no tumulo, fechado apenas, de Casimiro d'Abreu, permittam-me que aquella sua mimosa e doce poesia venha aqui, por unica e emprestada riqueza, perfumar as pobres flôres que lhe offereci. A lua é escura e pede ao sol que a prateie. ¹

Meu Deus! que é doloroso vêr tão verdes annos e tão brilhante porvir quebrarem-se na sombra da sepultura!

E assim, Gonçalves Braga, joven poeta portuguez, um dos companheiros de Casimiro,—fallecido no Rio de Janeiro, aos vinte e dous annos de idade, sob as lagrimas e o tecto d'um illustre litterato, patricio, amigo e, digamol-o, guia e mestre do infeliz author da formosissima nenia a uma suicida! E assim, Antonio Coelho Lousada, poeta e romancista portuense, bem mais rico de talentos que de venturas! E assim, Soares de Passos; e assim tantos!

Uma dôr resignada e religiosamente soffrida verte na maior parte dos versos de Casimiro d'Abreu um perfume de melancolia, melancolia que encanta e entristece. Tambem, presentira elle a morte, e, no dia em que dizia o extremo adeus a Affonso Messeder, que no tumulo o precedera de dous annos, prophetizou-a com notavel resignação e singeleza, em um só verso:

«Descansa! se no céo ha luz mais pura,

«De certo gosarás n'essa ventura

«Do justo a placidez!

«Se ha doces sonhos no viver celeste,

«Dorme tranquillo á sombra do cypreste...

«Não tarda a minha vez!»

Nos ultimos dias de dezembro de 1860, no momento em que principiava a colleccionar e ordenar este volume, recebi a noticia da réalisação d'essa triste prophecia. Casimiro de Abreu, o doce poeta das *Primaveras*, fôra-nos roubado;—não tardou a sua vez! Abri a primeira pagina do livro e consagrei-lh'o. Se uma lagrima nodou a folha, era de saudade e subiu do coração aos olhos.

ERNESTO CIBRÃO.

¹ Veja-se adiante a poesia intitulada *Amor e Medo*.

CASIMIRO DE ABREU

I

Vou reavivar em breves traços a memoria d'um joven illustre. O Brazil, que tem visto desfolhar-se tantas esperanças em flôr, collocava-o entre os talentos de maior futuro. Não contava com o vento aspero e ardente do seculo, que secca e abraza todos os espiritos nobres, que os arroja, por desfastio, ao gôso immoderado, e apoz á doença e ao tumulo em idade prematura! Quantos poetas de vinte annos, almas illuminadas por um ideal impossivel, não teem passado por entre nós, que os excedemos tão pouco na idade! Alvares d'Azevedo, Gonçalves Braga, Macedo Junior, Junqueira Freire, e outros companheiros d'armas, cedo tiveram a lage do tumulo por leito de campanha, a eternidade como realisação d'ideal, a gloria posthuma como consagração do merito!

Quereis a decifração do enigma d'esta tuberculisação do corpo social, que vê morrer tão cedo os seus pensadores mais distinctos? Procurai-a na ausencia das crenças moraes, que começa por tirar-nos do coração a religião da mulher, e acaba por enregelar-nos o leito funebre com a negação de Deus. Os utilitarios, profundos machinistas da sociedade, que a querem concertar com peças de sua invenção, esqueceram-se de que, deixando a mão de Deus de ser o impulsor, era a dissolução certa e inevitavel. Entenderam que o dinheiro era uma base tão legitima como a abnegação, e deram-nos em troca da litteratura o jornal commercial, do amor desinteressado o casamento por conveniencia, do templo orthodoxo o palacio da Bolsa. E, quando uma cabeça altiva se ergue no meio d'esta sociedade atacada d'anémia, perseguem-a os motejos dos homens positivos, parvos inventados por este seculo de progresso

material, que teem o privilegio, sobre os antigos parvos, de serem, não a excepção, mas a regra geral da sociedade.

Poesia! moeda que não tem curso nas bolsas bordadas das meninas de quinze annos, que os homens d'estado, mercatores de consciencias, repellem com o pé, que os padres, adoptando o estado ecclesiastico como officio, proscrevem dos seus templos; onde irás achar um abrigo? Onde irás tu, filha querida dos seculos de crença, enxugar a tunica alagada pelos suores de tua longa peregrinação? Quem te dará o pão da compaixão, um céo que não tenha fumo industrial, um gabinete litterario sem discussão de cotações mercantis?

Eras em tempos melhores a querida das damas. Davam-te o regaço por almofada, premiavam-te com doces beijos, queriam-te para companheira da solidão. Os circulos azues em volta aos olhos, a languidez dos cilios, o desfallecimento dos passos, eras tu quem os causavas. Agora as damas acordam á vida real, ao tinir das moedas d'ouro, teem o Potosi como retiro ideal, e um velho barão, rico de dinbeiro e parvoice, como suspirado Amadis. Para ellas os romances francezes da escola degenerada do segundo imperio são os de maior atractivo. Não ha alli a perspectiva d'immensos cabedaes, bem ou mal adquiridos? não se pintam alli ao vivo, sem véo, sem recatos inuteis, os gôsos venaes, complemento d'uma educação sem idealismo? *Bobos de nova especie*, os principes do talento, os queridos da phantasia, substituiram para estas damas os anões e insensatos da velha sociedade. Brincam com seus affectos extremosos, riem-se de suas crenças, e poem-lhes sobre a fronte, em vez da corôa de louros, o barrete ignobil do caturra. Quandó passa um poeta, enigma para estas almas pervertidas, apontam-o ao dedo como um ente curioso. De que planeta cahiu, em que familia zoologica se deve classificar, em que idade ante-diluviana foram creados os seus progenitores? Eis as perguntas que as meninas positivistas mutuamente se dirigem. Mas a curiosidade, qualidade opposta ao calculo utilitario, cessa em breve; tornam ás suas contas d'aritmética, e só se lembram do pobre poeta quando de passagem o encontram, para dar-lhe, em troca dos olhares, um risinho de mofa.

Pobre sociedade! pobres educadoras futuras das almas inexperientes!

E' este o mal que tem consumido cedo todos os espiritos

nobres. Foi este o mal que viciou nos annos juvenis a organisação do nosso poeta. Quando mais tarde veio o remedio, quando um anjo d'eterno luto e eterna saudade, excepção de regra n'esta mascarada social, lhe deu, em troca do amor, affecto igual e sublime, já Casimiro d'Abreu estava condemnado ao tumulo.

Flôres tardias foram estas, que desabrocharam á sombra dos cyprestes!

II

Ao norte do Rio de Janeiro, desde as serranias altas e negras, proximas á barra, que se desenhão no fundo do horisonte ao navegante que vem de leste, estende-se uma costa tortuosa, ora hirta de rochedos lugubres, bravia, como nas immediações de Maricá; ora, como em Cabo Frio, erguendo-se ao céu em alcantis gigantes, por entre os quaes passam as marés, arremettendo contra os rochedos, tisonados pelos seculos; ora, emfim, como da bahia da Armação ao cabo de S. Thomé, e d'este á foz do Parahyba, abrindo-se, pelas margens dos rios de S. João, Macahé e Macabú, em planicies orladas de brancas praias d'areia, semeadas de varzeas esmaltadas de flôres, e coroadas no alto por collinas que vão perder-se ao longe nas recortadas serras de Friburgo. Ha por esta costa povoações assentadas nas barras de todos os rios, no fundo de todas as enseadas, de que desfraldam, ao romper d'alva, barcas de pescadores, abrindo a véla ao brando norte, ou ao sudoeste impetuoso, que encapella as ondas, arremessando-as pela terra dentro. Esta natureza de contrastes rapidos, a que serve de docel um céu d'azuladas tardes, ou de vastas tempestades, e cujo horisonte é o oceano infindo, tem avivado muitas imaginações ricas.

Na velha Cabo-Frio, ainda guarnecida, como nos velhos tempos feudaes, de fortalezas e conventos, nasceu o traductor mavioso de Lamartine, A. G. Teixeira e Sousa, que nos *Tres dias d'um noivado* roubou á terra patria algumas côres sinistras e delicadas de seus alcantis e prados.

Em Macahé, pequena cidade de casas brancas, gentil na mocidade, que tem praias poeticas como a Imbitiba, grutas mysteriosas como a da Fortaleza, altos como o de Sanct'Anna, que convidam a pensar, largando os olhos pelo oceano a perder-se no horisonte, desenvolveu-se um espirito notavel pelo

seu talento e crudição, o sr. Velho da Silva. Quantas vezes não se franjou de pedrarias deslumbrantes a sua rica phantasia, ao ir pelas mãos douradas de maio, cavalgando pelos campos do Barreto, ou por entre as conchas d'aquella praia de neve da Boa-Sica? Quantas vezes não veio sentar-se ao seu lado na gruta da Fortaleza o velho Ovidio, o seu intimo amigo, a practicar dos antigos mythos da grande Grecia, ou dos tempos em que outros poetas, os poetas de Venusa e Mantua, vinham tambem scismar á tarde nas grutas de Parthenope, batidas pelo mar d'esmeralda?

E' n'esta região sombria, ridente e grandiosa que teve o nascimento Casimiro d'Abreu.

III

Casimiro d'Abreu! nome obscuro no seculo dos agiotas e charlatães politicos, nome grande para todos os seculos que presarem a arte, os affectos nobres que dulcificam a ordem social, e a dedicação extrema,—qualidade rara em ambos os mundos aos netos decahidos do vencedor de Dio e do expugnador de Loanda. Avaliam-se hoje as dedicações pelos teres do amigo, pelas facilidades da carteira, ou pelos calculos da utilidade individual de cada um. E venham fallar de poesia, de amor, d'abnegação a burguezes aristocratas, que despresam todas essas qualidades do pobre, porque não se podem trocar por notas bancarias no edificio da bolsa!

O que significa, pois, entre nós, uma biographia litteraria? Que successos poderemos referir sem excitar o tedio dos raros leitores? D'esta vida, breve em annos, rica em produções, apontaremos apenas as principaes datas. Ao menos a extensão da narrativa não assustará a curiosidade dos que dão alguns minutos ao estudo, depois de haverem dado horas aos entretenimentos de gôso menos ideal.

Casimiro José Marques d'Abreu, filho de José Joaquim Marques d'Abreu, e de D. Luiza Joaquina das Neves, o primeiro portuguez, a segunda brasileira, nasceu em 4 de janeiro de 1837 na Barra de S. João. Seu pae era negociante, e destinou-o á sua profissão, apesar do talento para o desenho, que desde a tenra infancia elle mostrava, como primeiro indicio da riqueza de sua imaginação.

Aos seis annos aprendeu os rudimentos da lingua, e aos

nove foi para Nova-Friburgo, onde entrou para o collegio Freese. Sem ter completado os preparatorios, veio para o escriptorio do pae, no Rio de Janeiro, d'onde, mostrando-se indocil á disciplina commercial, foi enviado a 13 de novembro de 1853 para Lisboa. Ahi as musas, companheiras queridas da sua brilhante mocidade, em breve o cercaram, seguindo-o na excursão que fez pelas margens pittorescas do Douro e Minho. Algumas folhas portuguezas receberam com applauso as primicias de seu estro juvenil.

Interesses de familia e ordens paternas, que auxiliavam as saudades do primeiro amor que na patria deixára, o fizeram voltar. Chegou ao Rio em 11 de julho de 1857, e seguiu para Indayassú, fazenda paterna nas margens do Rio de S. João, onde esteve um mez. Ahi, em vez dos beijos d'um primeiro amor quasi infantil, em vez das cópas dos laranjaes, que acolhiam ternos encontros, achou para recordar-se, em estancia pouco distante, os cyprestes d'um tumulo, a memoria de um martyrio e o sussurrar da viração por entre as folhas das arvores queridas, que lhe lembravam tempos para sempre findos.

Voltando ao Rio, veio de novo empregar-se no commercio, entrando em setembro para a casa dos snrs. Camara, Cabral & Costa, onde se conservou até 13 de junho de 1859. Durante esse periodo medraram-lhe as tendencias poeticas, e mais dura se lhe tornou a condição dependente a que os preconceitos paternos o haviam condemnado. Não entendiam os superiores que as letras se podéssem casar com o commercio; para elles um analphabeto talvez fosse preferivel ao maior genio, e por certo bem duras reprimendas vieram aggravar as intimas dôres d'aquella organização delicada e nimiamente susceptivel.

A aproximação da morte abrandou a vontade paterna, e o nosso joven poeta partiu a 5 d'abril de 1860 para Indayassú, a fim de visital-o. Recebido o ultimo adeus de quem devia orgulhar-se de tão illustre filho, conservou-se na fazenda até 4 de junho, época em que voltou á côrte. Sorria-lhe já a fortuna com suas dadivas, pois o pae legára-lhe bens para honesta e descansada existencia,—viera um novo amor perfumar o seu espirito de novas aspirações,—podia pois julgar o seu futuro bello e feliz ao par de sua mãe, de sua irmã querida e d'aquella que tão dignamente lhe vencera as saudades do primeiro af-

fecto,—quando a mão da morte o tocou e feriu de maneira incuravel.

Conhecendo-se affectado dos pulmões, quiz ir para a Madeira; mas, sendo a estação muito agradável na serra em que passara a primeira juventude, deliberou-se a ir para Nova-Friburgo, onde chegou a 24 de julho. Foi d'ahi que veio a noticia da sua supposta morte,—que tanto affligiu os amigos das letras e as almas sensiveis, que já o conheciam pelo volume de poesias que publicára. No fim de setembro, avisinhando-se a estação invernosá, resolveu voltar á sua fazenda, onde chegou em 3 d'outubro. Filho extremoso, vendo aproximar-se a hora dos ultimos adeuses, mandou chamar sua mãe, que lhe retribuiu em carinhos e dedicação tão grande affecto.

Em breve começaram a faltar-lhe as forças, e foi para o leito esperar pela hora do descanso,—pois para elle, martyr da sensibilidade, não houvera paz possivel na dependencia da sociedade egoista em que vivera. A religião quiz consolar aquellas dôres d'alma, tão fundas e estremecidas, que não podiam sahir-lhe do pensamento;—mas o joven idealista não se prestou a receber os sacramentos, declarando que, tendo a consciencia limpa, de nada tinha que pedir perdão a Deus. Rodeavam-o em prantos alguns parentes e os famulos, que sempre haviam encontrado n'elle extrema bondade; voltou-se para elles o agonisante, e perguntou-lhes com placidez estoica:

—Pois a dôr da morte será tão insupportavel?!

Quem lhe acenava no céu, por entre as sombras d'aquelle occaso da vida, que não podiam occultar a luz d'um mundo melhor? Quem o chamava, com a doce voz do primeiro affecto, que arranca lagrimas ao coração, e povôa d'imagens divinas o leito do soffrimento?

Entre este desapego do mundo, que tanto o atormentára, e a esperanza d'uma reunião proxima, morreu o author das *Primaveras*, ás 5 horas e 25 minutos da tarde, no dia 18 de outubro de 1860.

Seu tumulo singelo, sem monumento da gratidão nacional, está collocado na Barra de S. João, ao par d'aquelle em que jazem os restos de seu pae. Acalentam-o ao longe as ondas, quebrando-se nas praias do Atlantico, e as aves dos palmares veem nos arvoredos proximos annunciar-lhe a aurora com seus hymnos doces e cadenciados.

IV

Adeus, amigo! Se á sombra d'esses bosques d'eterna primavera, que tu e o Dante sonhastes, em que ha amores verdadeiros e desinteressados, em que a alma póde viver e expandir-se sem motejo dos nescios, te lembrares dos companheiros d'armas que deixaste, pede a Deus que abençoê os seus esforços, para que d'esta geração, condemnada ao martyrio moral, saia outra que assista á regeneração da sociedade! Embora nos lacerem os pés os espinhos da estrada, embora os matérialistas se riam de nossos esforços, levemos a nossa crença em holocausto ao altar do futuro, que resume em si a maior ideia de Deus, porque é elle a *eterna esperança*.

Findando estes breves traços, digo adeus tambem por tempo indefinido á litteratura amena. Obscura foi a minha carreira, mas deu-me horas d'intimo gôso, que são a minha mais bella recompensa. É grato para mim, que estreei nas letras, creança obscura e expatriada, escrevendo em Macahé, e ahi recebendo generosas animações e os primeiros applausos,—consagrar tambem estas ultimas linhas á memoria de um filho d'aquella terra. Sinto verdadeira ufanía em poder designar como segunda patria, como berço da intelligencia, como estancia de meus primeiros e aturados estudos, a mesma terra que deu o sêr ao Petrarca brasileiro.

Rio de Janeiro—13 de dezembro de 1862.

REINALDO CARLOS.

A CASIMIRO DE ABREU

AUTHOR DAS—PRIMAVERAS

*Como André Chénier, no craneo augusto,
Alguma cousa tens!*

C. D'ABREU.

I

Poeta! Derramou-te Deus na fronte
A luz da inspiração omnipotente,
 Ensinou-te a sentir;
E marcou ao teu genio um horisonte
De crenças e esperanças no presente,
 De glorias no porvir!

E tu, co'a fronte unvida e radiante
Firmaste o pé na estrada do progresso,
 Modulando canções!
Caminha! Ergue o alaúde triumphante,
Despresa a geração que adora um Cresso,
 E que olvida um Camões!

Sobre a escabrosa estrada do futuro
De encontro aos passos teus, mais de um espinho
 Irá teus pés magoar;
Não voltes, que renegas! vai seguro,
Caminha, que no fim do teu caminho
 Louros has de encontrar.

Caminha, e deixa em seu prazer mundano
 A esses, que aos poetas estão vendo
 Com escarneo sem fim;
 Encara-os como Byron lusitano,
 E dize-lhes: De vós eu nada entendo,
 «E vós nada de mim!»

A elles o destino deu por sorte
 O fogo da ambição, que os incendeia,
 A nós a lyra e a cruz!
 Elles teem das riquezas o transporte,
 Que aviventa a materia e mata a ideia,
 Mas nós temos a luz!

II

Oh! poeta da fronte pensativa,
 Recebe na alma candida, inspirada
 A saudação do irmão!
 Eu me arrebatô, ouvindo a lyra altiva,
 Mas a tua poesia enamorada
 Me falla ao coração!

Nos perfumes da timida innocencia,
 Como as houris nos banhos do Oriente,
 Tu'alma se banhou;
 E por entre o sorrir da adolescencia
 Logo dos labios teus pura, indolente,
 A poesia brotou!

Depois o amor, doce mysterio d'alma,
 Por entre o medo, a que ninguem resiste,
 Tu'alma surpreendeu;
 Tambem cingiste do martyrio a palma,
 E o doce canto da tu'alma triste
 Minha'alma entristeceu!

Como choras no leito dos teus sonhos,
 Prostrado pela horrenda enfermidade,
 Ao teu anjo a rogar
 Que os seus olhos, outr'ora tão risonhos,
 Sobre o frio portal da eternidade
 Por ti fossem chorar!...

Mas tu porque tão cedo desesperas,
 Deixando dos teus labios, inda ardentes
 Amargura correr?
 Tu, mimoso cantor das *Primaveras*,
 Do *Livro Negro* as paginas descrentes
 Porque foste escrever?

Ah! não vás, meu poeta dos amores,
 Manchar a c'roa á virgem da poesia,
 Que tão pura te amou!
 Não te illudam do *Goethe* os esplendores,
 Que esse deus da sublime zombaria
 O coração matou!

Inspira-te do céo da patria tua
 Ante o qual ninguem ha que não se incline
 Pela manhã gentil;
 Canta a aurora ao nascer, á noite a lua,
 E assim darás tambem um Lamartine
 Ás musas do Brazil!

Poeta! Crê no amor das almas puras,
 Canta a patria, o futuro, a liberdade,
 O puro amor e Deus!
 Eu te antevejo a aurora das venturas,
 E o teu Brazil, com as palmas da amizade
 C'roando os cantos teus!

Setembro de 1859.

GONÇALVES BRAGA.

A CASIMIRO DE ABREU

Li as tuas Primas-véras,
Devéras mimosas são;
São lindas como os amores,
Parecem primas de flôres...
Quizera ser teu irmão.

Que vida nos seios d'ellas!
Que perfumes que ellas tem!
Não ha sultão mais ditoso!
És um primo venturoso,
Não tem mais primas ninguem.

Alegres como andorinhas
Tens umas primas, Jesus!
As moreninhas faceiras!...
São jurytis ás carreiras
Pelas moitas dos bambús.

Outras pallidas suspiram,
Tão descontentes de si,
Que fazem dó!... coitadinhas!
Nos olhos das moreninhas
Terão ciumes de ti.

Outras são... ora, são tantas...
Não tem mais primas ninguem,
Não ha sultão mais ditoso,
És um primo venturoso,
De primas tens um harem!

Beijei-as uma por uma;
 Não te faças Zelador!
 Não fazem mal os meus beijos,
 Que os labios dos sertanejos
 São como ninhos de flôr.

Mas... perdão! és um tyranno!
 Repito ainda—perdão!
 És um tyranno de raça:
 Expól-as assim na praça,
 Parã vendêl-as?—Pois não!

Para applausos?—Faço ideia!
 Has de ter muitos—pois não!
 Aqui no paiz das tretas,
 Não se quer primas de letras,
 Quer-se manteiga e feijão.

Se és um primo venturoso,
 Que mimosas primas tens;
 N'ellas vejo os teus azares,
 Dou-te pois os meus pezares,
 E retiro os parabens.

A CASIMIRO DE ABREU

Canta e canta sempre!

C. D'ABREU

Eu tambem li as tuas—primaveras,
E vi d'ellas as flôres tão mimosas.
 De jubilo beijei-as!
É que sentia em mim vir espelhar-se
A melodia terna de teus cantos,
 De magicas sereias!

Vi tuas flôres rebentarem lindas!
Vi os teus cantos de pungentes dôres,
 E outros de esperança;
Cantos, já de um mancebo pensativo,
E outros de saudades—cantos ternos,
 Balbucios de creança!

E vi n'essas florinhas tão mimosas,
Um cantor promettendo ás nossas letras
 Mais cantos no futuro;
E apenas n'esse céu todo estrellado,
N'essa roseira enflorada e linda,
 Eu vi um ponto escuro.

Era o teu—*Livro Negro*—negro? embora!
 O coração do homem também sente
 Alegrias e dôres!
 Como sons d'harpa meiga de poeta,
 Que ás vezes choram e outras vezes riem
 Nos canticos d'amores.

Vi—saudar-te esse irmão de teus cantares,
 Mais uma c'rôa te lançar na frente,
 Abraçar-te em seu canto;
 E tu, agradecer-lhe em cantos d'alma,
 Tendo n'ella os mais tristes desalentos
 E nos olhos o pranto!

É tarde! que disseste? Tu não viste
 Como—Azevedo—se escondeu na campã?
 Não viste, meu amigo?
 A gloria não te importa? ao menos, poeta,
 Com cantos de esperança encobre as penas
 Que já trazes contigo.

É tão triste o morrer-se quando a aurora
 Da vida—em flôr—nos vem banhar o craneo,
 Aonde um fogo arde!
 É tão triste o morrer-se! e ouvir um poeta
 Dizer a quem o anima: «Ai! já não posso...
 Agora... é muito tarde!...»

O desalento é qual o sonho horrido
 Que sempre que dormimos nos persegue;
 É á noite a sombra nossa
 Quando vagamos ao claror da lua:
 É a esperança é a virgem que dá a vida,
 Que os corações remoja!

Ai! é tão triste vêr a flôr que outr'ora
 —Inda em botão—no hastil, tão indolente,
 Sobre a terra cahida!
 Cahiu, porque faltou-lhe a brisa meiga.
 Assim, se te faltar a esperança,
 Tu cahirás sem vida.

Não deixes de cantar! inda é tão cedo!...
 O sol da nossa patria brilha agora
 Com pallido abandono...
 E a lua que prateia o lago liso,
 Que desenha no chão todas as flôres,
 Parece que tem somno!...

Brinca o mar, geme a onda sobre a praia...
 A mansa brisa vem cantar ás flôres
 Seus dons innocentinhos...
 Na mata, á tarde, geme a rôla triste...
 E os chilros se ouvem virem lá do bosque
 De ternos passarinhos!...

E o sol, e a lua, e o mar que geme manso,
 E a brisa, e a rôla, e os passaros dos bosques
 Elevam um hymno a Deus!
 Oh! canta, e vai á noite, solitario,
 A Elle, e ao sol e á lua macilenta,
 Soltar os cantos teus!

A ti qu'importa a festa do futuro?
 Ah! se tu cantas, não almejas louros,
 Nem paginas na historia.
 Eu bem o sei. Cantar na flôr dos annos,
 Quando o peito é um vergel todo amoroso...
 É a verdadeira gloria!

Como a flôr que é botão inda entre-aberto,
 Tendo perfumes—flôr de primavera,—
 Assim é nossa infancia,
 Na juventude o coração é louco;
 Na adolescencia a poesia é vida;
 É um céu de fragrancia!

Oh! canta! e despe o véo dos desalentos
 Que cobre a tua musa tão mimosa,
 Que é como tu singela.
 E despertando de tua harpa as vozes,
 As canções surgirão inda mais puras
 Que beijos de donzella!

Eia! ávante poeta! Canta ainda,
Um pouco... mais... pois que o cantar é vida!
Oh! canta os sonhos teus!
E se não queres ter d'aqui as glórias,
Canta o céu tão azul, o sol, a lua...
E canta o nosso Deus!...

Rio.—11 d'outubro de 1859.

ALMEIDA CUNHA.

A CASIMIRO DE ABREU

*...Vêr o pobre mancebo
Em quem a seiva reluz,
No sonho candido e puro,
Nas glorias do seu futuro,
Dourando a vida de luz,
De crenças, de amor, de fé,
Vêl-o finir-se tão cedo,
Como as vozes d'um segredo...
É dôr de mais—pois não é?!...*

CASIMIRO D'ABREU.

Aquella pallida fronte,
Ardente como um vulcão,
Em que um brilhante horisonte,
Sorria de inspiração;
Cuja musa, em meigos cantos,
Sorrindo ou vertendo prantos,
Sempre cantando, encantava;
—Pallida agora, mas fria,
Não mais desprende a harmonia
Que no seu antro encerrava!

Que é d'elle, o joven cantor,
Astro brazileo a surgir,
Que entre os seus cantos de amor
Fazia amores sentir?...
Que é d'elle, o joven amante,
Que do seu berço distante,
No verdor da mocidade,
Vendo outro céu, outras flôres,
Não lhes achaya primores
Por ter da patria saudade?...

Viram-no as margens do Tejo
 Murmurar hymnos de amor,
 Á patria mandando um beijo
 Com dedicado fervor!
 Que puro amor terno e santo
 Revela aquelle seu canto
 A sua mãe, relembrando
 A falta d'essas caricias,
 Que eram as suas delicias
 No patrio ninho habitando!...

Tambem as margens do Douro
 Viram-no triste, a gemer,
 Dizendo na lyra d'ouro:
 «Brazileiro hei de morrer.»
 Só vendo ao longe a belleza,
 Primores da natureza,
 Encantos a mil e mil,
 Que em longas, remotas eras
 Quiz marcar nas—Primaveras
 Eternas no seu Brazil.

Quem é que ao pranto resiste,
 Seja poeta ou não seja,
 Ouvindo—*Minh'alma é triste;*
 Que o *Livro Negro* reveja?...
 Parece que o soffrimento,
 Funesto presentimento
 D'amargor lhe enchia o peito!...
 Cantava...—mas que cantar!
 Era um bardo a suspirar,
 Sempre em lagrimas desfeito!

Era a canção do exilado,
 Que tristes mágoas encerra,
 Soltando um céu abafado
 Que sôa de serra em serra!
 Elle era o nauta nos mares,

Procurando os patrios lares
 C'os torvos olhos sandosos;
 E ao ronco gemer do vento
 Unindo um triste lamento
 Entre suspiros queixosos!...

Que terno amor! que poesia
 Na mente lhe borbulhava
 Quando a sandade e harmonia
 Do sabiá recordava!...
 D'esse cantor das palmeiras,
 Que nas matas brasileiras
 Modula os ternos queixumes.
 Que fogo de amor intenso,
 Cantando o Brazil immenso,
 Cercado de mil perfumes!...

Que coração de poeta
 (Livre das loucas orgias),
 Que em musa casta e discreta,
 Batia, ao som de harmonias!...
 Que brandas, sentidas queixas
 Ao som de ternas endeixas
 Revelando os seus amores!...
 Que bella esp'rança perdida,
 N'esse futuro da vida
 Do outomno, com seus primores!...

E tudo tombou—cahiu
 Da praça ao tufão medonho,
 Que no sepulchro sumiu
 Tão bello arbusto risonho!...
 Esse tufão, que tão cedo
 A Dutra, Amaro e Azevedo
 Na primavera cortou,
 Sedento de atroz furor,
 Ao fluminense cantor
 Na terra em furia lançou.

E quatro lustros sómente,
Cheios de vida e fulgor,
Perderam seu brilho ardente
Na campa, em gelido horror!...
Que verde esp'rança murchada!
Que flôr tão bella, esmagada,
Hoje sem brilho e sem côr!...
Que galardão tão subido,
Que de futuro perdido
N'esse brazileo cantor!...

Só d'elle resta a lembrança,
Que mudamente suspira
Accorde, mas sem esperança,
Nos tristes eccos da lyra!
Chora a familia saudosa,
Chora a musa lacrimosa,
Chora o Brazil, que o perdeu,
Chorará quem n'outras eras
Lêr com mágoa as *Primaveras*
De—Casimiro de Abreu.

J. V. DA SILVA AZEVEDO.

A CASIMIRO DE ABREU

*Recebe este voto, amigo,
.....
Em poucos versos singelos.
Qualquer os fará mais bellos;
Ninguém tão d'alma os faria.*

ALMEIDA GARRETT.

Inda o cypreste não roçára o tope
Na cruz do tumulo;
E nem a relva tapetára a base
Do teu sepulchro.

O chorão não soltou as folhas mortas
E as doces lagrimas;
E nem as rosas da primeira corôa
Murcharam inda.

Mas tu não vives! desfolhou-se o arbusto
Na quadra florida!
E a brisa perfumada do oriente
Passou assim na terra.

Creança e moço
Dêste ao mundo um rosal de primaveras...
Mal veio o estio... Nem colheste o fructo!

E eu venho aqui,—á sombra do cadavér
E á luz do espirito
Que brilha lá no céo,—depôr um cofre
De gôso e mágoas;

Que em noites de tristeza me sorriam
Estrellas fulgidas;
Que, em dias de pesar, o sol ás vezes
Me alumiára.

A ti a flôr que aos risos da ventura
Abrira o cálix;
A ti o pranto que orvalhou a rosa
Por conservar-lhe o viço!

Guarda-o, poeta,
Á sombra protectora do cypreste.
E á luz da tua gloria.

Paris—26 de dezembro de 1860.

ERNESTO CIBRÃO.

VIVEU, CANTOU, MORREU

A CASIMIRO DE ABREU

Viveu como uma flôr tão curta vida,
Ou foi uma esperança fallécida,
 Ou sonho que acabou;
Sem gosar dos festins que o mundo afaga,
Como um batel que a tempestade traga,
 Os dias seus passou.

Cantou suas passadas primaveras,
Tendo saudades d'essas lindas eras
 Em que tudo é sonhar;
Seus pesares gemeu e suas dores,
Esperanças cantou o seu penar.

Morreu inda na flôr da mocidade
Entoando uma nenia de saudade
 Por sobre os sonhos seus!
Foi saudar nova vida, novo sol;
Subiu inda da vida no arrebol,
 Alegre aos pés de Deus.

Rio de Janeiro—outubro 1861.

CLIMACO ANANIAS BARBOSA D'OLIVEIRA



PRIMAVERAS

*La vie du vulgaire n'est qu'un vague et
sourd murmure du cœur; la vie de l'hom-
me sensible est un cri; la vie du poète est
un chant.*

LAMARTINE.

1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10. 11. 12. 13. 14. 15. 16. 17. 18. 19. 20. 21. 22. 23. 24. 25. 26. 27. 28. 29. 30. 31. 32. 33. 34. 35. 36. 37. 38. 39. 40. 41. 42. 43. 44. 45. 46. 47. 48. 49. 50. 51. 52. 53. 54. 55. 56. 57. 58. 59. 60. 61. 62. 63. 64. 65. 66. 67. 68. 69. 70. 71. 72. 73. 74. 75. 76. 77. 78. 79. 80. 81. 82. 83. 84. 85. 86. 87. 88. 89. 90. 91. 92. 93. 94. 95. 96. 97. 98. 99. 100. 101. 102. 103. 104. 105. 106. 107. 108. 109. 110. 111. 112. 113. 114. 115. 116. 117. 118. 119. 120. 121. 122. 123. 124. 125. 126. 127. 128. 129. 130. 131. 132. 133. 134. 135. 136. 137. 138. 139. 140. 141. 142. 143. 144. 145. 146. 147. 148. 149. 150. 151. 152. 153. 154. 155. 156. 157. 158. 159. 160. 161. 162. 163. 164. 165. 166. 167. 168. 169. 170. 171. 172. 173. 174. 175. 176. 177. 178. 179. 180. 181. 182. 183. 184. 185. 186. 187. 188. 189. 190. 191. 192. 193. 194. 195. 196. 197. 198. 199. 200. 201. 202. 203. 204. 205. 206. 207. 208. 209. 210. 211. 212. 213. 214. 215. 216. 217. 218. 219. 220. 221. 222. 223. 224. 225. 226. 227. 228. 229. 230. 231. 232. 233. 234. 235. 236. 237. 238. 239. 240. 241. 242. 243. 244. 245. 246. 247. 248. 249. 250. 251. 252. 253. 254. 255. 256. 257. 258. 259. 260. 261. 262. 263. 264. 265. 266. 267. 268. 269. 270. 271. 272. 273. 274. 275. 276. 277. 278. 279. 280. 281. 282. 283. 284. 285. 286. 287. 288. 289. 290. 291. 292. 293. 294. 295. 296. 297. 298. 299. 300. 301. 302. 303. 304. 305. 306. 307. 308. 309. 310. 311. 312. 313. 314. 315. 316. 317. 318. 319. 320. 321. 322. 323. 324. 325. 326. 327. 328. 329. 330. 331. 332. 333. 334. 335. 336. 337. 338. 339. 340. 341. 342. 343. 344. 345. 346. 347. 348. 349. 350. 351. 352. 353. 354. 355. 356. 357. 358. 359. 360. 361. 362. 363. 364. 365. 366. 367. 368. 369. 370. 371. 372. 373. 374. 375. 376. 377. 378. 379. 380. 381. 382. 383. 384. 385. 386. 387. 388. 389. 390. 391. 392. 393. 394. 395. 396. 397. 398. 399. 400. 401. 402. 403. 404. 405. 406. 407. 408. 409. 410. 411. 412. 413. 414. 415. 416. 417. 418. 419. 420. 421. 422. 423. 424. 425. 426. 427. 428. 429. 430. 431. 432. 433. 434. 435. 436. 437. 438. 439. 440. 441. 442. 443. 444. 445. 446. 447. 448. 449. 450. 451. 452. 453. 454. 455. 456. 457. 458. 459. 460. 461. 462. 463. 464. 465. 466. 467. 468. 469. 470. 471. 472. 473. 474. 475. 476. 477. 478. 479. 480. 481. 482. 483. 484. 485. 486. 487. 488. 489. 490. 491. 492. 493. 494. 495. 496. 497. 498. 499. 500. 501. 502. 503. 504. 505. 506. 507. 508. 509. 510. 511. 512. 513. 514. 515. 516. 517. 518. 519. 520. 521. 522. 523. 524. 525. 526. 527. 528. 529. 530. 531. 532. 533. 534. 535. 536. 537. 538. 539. 540. 541. 542. 543. 544. 545. 546. 547. 548. 549. 550. 551. 552. 553. 554. 555. 556. 557. 558. 559. 560. 561. 562. 563. 564. 565. 566. 567. 568. 569. 570. 571. 572. 573. 574. 575. 576. 577. 578. 579. 580. 581. 582. 583. 584. 585. 586. 587. 588. 589. 590. 591. 592. 593. 594. 595. 596. 597. 598. 599. 600. 601. 602. 603. 604. 605. 606. 607. 608. 609. 610. 611. 612. 613. 614. 615. 616. 617. 618. 619. 620. 621. 622. 623. 624. 625. 626. 627. 628. 629. 630. 631. 632. 633. 634. 635. 636. 637. 638. 639. 640. 641. 642. 643. 644. 645. 646. 647. 648. 649. 650. 651. 652. 653. 654. 655. 656. 657. 658. 659. 660. 661. 662. 663. 664. 665. 666. 667. 668. 669. 670. 671. 672. 673. 674. 675. 676. 677. 678. 679. 680. 681. 682. 683. 684. 685. 686. 687. 688. 689. 690. 691. 692. 693. 694. 695. 696. 697. 698. 699. 700. 701. 702. 703. 704. 705. 706. 707. 708. 709. 710. 711. 712. 713. 714. 715. 716. 717. 718. 719. 720. 721. 722. 723. 724. 725. 726. 727. 728. 729. 730. 731. 732. 733. 734. 735. 736. 737. 738. 739. 740. 741. 742. 743. 744. 745. 746. 747. 748. 749. 750. 751. 752. 753. 754. 755. 756. 757. 758. 759. 760. 761. 762. 763. 764. 765. 766. 767. 768. 769. 770. 771. 772. 773. 774. 775. 776. 777. 778. 779. 780. 781. 782. 783. 784. 785. 786. 787. 788. 789. 790. 791. 792. 793. 794. 795. 796. 797. 798. 799. 800. 801. 802. 803. 804. 805. 806. 807. 808. 809. 810. 811. 812. 813. 814. 815. 816. 817. 818. 819. 820. 821. 822. 823. 824. 825. 826. 827. 828. 829. 830. 831. 832. 833. 834. 835. 836. 837. 838. 839. 840. 841. 842. 843. 844. 845. 846. 847. 848. 849. 850. 851. 852. 853. 854. 855. 856. 857. 858. 859. 860. 861. 862. 863. 864. 865. 866. 867. 868. 869. 870. 871. 872. 873. 874. 875. 876. 877. 878. 879. 880. 881. 882. 883. 884. 885. 886. 887. 888. 889. 890. 891. 892. 893. 894. 895. 896. 897. 898. 899. 900. 901. 902. 903. 904. 905. 906. 907. 908. 909. 910. 911. 912. 913. 914. 915. 916. 917. 918. 919. 920. 921. 922. 923. 924. 925. 926. 927. 928. 929. 930. 931. 932. 933. 934. 935. 936. 937. 938. 939. 940. 941. 942. 943. 944. 945. 946. 947. 948. 949. 950. 951. 952. 953. 954. 955. 956. 957. 958. 959. 960. 961. 962. 963. 964. 965. 966. 967. 968. 969. 970. 971. 972. 973. 974. 975. 976. 977. 978. 979. 980. 981. 982. 983. 984. 985. 986. 987. 988. 989. 990. 991. 992. 993. 994. 995. 996. 997. 998. 999. 1000.

*São as flôres das minhas primaveras
Rebentadas á sombra dos coqueiros.*

TEIXEIRA DE MELLO—*Sombras e Sonhos.*

Um dia—além dos Orgãos, na poetica Friburgo—isolado dos meus companheiros de estudo, tive saudades da casa paterna e chorei.

Era de tarde; o crepusculo descia sobre a crista das montanhas e a natureza como que se recolhia para entoar o canticó da noite; as sombras estendiam-se pelo leito dos valles e o silencio tornava mais solemne a voz melancolica do cahir das cachoeiras. Era a hora da *merenda* em nossa casa e pareceu-me ouvir o ecco das risadas infantis de minha mana pequena! As lagrimas correram e fiz os primeiros versos da minha vida, que intitulei—*As Ave-Marias*:—a saudade havia sido a minha primeira musa.

Era um canto simples e natural como o dos passarinhos, e para possuil-o hoje eu déra em troca este volume inutil, que nem conserva ao menos o sabor virginal d'aquelles preludios!

Depois, mais tarde, nas ribas pittorescas do Douro ou nas varzeas do Tejo, tive saudades do meu ninho das florestas e cantei; a nostalgia me apagava a vida e as veigas risonhas do Minho não tinham a belleza magestosa dos sertões.

Eu era entusiasta então e escrevia muito, porque me embalava á sombra d'uma esperança que nunca pude vêr realisada. N'uma hora de desalento rasguei muitas d'essas paginas candidas e quasi que pedi o balsamo da sepultura para as ulceras recentes do coração; é que as primeiras illusões da vida, abertas de noite—cahem pela manhã como as flôres cheirosas das lorangeiras!

Flôres e estrellas, murmúrios da terra e mysterios do céo, sonhos de virgem e risos de creança, tudo o que é bello e tudo o que é grande, veio por seu turno debruçar-se sobre o espelho magico da minha alma e ahi estampar a sua imagem fugitiva. Se n'essa collecção de imagens predomina o perfil gracioso d'uma virgem, facilmente se explica:—era a filha do céo que vinha vibrar o alaúde adormecido do pobre filho do sertão.

Rico ou pobre, contradictorio ou não, este livro fez-se por si, naturalmente, sem esforço, e os cantos sahiram conforme os logares os iam despertando. Um dia a pasta, pejada de tanto papel, pedia que se lhe dêsse um destino qualquer, e foi então que resolvi a publicação das—*Primaveras*;—depois separei muitos cantos sombrios, guardei outros que constituem o meu—livro íntimo—e no fim de mudanças infinitas e caprichosas, pude vêr o volume completo e o entrego hoje sem receio e sem pretensões.

Todos ahi acharão cantigas de creança, trovas de mancebo, e rarissimos lampejos de reflexão e de estudo: é o coração que se espraia sobre o eterno thema do amor e que solettra o seu poema mysterioso ao luar melancholico das nossas noites.

Meu Deus! que se ha de escrever aos vinte annos, quando a alma conserva ainda um pouco da creança e da virgindade do berço? Eu creio que sempre ha tempo de sermos *homem serio*, e de preferirmos uma moeda de cobre a uma pagina de Lamartine.

De certo, tudo isto, são ensaios; a mocidade palpita, e na

sêde que a devora, decepa os louros inda verdes e antes de tempo quer ajustar as cordas do instrumento, que só a madureza da idade e o tracto dos mestres poderão temperar.

O filho dos tropicos deve escrever n'uma linguagem—propriamente sua—languida como elle, quente como o sol que o abraza, grande e mysteriosa como as suas matas seculares; o beijo apaixonado das Celutas deve inspirar epopeias como a dos—Tymbiras—e acordar os Renés enfastiados do desalento que os mata. Até então, até seguirmos o vôo arrojado do poeta de—Y-Juca-Pirama—nós, cantores noveis, somos as vozes secundarias que se perdem no conjuncto d'uma grande orchestra; ha o unico merito de não ficarmos calados.

Assim, as minhas—*Primaveras*—não passam d'um ramillete das flôres proprias da estação,—flôres que o vento esfolhará ámanhã, e que apenas valem como promessa dos fructos do outomno.

Rio—20 de agosto—1859.

CASIMIRO DE ABREU.



A

Fallo a ti—doce virgem dos meus sonhos,
Visão dourada d'um scismar tão puro,
Que sorrias por noites de vigilia
Entre as rosas gentis do meu futuro.

Tu m'inspiraste, oh musa do silencio,
Mimosa flor da languida saudade!
Por ti correu meu estro ardente e louco
Nos verdores febris da mocidade.

Tu vinhas pelas horas das tristezas
Sobre o meu hombro debruçar-te a medo,
A dizer-me baixinho mil cantigas,
Como vozes subtis d'algum segredo!

Por ti eu me embarquei, cantando e rindo,
—Marinheiro de amor—no batel curvo,
Rasgando affouto em hymnos d'esperança
As ondas verde-azues d'um mar que é turvo.

Por ti corri sedento atraz da gloria;
Por ti queimei-me cedo em seus fulgores;
Queria de harmonia encher-te a vida,
Palmas na fronte—no regaço flores!

Tu, que foste a vestal dos sonhos d'ouro,
O anjo-tutelar dos meus anhelos,
Estende sobre mim as azas brancas...
Desenrola os anneis dos teus cabellos!

Muito gelo, meu Deus, crestou-me as galas!
Muito vento do sul varreu-me as flores!
Ai de mim—se o relento de teus risos
Não molhasse o jardim dos meus amores!

Não t'esqueças de mim! Eu tenho o peito
De santas illusões; de crenças cheio!
—Guarda os cântos do louco sertanejo
No leito virginal que tens no seio.

Pódes lêr o *meu livro*:—adoro a infancia,
Deixo a esmola na enxerga do mendigo,
Creio em Deus, amo a patria, e em noites lindas
Minh'alma—aberta em flor—sonha contigo.

Se entre as rosas das minhas—Primaveras—
Houver rosas gentis, de espinhos nuas;
Se o futuro atirar-me algumas palmas,
As palmas do cantor—são todas tuas!

Agosto 20—1859.

C.

LIVRO PRIMEIRO

Heureux ceux qui n'ont point vu la fumée des fêtes de l'étranger, et qui ne se sont assis qu'aux festins de leurs pères!

CHATEAUBRIAND.



CANÇÃO DO EXILIO

*Oh! mon pays sera mes amours
Toujours.*

CHATEAUBRIAND.

Eu nasci além dos mares:
Os meus lares,
Meus amores ficam lá!
—Onde canta nos retiros
Seus suspiros,
Suspiros o sabiá!

Oh! que céu, que terra aquella,
Rica e bella
Como o céu de claro anil!
Que seiva, que luz, que galas,
Não exhalas
Não exhalas, meu Brazil!

Oh! que saudades tamanhas
Das montanhas,
D'aquelles campos nataes!
D'aquelle céu de saphira
Que se mira,
Que se mira nos cristaes!

•

Não amo a terra do exílio,
Sou bom filho,
Quero a patria, o meu paiz,
Quero a terra das mangueiras
E as palmeiras,
E as palmeiras tão gentis!

Como a ave dos palmares
Pelos ares
Fugindo do caçador;
Eu vivo longe do ninho,
Sem carinho,
Sem carinho e sem amor!

Debalde eu olho e procuro...
Tudo escuro
Só vejo em roda de mim!
Falta a luz do lar paterno
Doce e terno,
Doce e terno para mim.

Distante do solo amado
—Desterrado—
A vida não é feliz.
N'essa eterna primavera
Quem me dera,
Quem me dera o meu paiz!

MINHA TERRA

*Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá.*

G. DIAS.

Todos cantam sua terra,
Tambem vou cantar a minha,
Nas deveis cordas da lyra
Hei de fazel a rainha;
—Hei de dar-lhe a realeza
N'esse throno de belleza
Em que a mão da natureza
Esmerou-se em quanto tinha.

Correi pr'as bandas do sul:
Debaixo d'um céu de anil
Encontrareis o gigante
Santa Cruz, hoje Brazil;
—É uma terra de amores
Alcatifada de flores
Onde a brisa falla amores
Nas bellas tardes de abril.

Tem tantas bellezas, tantas,
A minha terra natal,
Que nem as sonha um poeta,
E nem as canta um mortal!
—É uma terra encantada
—Mimoso jardim de fada—
Do mundo todo invejada,
Que o mundo não tem igual.

Não, não tem, que Deus fadou-a
D'entre todas—a primeira:
Deu-lhe esses campos bordados,
Deu-lhe os leques da palmeira,
E a borboleta que adeja
Sobre as flores que ella beija,
Quando o vento rumoreja
Na folhagem da mangueira.

É um paiz magestoso
Essa terra de Tupá,
Desd'o Amfazonas ao Prata,
Do Rio Grande ao Pará!
—Tem serranias gigantes
E tem bosques verdejantes,
Que repetem incessantes
Os cantos do sabiá.

Ao lado da cachoeira,
Que se despenha fremente,
Dos galhos da sapucaia
Nas horas do sol ardente,
Sobre um solo d'açucenas,
Suspensa a rêde de pennas
Alli nas tardes amenas
Se embala o indio indolente.

Foi alli que n'outro tempo
Á sombra do cajazeiro
Soltava seus doces carmes
O Petrarca brasileiro;
E a bella que o escutava
Um sorriso deslisava
Para o bardo que pulsava
Seu alaúde fagueiro.

Quando Dirceu e Marilia
Em ternissimos enleios
Se beijavam com ternura
Em celestes devaneios;
Da selva o vate inspirado,
O sabiá namorado,
Na lorangeira pousado
Soltava ternos gorgeios.

Foi alli, foi no Ypiranga,
Que com toda a magestade
Rompeu de labios augustos
O brado da liberdade;
Aquella voz soberana
Voou na plaga indiana
Desde o palacio á choupana,
Desde a floresta á cidade!

Um povo ergueu-se cantando
—Mancebos e anciãos—
E, filhos da mesma terra,
Alegres deram-se as mãos;
Foi bello vêr esse povo
Em suas glorias tão novo,
Bradando cheio de fogo:
—Portugal! somos irmãos!

Quando nasci, esse brado
Já não soava na serra,
Nem os eccos da montanha.
Ao longe diziam—guerra!
Mas não sei o que sentia
Quando, a sós, eu repetia
Cheio de nobre ousadia,
O nome da minha terra!

Se brasileiro eu nasci
Brazileiro hei de morrer,
Que um filho d'aquellas matas
Ama o céu que o viu nascer;
Chora, sim, porque tem prantos,
E são sentidos e santos,
Se chora pelos encantos
Que nunca mais ha de vêr.

Chora, sim, como suspiro
Por esses campos que eu amo,
Pelas mangueiras copadas
E o canto do gaturamo;
Pelo rio caudaloso,
Pelo prado tão relvoso,
E pelo tyê formoso
Da goiabeira no ramo!

Quiz cantar a minha terra,
Mas não póde mais a lyra;
Que outro filho das montanhas,
O mesmo canto desfira,
Que o proscripto, o desterrado,
De ternos prantos banhado,
De saudades torturado,
Em vez de cantar—suspira!

Tem tantas bellezas, tantas,
A minha terra natal,
Que nem as sonha um poeta
E nem as canta um mortal!
— É uma terra de amores
Alcatifada de flores
Onde a brisa em seus rumores
Murmura:—não tem rival!

Lisboa—1856.

SAUDADES

Nas horas mortas da noite
Como é doce o meditar
Quando as estrellas scintillam
Nas ondas quietas do mar;
Quando a lua magestosa
Surgindo linda e formosa,
Como donzella vaidosa
Nas aguas se vai mirar!

N'essas horas de silencio,
De tristezas e de amor,
Eu gosto de ouvir ao longe,
Cheio de mágoa e de dôr,
O sino do campanario,
Que falla tão solitario
Com esse som mortuario,
Que nos enche de pavor.

Então—proscripto e sósinho—
Eu solto aos eccos da serra
Suspiros d'essa saudade
Que no meu peito se encerra.
Esses prantos de amargores
São prantos cheios de dôres:
—Saudades—dos meus amores,
—Saudades—da minha terra!

CANÇÃO DO EXILIO

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,
 Meu Deus! não seja já;
Eu quero ouvir na laranjeira, á tarde,
 Cantar o sabiá!

Meu Deus, eu sinto e tu bem vês que eu morro
 Respirando este ar;
Faz que eu viva, Senhor! dá-me de novo
 Os gôsos do meu lar!

O paiz estrangeiro mais bellezas
 Do que a patria, não tem;
E este mundo não val um só dos beijos
 Tão doces d'uma mãe!

Dá-me os sitios gentis onde eu brincava
 Lá na quadra infantil;
Dá que eu veja uma vez o céu da patria,
 O céu do meu Brazil!

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,
 Meu Deus! não seja já;
Eu quero ouvir na laranjeira, á tarde,
 Cantar o sabiá!

Quero vêr esse céu da minha terra
 Tão lindo e tão azul!
E a nuvem côr de rosa que passava
 Correndo lá do sul!

Quero dormir á sombra dos coqueiros,
As folhas por docel;
E vêr se apanho a borboleta branca,
Que vôa no vergel!

Quero sentar-me á beira do riacho
Das tardes ao cahir,
E sósinho scismando no crepusculo
Os sonhos do porvir!

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,
Meu Deus! não seja já;
Eu quero ouvir na lorangeira, á tarde,
A voz do sabiá!

Quero morrer cercado dos perfumes
D'um clima tropical,
E sentir, expirando, as harmonias
Do meu berço natal!

Minha campa será entre as mangueiras
Banhada do luar,
E eu contente dormirei tranquillo
Á sombra do meu lar!

As cachoeiras chorarão sentidas
Porque cedo morri,
E eu sonho no sepulchro os meus amores
Na terra onde nasci!

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,
Meu Deus! não seja já;
Eu quero ouvir na lorangeira, á tarde,
Cantar o sabiá!

MINHA MÃE

Oh! l'amour d'une mère!—amour que nul n'oublie.

V. HUGO.

Da patria formosa distante e saudoso,
Chorando e gemendo meus cantos de dor,
Eu guardo no peito a imagem querida
Do mais verdadeiro, do mais santo amor:
—Minha Mãe!—

Nas horas caladas das noites d'estio
Sentado sósinho co'a face na mão,
Eu choro e soluço por quem me chamava
—«Oh filho querido do meu coração!»—
—Minha Mãe!—

No berço, pendente dos ramos floridos
Em que eu pequenino feliz dormitava:
Quem é que esse berço com todo o cuidado
Cantando cantigas alegre embalava?
—Minha Mãe!—

De noite, alta noite, quando eu já dormia
Sonhando esses sonhos dos anjos dos céos,
Quem é que meus labios dormentes roçava,
Qual anjo da guarda, qual sopro de Deus?
—Minha Mãe!—

Feliz o bom filho que póde contente
Na casa paterna de noite e de dia
Sentir as caricias do anjo de amores,
Da estrella brilhante que a vida nos guia!
—Uma Mãe!—

Por isso eu agora na terra do exilio,
Sentado sósinho co'a face na mão,
Suspiro e soluço por quem me chamava:
—«Oh filho querido do meu coração!»—
—Minha Mãe!—

Lisboa—1855.

ROSA MURCHA

Esta rosa desbotada
Já tantas vezes beijada,
Pallido emblema de amor;
É uma folha cahida
Do livro da minha vida,
Um canto immenso de dor!

Ha que tempos! Bem me lembro...
Foi n'um dia de novembro:
Deixava a terra natal,
A minha patria tão cara,
O meu lindo Guanabara,
Em busca de Portugal.

Na hora da despedida
Tão cruel e tão sentida
P'ra quem sahe do lar fagueiro;
D'uma lagrima orvalhada,
Esta rosa foi-me dada
Ao som d'um beijo primeiro.

Deixava a patria, é verdade,
Ia morrer de saudade
N'outros climas, n'outras plagas;
Mas tinha orações ferventes
D'uns labios inda innocentes
Em quanto cortasse as vagas.

E hoje, e hoje, meu Deus?!
—Hei de ir junto aos mausoleus
No fundo dos cemiterios,
E ao baço clarão da lua
Da campa na pedra nua
Interrogar os mysterios!

Carpir o lyrio pendido
Pelo vento desabrido...
Da divindade aos arcanos
Dobrando a fronte saudosa,
Chorar a virgem formosa
Morta na flor dos annos!

Era um anjo! Foi pr'o céu
Envolta em mystico véo
Nas azas d'um cherubim;
Já dorme o somno profundo,
E despediu-se do mundo
Pensando talvez em mim!

..

Oh! esta flor desbotada,
Já tantas vezes beijada,
Que de mysterios não tem!
Em troca do seu perfume
Quanta saudade resume
E quantos prantos tambem!

JURITY

Na minha terra, no bolir do mato,
A jurity suspira;
E como o arrulo dos gentis amores,
São os meus cantos de secretas dores
No chorar da lyra.

De tarde a pomba vem gemer sentida
À beira do caminho;
—Talvez perdida na floresta ingente—
A triste geme n'essa voz plangente
Saudades do seu ninho.

Sou como a pomba e como as vozes d'ella
É triste o meu cantar;
—Flor dos tropicos—cá na Europa fria
Eu definho, chorando noite e dia
Saudades do meu lar.

A jurity suspira sobre as folhas seccas
Seu canto de saudade;
Hymno de angustia, férvido lamento,
Um poema de amor e sentimento,
Um grito d'orphandade!

Depois... o caçador chega cantando,
 À pomba faz o tiro...
A bala acerta e ella cahe de bruços,
E a voz lhe morre nos gentis soluços,
 No final suspiro.

E como o caçador, a morte em breve
 Levar-me-ha comsigo;
E descuidado, no sorrir da vida,
Irei sósinho, a voz desfallecida,
 Dormir no meu jazigo.

E—morta—a pomba nunca mais suspira
 À beira do caminho;
E como a jurity,—longe dos lares—
Nunca mais chorarei nos meus cantares
 Saudades do meu ninho!

MEUS OITO ANNOS

Oh! souvenirs! printemps! aurores!

V. HUGO.

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infancia querida
Que os annos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
N'aquellas tardes fagueiras
Á sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjaes!

Como são bellos os dias
Do despontar da existencia!
—Respira a alma innocencia
Como perfumes a flor;
O mar é—lago sereno,
O céu—um manto azulado,
O mundo—um sonho dourado,
A vida—um hymno d'amor!

Que auroras, que sol, que vida,
Que noites de melodia
N'aquella doce alegria,
N'aquelle ingenuo folgar!
O céu bordado d'estrellas,
A terra de aromas cheia,
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar!

Oh! dias da minha infancia!
Oh! meu céu de primavera!
Que doce a vida não era
N'essa risonha manhã!
Em vez das mágoas de agora,
Eu tinha n'essas delicias
De minha mãe as caricias
E beijos de minha irmã!

Livre filho das montanhas,
Eu ia bem satisfeito,
Da camisa aberto o peito,
—Pés descalços, braços nús—
Correndo pelas campinas
Á roda das cachoeiras,
Atraz das azas ligeiras
Das borboletas azues!

N'aquelles tempos ditosos
Ia colher as pitangas,
Trepava a tirar as mangas,
Brincava á beira do mar;
Resava ás Ave-Marias,
Achava o céu sempre lindo,
Adormecia sorrindo
E despertava a cantar!

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infancia querida
Que os annos não trazem mais!
—Que amor, que sonhos, que flores,
N'aquellas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjaes!

Lisboa—1857.

NO ALBUM DE J. C. M.

N'estas folhas perfumadas
Pelas rosas desfolhadas
D'esses cantos de amizade,
Permitte que venha agora
Quem longe da patria chora
Bem triste gravar:—saudade!

Lisboa.

•

NO LAR

*Terra da minha patria, abre-me o seio
Na morte—ao menos.....*

GARRETT.

I

Longe da patria, sob um céu diverso
Onde o sol como aqui tanto não arde,
Chorei saudades do meu lar querido
—Ave sem ninho que suspira á tarde.—

No mar—de noite—solitario e triste
Fitando os lumes que no céu tremiam,
Ávido e louco nos meus sonhos d'alma
Folguei nos campos que meus olhos viam.

Era patria e familia e vida e tudo,
Gloria, amores, mocidade e crença,
E, todo em choros, vim beijar as praias
Porque chorára n'essa longa ausencia.

Eis-me na patria, no paiz das flores,
—O filho prodigo a seus lares volve,
E concertando as suas vestes rotas,
O seu passado com prazer revolve!—

Eis meu lar, minha casa, meus amores,
A terra onde nasci, meu tecto amigo,
A gruta, a sombra, a solidão, o rio
Onde o amor me nasceu—cresceu comigo.

Os mesmos campos que eu deixei creança,
Arvores novas... tanta flor no prado!...
Oh! como és linda, minha terra d'alma,
—Noiva enfeitada para o seu noivado!—

Foi aqui, foi alli, além... mais longe,
Que eu sentei-me a chorar no fim do dia;
—Lá vejo o atalho que vai dar na varzea...
Lá o barranco por onde eu subia!...

Acho agora mais secca a cachoeira
Onde banhei-me no infantil cansaço...
—Como está velho o laranjal tamanho
Onde eu caçava o sanhassú a laço!...

Como eu me lembro dos meus dias puros!
Nada me esquece!... e esquecer quem hade?...
—Cada pedra que eu palpo, ou tronco, ou folha,
Falla-me ainda d'essa doce idade!

Eu me remoço recordando a infancia,
E tanto a vida me palpita agora
Que eu dera, oh! Deus! a mocidade inteira
Por um só dia do viver d'outr'ora!

E a casa?... as salas, estes moveis... tudo,
O crucifixo pendurado ao muro...
O quarto do oratorio... a sala grande
Onde eu temia penetrar no escuro!...

E alli... n'aquelle canto... o berço armado!
E minha mana, tão gentil, dormindo!
E mamãe a contar-me historias lindas
Quando eu chorava e a beijava rindo!

Oh! primavera! oh! minha mãe querida!
Oh! mana!—anjinho que eu amei com ancia—
Vinde vêr-me, em soluços—de joelhos—
Beijando em choros este pó da infancia!

II

Meu Deus! eu chorei tanto lá no exilio!
Tanta dor me cortou a voz sentida,
Que agora n'este gôso de proscripto
Chora minh'alma e me succumbe a vida!

Quero amor! quero vida! e longa e bella,
Que eu, Senhor! não vivi—dormi apenas!
Minh'alma que se expande e se entumece
Despe o seu luto nas canções amenas.

Que sêde que eu sentia n'essas noites!
Quanto beijo roçou-me os labios quentes!
E, pallido, acordava no meu leito
—Sósinho—e orphão das visões ardentes!

Quero amor! quero vida! aqui, na sombra,
No silencio e na voz d'esta natura;
—Da primavera de minh'alma os cantos
Caso co'as flores da estação mais pura.

Quero amor! quero vida! os labios ardem...
Preciso as dores d'um sentir profundo!
—Soffrego a taça exgotarei d'um trago
Embora a morte vá topar no fundo.

Quero amor! quero vida! Um rosto virgem,
—Alma de archanjo que me falle amores,
Que ria e chore, que suspire e gema
E doure a vida sobre um chão de flores.

Quero amor! quero amor!—Uns dedos brancos
Que passem a brincar nos meus cabellos;
Rosto lindo de fada vaporosa
Que dê-me vida e que me mate em zelos!

Oh! céu de minha terra—azul sem mancha—
Oh! sol de fogo que me queima a fronte,
Nuvens douradas que correis no occaso,
Nevoas da tarde que cobris o monte;

Perfumes da floresta, vozes doces,
Mansa lagôa que o luar prateia,
Claros riachos, cachoeiras altas,
Ondas tranquillias que morreis na areia;

Aves dos bosques, brisas das montanhas,
Bentevís do campo, sabiás da praia,
—Cantai, correi, brilhai—minh'alma em ancias
Treme de gôso e de prazer desmaia!

Flores, perfumes, solidões, gorgeios,
Amor, ternura—modulai-me a lyra!
—Seja um poema este ferver de ideias,
Que a mente cala e o coração suspira.

Oh! mocidade! bem te sinto e vejo!
De amor e vida me trasborda o peito...
—Basta-me um anno!... e depois... na sombra...
Onde tive o berço quero ter meu leito!

Eu canto, eu choro, eu rio, e grato e louco
Nos pobres hymnos te bemdigo, oh! Deus!
Deste-me os gôsos do meu lar querido...
Bemdito sejas!—vou viver c'os meus!

Inday'assú—1857.

BRAZILIANAS



MORENINHA



Moreninha, Moreninha,
Tu és do campo a rainha,
Tu és senhora de mim;
Tu matas todos d'amores,
Faceira, vendendo as flores
Que colhes no teu jardim.

Quando tu passas n'aldeia
Diz o povo á bocca cheia:
— «Mulher mais linda não ha!
«Ai vejam como é bonita
«Co'as tranças presas na fita,
«Co'as flores no samburá!—

Tu és meiga, és innocente
Como a rôla que contente
Vôa e folga no rosal;
Envolta nas simples galas,
Na voz, no riso, nas fallas,
Morena—não tens rival!

Tu, hontem, vinhas do monte
E paraste ao pé da fonte
Á fresca sombra do til;
Regando as flores, sósinha,
Nem tu sabes, Moreninha,
O quanto achei-te gentil!

Depois segui-te calado
Como o passaro esfaimado
Vai seguindo a jurity;
Mas tão pura ias brincando,
Pelas pedrinhas saltando,
Que eu tive pena de ti!

E disse então:—Moreninha,
Se um dia tu fores minha,
Que amor, que amor não terás!
Eu dou-te noites de rosas
Cantando canções formosas
Ao som dos meus ternos ais.

Morena, minha sereia,
Tu és a rosa da aldeia,
Mulher mais linda não ha;
Ninguem t'igualá ou t'imita
Co'as tranças presas na fita,
Co'as flores no samburá!

Tu és a deusa da praça,
E todo o homem que passa
Apenas viu-te... parou!
Segue depois seu caminho ^e
Mas vai calado e sósinho
Por que sua alma ficou!

Tu és bella, Moreninha,
Sentada em tua banquinha
Cercada de todos nós;
Rufando alegre o pandeiro,
Como a ave no espinheiro
Tu soltas também a voz:

— «Oh! quem me compra estas flores?
«São lindas como os amores,
«Tão bellas não ha assim;
«Foram banhadas de orvalho,
«São flores do meu serrallo,
«Colhi-as no meu jardim.»—

Morena, minha Morena,
És bella, mas não tens pena
De quem morre de paixão!
—Tu vendes flores singelas
E guardas as flores bellas,
As rosas do coração?!..

Moreninha, Moreninha,
Tu és das bellas rainha,
Mas nos amores és má;
—Como tu ficas bonita
Co'as tranças presas na fita,
Co'as flores no samburá!

Eu disse então:— «Meus amores,
«Deixa mirar tuas flores,
«Deixa perfumes sentir!»
Mas n'aquelle doce enleio,
Em vez das flores, no seio,
No seio te fui bulir!

Como nuvem desmaiada
Se tinge de madrugada
Ao doce albor da manhã;
Assim ficaste, querida,
A face em pejo accendida,
Vermelha como a romã!

Tu fugiste, feiticeira,
E de certo mais ligeira
Qualquer gazella não é;
Tu ias de saia curta...
Saltando a moita de murta:
Mostraste, mostraste o pé!

Ai! Morena, ai! meus amores,
Eu quero comprar-te as flores,
Mas dá-me um beijo tambem;
Que importam rosas do prado
Sem o sorriso engraçado
Que a tua boquinha tem?...

Apenas vi-te, sereia,
Chamei-te—rosa da aldeia—
Como mais linda não ha.
—Jesus! Como eras bonita
Co'as tranças presas na fita,
Co'as flores no samburá!

Inday'assú—1857.

NA REDE

Nas horas ardentes do pino do dia
Aos bosques corri;
E qual linda imagem dos castos amores,
Dormindo e sonhando cercada de flores
Nos bosques a vi!

Dormia deitada na rede de pennas
—O céu por docel,
De leve embalada no quieto balanço
Qual nauta scismando n'um lago bem manso
N'um leve batel!

Dormia e sonhava—no rosto serena
Qual um serafim;
Os cilios pendidos nos olhos tão bellos,
E a brisa brincando nos soltos cabellos
De fino setim!

Dormia e sonhava—formosa embebida
No doce sonhar,
E doce e sereno n'um magico anseio
Debaixo das roupas batia-lhe o seio
No seu palpitar!

Dormia e sonhava— a bocca entre-aberta,
O labio a sorrir;
No peito cruzados os braços dormentes,
Compridos e lisos quaes brancas serpentes
No collo a dormir!

Dormia e sonhava— no sonho de amores
Chamava por mim,
E a voz suspirosa nos labios morria
Tão terna e tão meiga qual vaga harmonia
De algum bandolim!

Dormia e sonhava— de manso cheguei-me
Sem leve rumor;
Pendi-me tremendo e qual fraco vagido,
Qual sopro da brisa, baixinho ao ouvido
Fallei-lhe de amor!

Ao halito ardente o peito palpita...
Mas sem despertar;
E como nas ancias d'um sonho que é lindo,
A virgem na rede córando e sorrindo...
Beijou-me— a sonhar!

Junho—1858.

A VOZ DO RIO

(N'UM ALBUM)

Nosso sol é de fogo, o campo é verde,
O mar é manso, nosso céu azul!
—Ai porque deixas este patrio ninho
Pelas friezas dos vergeis do sul?

Lá n'essa terra onde o Guahyba chora
Não são as noites, como aqui, formosas,
E as duras azas do Pampeiro iroso
Quebra as tulipas e desfolha as rosas.

A lua é doce, nosso mar tranquillo,
Mais leve a brisa, nosso céu azul!...
—Tupá! quem troca pelo patrio ninho
As ventanias dos vergeis do sul?!

Lá novos campos outros campos ligam
E a vista fraca na extensão se perde!
E tu sósinha viverás no exilio
—Garça perdida n'esse mar que é verde!—

Nossas campinas como doces noivas
Vivem c'os montes sob o céu azul!
—Ha vida e amores n'este patrio ninho
Mais rico e bello que os vergeis do sul!

Essas palmeiras não tem tantos leques,
O sol das Pampas mareou seu brilho,
Nem cresce o tronco que susteve um dia
O berço lindo em que dormiu teu filho!

Nossas florestas sacudindo os galhos
Tocam c'os braços este céu azul!...
—Se tudo é grande n'este patrio ninho
Porque deixal-o p'ra viver no sul?!

Embora digas:—essa terra fria
Merece amores, é irmã da minha—
Quem dar-te póde este calor do ninho,
A luz suave que o teu berço tinha?!

Eu—Guanabara—no meu longo espelho
Reflico as nuvens d'este céu azul;
—Ó minha filha! acalentei-te o somno,
Porque me deixas p'ra viver no sul?!..

Lá, quando a terra s'embuçar nas sombras
E o sol medroso s'esconder nas agoas,
Teu pensamento, como o sol que morre,
Ha de scismando mergulhar-se em mágoas!

Mas se forçoso t'é deixar a patria
Pelas friezas dos vergeis do sul,
Ó minha filha! não t'esqueças nunca
D'estas montanhas, d'este céu azul.

Tupá bondoso te derrame graças,
Doce ventura te bafeje e siga,
E nos meus braços—ao voltar do exílio—
Saudando o berço que teu labio diga:

«Volvo contente para o patrio ninho,
«Deixei sorrindo esses vergeis do sul;
«Tinha saudades d'este sol de fogo...
«Não deixo mais este meu céu azul!...»

Rio—1858.

SETE DE SETEMBRO

A D. PEDRO II

I

Foi um dia de gloria!—O povo altivo
Trocou sorrindo as vozes de captivo
 Pelo cantar das festas!
O leão indomavel do deserto
Bramiu soberbo, dos grilhões liberto,
 No meio das florestas!

Lá no Ypiranga do Brazil o Marte
Enrolado nas dobras do estandarte
 Erguia o augusto porte;
Cercada a fronte dos laureis da gloria
Soltou tremendo o brado da victoria:
 —Independencia ou morte!

O santo amor dos corações ardentes
Achou ecco no peito dos valentes
 No campo e na cidade;
E nos salões—do pescador nos lares,
Livres soaram hymnos populares
 À voz da liberdade!

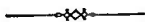
II

Annos correram;—no torrão fecundo
Ao sol de fogo d'este novo-mundo
 A semente brotou;
É franca e leda, a geração nascente
À copa altiva da arvore frondente
 Segura se abrigou!

Á roda da bandeira sacrosanta
Um povo esperançoso se levanta
 Infante e a sorrir!
A nação do lethargo se desperta,
E—livre—marcha pela estrada aberta
 Às glórias do porvir!

O paiz, n'alegria todo immerso,
Velava attento á roda só d'um berço...
 Era o vosso, Senhor!
Vós do tronco feliz doce renovo,
Vêde agora, Senhor, na voz do povo
 Quão grande é seu amor!

CANTICOS



POESIA E AMOR



A tarde que expira,
A flor que suspira,
O canto da lyra,
Da lua o clarão;
Dos mares na raia
A luz que desmaia,
E as ondas na praia
Lambendo-lhe o chão;

Da noite a harmonia
Melhor que a do dia,
E a viva ardentia
Das agoas do mar;
A virgem incauta,
As vozes da flauta,
E o canto do nauta
Chorando o seu lar;

Os tremulos lumes,
Da fronte os queixumes,
E os meigos perfumes
Que solta o vergel;
As noites brilhantes,
E os doces instantes
Dos noivos amantes
Na lua de mel;

Do templo nas naves
As notas suaves,
E o trino das aves
Saudando o arrebol;
As tardes estivas,
E as rosas lascivas
Erguendo-se altivas
Aos raios do sol;

A gota de orvalho
Tremendo no galho
Do velho carvalho,
Nas folhas do ingá;
O bater do seio,
Dos bosques no meio
O doce gorgueio
D'algum sabiá;

A orphã que chora,
A flor que se cora
Aos raios da aurora,
No albor da manhã;
Os sonhos eternos,
Os gôsos mais ternos,
Os beijos maternos
E as vozes de irmã;

O sino da torre
Carpindo quem morre,
E o rio que corre
Banhando o chorão;
O triste que vela
Cantando á donzella
A trova singela
Do seu coração;

A luz da alvorada,
E a nuvem dourada
Qual berço de fada
N'um céu todo azul;
No lago e nos brejos
Os fêrvidos beijos
E os loucos bafejos
Das brisas do sul;

Toda essa ternura
Que a rica natura
Solettra e murmura
Nos halitos seus,
Da terra os encantos,
Das noites os prantos,
São hymnos, são cantos
Que sobem a Deus!

Os tremulos lumes,
Da veiga os perfumes,
Da fonte os queixumes,
Dos prados a flor,
Do mar a ardentia,
Da noite a harmonia,
Tudo isso é—poesia!
Tudo isso é—amor!

ORAÇÕES

A

A alma, como o incenso, ao céu s'eleva
Da férvida oração nas azas puras,
E Deus recebe como um longo hosanna
O cantico de amor das creaturas.

Do throno d'ouro que circumdam anjos
Sorrindo ao mundo a Virgem-Mãe s'inclina
Ouvindo as vozes d'innocencia bella
Dos labios virginaes d'uma menina.

Da tarde morta o murmurar se cala
Ante a prece infantil, que sobe e vôa
Fresca e serena qual perfume doce
Das frescas rosas de gentil corôa.

As doces fallas de tua alma santa
Valem mais do que eu valho oh! cherubim!
Quando resares por teu mano, á noite,
Não t'esqueças tambem—resa por mim!

BALSAMO

Eu vi-a lacrimosa sobre as pedras
Rojar-se essa mulher que a dor ferira!
A morte lhe roubára d'um só golpe
Marido e filho, encaneceu-lhe a fronte,
E deixou-a sósinha e desgrenhada
—Estatua da afflicção aos pés d'um tumulo!—
O esqualido coveiro p'ra dous corpos
Ergueu a mesma enxada, e n'essa noite
A mesma cova os teve!

E a mãe chorava,
E mais alto que o choro erguia as vozes!

No entanto o sacerdote—fronte branca
Pelo gelo dos annos—a seu lado
Tentava consolal-a.

A mãe afflicta
Sublime d'esse bello desespero
As vozes não lhe ouvia; a dor suprema
Toldaya-lhe a razão no duro trance.

«Oh! padre!—disse a pobre s'estorcendo
Co'a voz cortada dos soluços d'alma—
«Onde o balsamo, as fallas d'esperança,
«O allivio á minha dor?!»

Grave e solemne,
O padre não fallou—mostrou-lhe o céu!

DEUS!

Eu me lembro! eu me lembro!—Era pequeno
E brincava na praia; o mar bramia
E erguendo o dorso altivo, sacudia
A branca espuma para o céu sereno.

E eu disse a minha mãe n'esse momento:
«Que dura orchestra! Que furor insano!
«Que pôde haver maior do que o oceano,
«Ou que seja mais forte do que o vento?!»—

Minha mãe a sorrir olhou p'r'os ceus
E respondeu:—«Um Sêr que nós não vemos
«É maior do que o mar, que nós tememos,
«Mais forte que o tufão! meu filho, é—Deus!»—

LIVRO SEGUNDO

*La chanson la plus charmante
Est la chanson des amours!*

V. HUGO.

PRIMAVERAS

*Primavera! juventud del anno,
Mocidad! primavera della vita.*

METASTASIO.

I

A primavera é a estação dos risos,
Deus fita o mundo com celeste afago,
Tremem as folhas e palpita o lago
Da brisa louca aos amorosos frisos.

Na primavera tudo é viço e gala,
Trinam as aves a canção de amores,
E doce e bella no tapiz das flores
Melhor perfume a violeta exhala.

Na primavera tudo é riso e festa,
Brotam aromas do vergel florido,
E o ramo verde de manhã colhido
Enfeita a frente da aldeã modesta.

A natureza se desperta rindo,
Um hymno immenso a criação modula,
Canta a calhandra, a jurity arrulla,
O mar é calmo porque o céu é lindo.

Alegre e verde se balança o galho,
Suspira a fonte na linguagem meiga,
Murmura a brisa:—Como é linda a veiga!
Responde a rosa:—Como é doce o orvalho!

II

Mas como às vezes sobre o céu sereno
Corre uma nuvem que a tormenta guia,
Tambem a lyra alguma vez sombria
Solta gemendo de amargura um threno.

São flores murchas;—o jasmim fenece,
Mas bafejado s'erguerá de novo
Bem como o galho de gentil renovo
Durante a noite, quando o orvalho desce.

Se um canto amargo de ironia cheio
Treme nos labios do cantor mancebo,
Em breve a virgem de seu casto enlevo
Dá-lhe um sorriso e lhe entumece o seio.

Na primavera—na manhã da vida—
Deus ás tristezas o sorriso enlaça,
E a tempestade se dissipa e passa
À voz mimosa da mulher querida.

Na mocidade, na estação fogosa,
Ama-se a vida—a mocidade é crença,
E a alma virgem n'esta festa immensa
Canta, palpita, s'extasia e gosa.

SCENA INTIMA

Como estás hoje zangada
E como olhas despeitada
 Só p'ra mim!
—Ora diz-me: esses queixumes
Esses injustos ciumes
 Não tem fim?

Que pequei eu bem conheço,
Mas castigo não mereço
 Por peccar;
Pois tu queres chamar crime
Render-me á chamma sublime
 D'um olhar!

Por ventura te esqueceste
Quando de amor me perdeste
 N'um sorrir?
Agora em cólera immensa
Já queres dar a sentença
 Sem me ouvir!

E depois, se eu te repito
Que n'esse instante maldito
 —Sem querer—
Arrastado por magia
Mil torrentes de poesia
 Fui beber!

Eram uns olhos escuros
Muito bellos, muito puros,
 Como os teus!
Uns olhos assim tão lindos
Mostrando gôsos infindos,
 Só dos ceus!

Quando os vi fulgindo tanto
Senti no peito um encanto
 Que não sei!
Juro fallar-te a verdade...
Foi de certo—sem vontade—
 Que eu pequei!

Mas hoje, minha querida,
Eu dera até esta vida
 P'ra poupar
Essas lagrimas queixosas,
Que as tuas faces mimosas
 Vem molhar!

Sabe ainda ser clemente,
Perdoa um erro innocente,
 Minha flor!
Seja grande embora o crime
O perdão sempre é sublime,
 Meu amor!

Mas se queres com maldade
Castigar quem—sem vontade—
 Só peccou;
Olha, linda, eu não me queixo,
A teus pés cahir me deixo...
 Aqui 'stou!

Mas se me deste, formosa,
De amor na taça mimosa
 Doce mel;
Ai! deixa que peça agora
Esses extremos d'outr'ora
 O infiel:

Prende-me... n'esses teus braços
Em doces, longos abraços
 Com paixão;
Ordena com gesto altivo...
Que te beije este captivo
 Essa mão!

Mata-me sim... de ventura,
Com mil beijos de ternura
 Sem ter dó,
Que eu prometto, anjo querido,
Não desprender um gemido,
 Nem um só!

JURAMENTO

Tu dizes, oh Mariquinhas
Que não crês nas juras minhas,
Que nunca cumpridas são!
Mas se eu não te jurei nada,
Como has de tu, estouvada,
Saber se eu as cumpro ou não?!

Tu dizes que eu sempre minto,
Que protesto o que não sinto,
Que todo o poeta é vario,
Que é borboleta inconstante;
Mas agora, n'este instante,
Eu vou provar-te o contrario.

Vem cá, sentada a meu lado
Com esse rosto adorado
Brilhante de sentimento,
Ao collo o braço cingido,
Olhar no meu embebido,
Escuta o meu juramento.

Espera:—inclina essa fronte...
Assim!...—Pareces no monte
Alvo lyrio debruçado!
—Agora, se em mim te fias,
Fica seria, não te rias,
O juramento é sagrado:

«—Eu juro sobre estas tranças,
«E pelas chammas que lanças
«D'esses teus olhos divinos;
«Eu juro, minha innocente,
«Embalar-te docemente
«Ao som dos mais ternos hymnos!

«Pelas ondas, pelas flores,
«Que se estremecem de amores
«Da brisa ao sopro lascivo;
«Eu juro, por minha vida,
«Deitar-me a teus pés, querida,
«Humilde como um captivo!

«Pelos lyrios, pelas rosas,
«Pelas estrellas formosas,
«Pelo sol que brilha agora,
«—Eu juro dar-te, Maria,
«Quarenta beijos por dia
«E dez abraços por hora!»

O juramento está feito,
Foi dito co'a mão no peito
Apontando ao coração;
E agora—por vida minha,
Tu verás, oh! moreninha,
Tu verás se o cumprou ou não!...

PERFUMES E AMOR

NA PRIMEIRA FOLHA D'UM ALBUM

A flor mimosa que abrilhanta o prado
Ao sol nascente vai pedir fulgor;
E o sol, abrindo da açucena as folhas,
Dá-lhe perfumes—e não nega amor.

Eu que não tenho, como o sol, seus raios,
Embora sinta n'esta fronte ardor,
Sempre quizera ao encetar teu album
Dar-lhe perfumes—desejar-lhe amor.

Meus Deus! nas folhas d'este livro puro
Não manche o pranto da innocencia o alvor,
Mas cada canto que cahir dos labios
Traga perfumes—e murmure amor.

Aqui se junte, qual n'um ramo santo,
Do nardo o aroma e da camelia a cor,
E possa a virgem, percorrendo as folhas,
Sorver perfumes—respirar amor.

Encontre a bella, caprichosa sempre,
Nos ternos hymnos d'infantil frescor
Entrelaçados na grinalda amiga
Doces perfumes—e celeste amor.

Talvez que diga, recordando tarde
O doce anhelô do feliz cantor:
—«Meu Deus! nas folhas do meu livro d'alma
Sobram perfumes—e não falta amor!»

Junho—1858.

SEGREDOS

Eu tenho uns amores—quem é que os não tinha
Nos tempos antigos?—Amar não faz mal;
As almas que sentem paixão como a minha,
Que digam, que fallem em regra geral.

—A flor dos meus sonhos é moça e bonita
Qual flor entr'aberta do dia ao raiar,
Mas onde ella mora, que casa ella habita,
Não quero, não posso, não devo contar!

Seu rosto é formoso, seu talhe elegante,
Seus labios de rosa, a falla é de mel,
As tranças compridas, qual livre bacchante,
O pé de creança, cintura de anel;

—Os olhos rasgados são cor das saphiras,
Serenos e puros, azues como o mar;
Se fallam sinceros, se pregam mentiras,
Não quero, não posso, não devo contar!

Oh! hontem no baile com ella walsando
Senti as delicias dos anjos do céu!
Na dança ligeira qual sylpho voando
Cahiu-lhe do rosto seu candido véo!

—Que noite e que baile!—Seu halito virgem
Queimava-me as faces no louco walsar,
As fallas sentidas que os olhos fallavam
Não posso, não quero, não devo contar!

Depois indolente firmou-se em meu braço,
Fugimos das salas, do mundo talvez!
Inda era mais bella rendida ao cansaço
Morrendo de amores em tal languidez!

—Que noite e que festa! e que languido rosto
Banhado ao reflexo do branco luar!
A neve do collo e as ondas dos seios
Não quero, não posso, não devo contar!

A noite é sublime!—Tem longos queixumes,
Mysterios profundos que eu mesmo não sei:
Do mar os gemidos, do prado os perfumes,
De amor me mataram, de amor suspirei!

—Agora eu vós juro... Palavra!—não minto!
Ouvi-a formosa tambem suspirar;
Os doces suspiros que os eccos ouviram
Não quero, não posso, não devo contar!

Então n'esse instante nas aguas do rio
Passava uma barca, e o bom remador
Cantava na flauta:—«Nas noites d'estio
O céu tem estrellas, o mar tem amor!»

—E a voz maviosa do bom gondoleiro
Repete cantando:—«viver é amar!»—
Se os peitos respondem á voz do barqueiro...
Não quero, não posso, não devo contar!

Trememos de medo... a bocca emmudece
Mas sentem-se os pulos do meu coração!
Seu seio nevado de amor se entumece...
E os labios se tocam no ardor da paixão!

—Depois... mas já vejo que vós, meus senhores,
Com fina malicia quereis me enganar.
Aqui faço ponto;—segrédos de amores
Não quero, não posso, não devo contar!

CLARA

Não sabes, Clara, que pena
Eu teria se—morena
Tu fosses em vez de *clara!*
Talvez... Quem sabe?... não-digo...
Mas reflectindo comigo
Talvez nem tanto te amára!

A tua côr é mimosa,
Brilha mais da face a rosa,
Tem mais graça a bocca breve.
O teu sorriso é delirio...
És alva da côr do lyrio,
És *clara* da côr da neve!

A morena é predilecta,
Mas a *clara* é do poeta:
Assim se pintam archanjos.
Qualquer, encantos encerra,
Mas a morena é da terra
Em quanto a *clara* é dos anjos!

Mulher morena é ardente:
Prende o amante demente
Nos fios do seu cabello;
—A *clara* é sempre mais fria,
Mas dá-me licença um dia
Que eu vou arder no teu gelo!

A côr morena é bonita,
Mas nada, nada te imita
Nem mesmo sequer de leve.
—O teu sorriso é delirio...
És alva da côr do lyrio,
És *clara* da côr da neve!

Rio—1858.

A WALSA

A M. .

Tu, hontem,
Na dança
Que cança,
Voavas
C'oas faces
Em rosas
Formosas
De vivo,
Lascivo
Carmim;
Na walsa
Tão falsa,
Corrias,
Fugias,
Ardente,
Contente,
Tranquilla,
Serena,
Sem pena
De mim!

Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas!...
—Não negues;
Não mintas...
—Eu vi!...

Walsavas:
—Teus bellos
Cabellos,
Já soltos,
Revoltos,
Saltavam,
Voavam,
Brincavam
No collo
Que é meu;
E os olhos
Escuros
Tão puros,
Os olhos
Perjuros
Volvias,
Tremias,
Sorrias
P'ra outro
Não eu!

*

Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas!...
—Não negues,
Não mintas...
—Eu vi!...

Meu Deus!
Eras bella
Donzella,
Walsando,
Sorrindo,
Fugindo,
Qual sylpho
Risonho
Que em sonho
Nos vem!
Mas esse
Sorriso
Tão liso
Que tinhas
Nos labios
De rosa,
Formosa,
Tu davas,
Mandavas
A quem?!

Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas!...
—Não negues,
Não mintas...
—Eu vi!...

Calado,
Sósinho,
Mesquinho,
Em zelos
Ardendo,
Eu vi-te
Correndo
Tão falsa
Na walsa
Veloz!
Eu triste
Vi tudo!
Mas mudo
Não tive
Nas galas
Das salas,
Nem fallas,
Nem cantos,
Nem prantos,
Nem voz!

Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas!...
—Não negues,
Não mintas...
—Eu vi!...

Na walsa
Cansaste;
Ficaste
Prostrada,
Turbada!
Pensavas,
Scismavas,
E estavas
Tão pallida
Então;
Qual pallida
Rosa
Mimosa,
No valle
Do vento
Cruento
Batida,
Cahida
Sem vida
No chão!

Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas!...
—Não negues,
Não mintas...
—Eu vi!...

Rio—1858.

BORBOLETA

Borboleta dos amores,
Como a outra sobre as flores,
Porque és voluvel assim?
Porque deixas, caprichosa,
Porque deixas tu a rosa
E vaes beijar o jasmim?

Pois essa alma é tão sedenta
Que um só amor não contenta
É louca quer variar?
Se já tens amores bellos,
P'ra que vaes dar teus desvelos
Aos goivos da beira-mar?

Não sabes que a flor trahida
Na debil haste pendida
Em breve murcha será?
Que de ciumes fenece
É nunca mais estremece
Aos beijos que a brisa dá?...

Borboleta dos amores,
Como a outra sobre as flores,
Porque és volúvel assim?
Porque deixas, caprichosa,
Porque deixas tu a rosa
E vaes beijar o jasmim?!

Tu vês a flor da campina,
E bella e terna e divina,
Tu dás-lhe o que essa alma tem;
Depois, passado o delirio,
Esqueces o pobre lyrio
Em troca d'uma cecem!

Mas tu não sabes, louquinha,
Que a flor que pobre definha
Merece mais compaixão?
Que a desgraçada precisa,
Como do sopro da brisa,
Os ais do teu coração?

Borboleta dos amores,
Como a outra sobre as flores,
Porque és volúvel assim?
Porque deixas, caprichosa,
Porque deixas tu a rosa
E vaes beijar o jasmim?

Se a borboleta dourada
Esquece a rosa encarnada
Em troca d'uma outra flor;
Ella—a triste, mollemente
Pendida sobre a corrente,
Fallece á mingoa d'amor.

Tu tambem, minha inconstante;
Tens tido mais d'um amante
E nunca amaste a um só!
Elles morrem de saudade,
Mas tu na *variedade*
Vaes vivendo e não tens dó!

Ai! és muito caprichosa!
Sem pena deixas a rosa
E vaes beijar outras flores;
Esqueces os que te amam...
Por isso todos te chamam:
—Borboleta dos amores!

Rio—1858.

QUANDO TU CHORAS

Quando tu choras, meu amor, teu rosto
Brilha formoso com mais doce encanto,
E as leves sombras de infantil desgosto
Tornam mais bello o cristallino pranto.

Oh! n'essa idade da paixão lasciva,
Como o prazer, é o chorar preciso:
Mas breve passa—qual a chuva estiva—
E quasi ao pranto se mistura o riso.

É doce o pranto de gentil donzella,
É sempre bello quando a virgem chora:
—Similha a rosa pudibunda e bella
Toda banhada do orvalhar da aurora.

Da noite o pranto, que tão pouco dura,
Brilha nas folhas com um rir celeste,
E a mesma gotta transparente e pura
Treme na relva que a campina veste.

Depois o sol, como sultão brilhante,
De luz inunda o seu gentil serralho,
E ás flores todas—tão feliz amante!—
Cioso sorve o matutino orvalho.

Assim, se choras, inda és mais formosa,
Brilha teu rosto com mais doce encanto:
—Serei o sol e tu serás a rosa...
Chora, meu anjo,—beberei teu pranto!

Rio—1858.

CANTO DE AMOR

A M.

I

Eu vi-a e minha alma antes de vel-a
Sonhára-a linda como agora a vi;
Nos puros olhos e na face bella,
Dos meus sonhos a virgem conheci.

Era a mesma expressão, o mesmo rosto,
Os mesmos olhos só nadando em luz,
E uns doces longes, como d'um desgosto,
Toldando a fronte que de amor seduz!

E seu talhe era o mesmo, esbelto, airoso
Como a palmeira que se ergue ao ar,
Como a tulipa ao pôr do sol saudoso,
Molle vergando á viração do mar.

Era a mesma visão que eu d'antes via,
Quando a minha alma transbordava em fé;
E n'esta eu creio como na outra eu cria,
Porque é a mesma visão, bem sei que é!

No silencio da noite a virgem vinha,
Soltas as tranças, junto a mim dormir;
E era bella, meu Deus, assim sósinha
No seu somno d'infante inda a sorrir!...

II

Vi-a e não vi-a! Foi n'um só segundo,
Tal como a brisa ao perpassar na flor,
Mas n'esse instante resumi um mundo
De sonhos de ouro e de encantado amor.

O seu olhar não me cobriu d'affago,
E minha imagem nem sequer guardou,
Qual se reflecte sobre a flor d'um lago
A branca nuvem que no céu passou.

A sua vista esparecendo vaga,
Quasi indolente, não me viu, ai, não!
Mas eu que sinto tão profunda a chaga
Ainda a vejo como a vi então.

Que rosto d'anjo, qual estatua antiga
No altar erguida, já cahido o véo!
Que olhar de fogo, que a paixão instiga!
Que niveo collo promettendo um céu.

Vi-a e amei-a, que a minha alma ardente
Em longos sonhos a sonhára assim;
O ideal sublime, que eu criei na mente,
Que em vão buscava e que encontrei por fim!

III

P'ra ti, formosa, o meu sonhar de louco
E o dom fatal, que desde o berço é meu;
Mas se os cantos da lyra achares pouco,
Pede-me a vida, porque tudo é teu.

Se queres culto—como um crente adoro,
Se preito queres—eu te caio aos pés,
Se rires—rio, se chorares, choro,
E bebo o pranto que banhar-te a tez.

Dá-me em teus braços um sorrir fagueiro,
E d'esses olhos um volver, um só;
E verás que meu estro, hoje rasteiro,
Cantando amores se erguerá do pó!

Vem reclinar-te, como a flor pendida,
Sobre este peito cuja voz calei:
Pede-me um beijo... e tu terás, querida,
Toda a paixão que para ti guardei.

Do morto peito vem turbar a calma,
Virgem, terás o que ninguém te dá;
Em delirios d'amor dou-te a minha alma,
Na terra, a vida, a eternidade—lá!

IV

Se tu, oh linda, em chamma igual te abrazas,
Oh! não me tardes, não me tardes,—vem!
Da phantasia nas douradas azas
Nós viveremos n'outro mundo—além!

De bellos sonhos nosso amor povôo,
Vida bebendo nos olhares teus;
E como a garça que levanta o vôo,
Minha alma em hymnos fallará com Deus!

Juntas, unidas n'um estreito abraço,
As nossas almas uma só serão;
E a fronte enferma sobre o teu regaço
Criará poemas d'immortal paixão!

Oh! vem, formosa, meu amor é santo,
É grande e bello como é grande o mar,
É doce e triste como d'harpa um canto
Na corda extrema que já vai quebrar!

Oh! vem depressa, minha vida fuge...
Sou como o lyrio que já murcho cahe!
Ampara o lyrio que inda é tempo hoje!
Orvalha o lyrio que morrendo vai!...

VIOLETA

Sempre teu labio sevêro
Me chama de borboleta!
—Se eu deixo a rosa do prado
É só por ti—violeta!

Tu és formosa e modesta,
As outras são tão vaidosas!
Embora vivas na sombra
Amo-te mais do que ás rosas.

A borboleta travêssa
Vive de sol e de flores...
—Eu quero o sol de teus olhos,
O nectar dos teus amores!

Captivo de teu perfume
Não mais serei borboleta;
—Deixa eu dormir no teu seio,
Dá-me o teu mel—violeta!

4 d'abril.

O QUE?

Em que scismas, poeta? Que saudades
Te adormecem na magica fragrancia
Das rosas do passado já pendidas?
Nos sonhos d'alma que te lembra?

—A infancia!

Que sombra, que phantasma vem banhado
No doce efflúvio d'essa quadra linda?
E a mente a folhear os dias idos
Que nome te recorda agora?

—Arinda!

Mas se passa essa quadra, fugitiva,
Qual no horisonte solitaria vela,
Porque scismar na vida e no passado?
E de quem são essas saudades?

—D'ella!

E se a virgem viesse agora mesmo,
Surgindo bella qual visão de amores,
Tu, p'ra saudal-a bem do imo d'alma
Diz-me, poeta—o que escolhias?

—Flores.

E se ella, farta dos aromas doces,
Que tem achado nos jardins divinos,
Tão caprichosa machucasse as rosas...
Diz-me, meu louco, o que mais tinhas? -

—Hymnos!

E se, teimosa, rejeitando a lyra,
A fronte virgem para ti pendida,
D'um beijo a paga te pedisse altiva...
O que lhe davas, meu poeta?

—A vida!

Rio--1858.

SONHOS DE VIRGEM

A M.

I

Que sonhas, virgem, nos sonhos
Que á mente te vem risonhos
Na primavera inda em flor?
No celeste devaneio,
No doce bater do seio,
Que sonhas, virgem?—amor?

Que céos, que jardins, que flores,
Que longos cantos de amores
Nos lindos sonhos te vem?
E quando a mente delira,
E quando o peito suspira,
Suspira o peito—por quem?

Sonhando mesmo acordada,
Pendida a fronte adorada
N'um scismar vago e sem fim;
Do olhar o fogo tão vivo,
A voz, o riso lascivo,
O pensamento é—por mim?!

II

Quando tu dormes tranquilla,
Cerrada a negra pupilla
E o labio doce a sorrir;
Então o sonho dourado
Nas dobras do cortinado
Vem esmaltar teu dormir!

Oh! sonha!—Feliz a idade
Das rosas da virgindade,
Dos sonhos do coração!
—Puro vergel de açucenas
Ou lago d'aguas serenas
Que estremece á viração!

Feliz! Feliz quem podera
Colher-te na primavera
De galas rica e louçã!
Feliz, oh! flor dos amores,
Quem te beber os odores
Nos orvalhos da manhã!

ASSIM!

A M.

Viste o lyrio da campina?
Lá s'inclina
E murcho no hastil pendeu!
—Viste o lyrio da campina?
Pois, divina,
Como o lyrio assim sou eu!

Nunca ouviste a voz da flauta,
A dor do nauta
Suspirando no alto mar?
—Nunca ouviste a voz da flauta?
Como o nauta
É tão triste o meu cantar!

Não viste a rôla sem ninho
No caminho
Gemendo, se a noite vem?
—Não viste a rôla sem ninho?
Pois, anjinho,
Assim eu gemo tambem!

Não viste a barca perdida,
Sacudida
Nas azas d'algum tufão?
—Não viste a barca fendida?
Pois, querida,
Assim vai meu coração!

Rio—1858.

QUANDO?!...

Não era bello, Maria,
Aquelle tempo de amores,
Quando o mundo nos sorria,
Quando a terra era só flores
Da vida na primavera?

—Era!

Não tinha o prado mais rosas,
O sabiá mais gorgeios,
O céu mais nuvens formosas,
E mais puros devaneios
A tua alma innocentinha?

—Tinha!

E como achavas, Maria,
Aquelles doces instantes
De poetica harmonia
Em que as brisas doudejantes
Folgavam nos teus cabellos?

—Bellos!

Como tremias, oh! vida,
Se em mim os olhos fitavas!
Como eras linda, querida,
Quando d'amor suspiravas
N'aquella encantada aurora!
—Ora!

E diz-me: não te recordas
—Debaixo do cajueiro—
Lá da lagôa nas bordas
Aquelle beijo primeiro?
Ia o dia já findando...
—Quando?!...

Rio—1858.

SEMPRE SONHOS!...

Se eu tivesse, meu Deus, santos amores,
Eu m'erguera cantando essa paixão,
E atirára p'ra longe—sem saudade—
Este véo que me cobre a mocidade
De tanta escuridão!

Eu que sou como o cardo do rochedo
Quasi morto dos ventos ao rigor,
Encontrára de novo a minha vida,
O sol da primavera e a luz perdida,
Nos braços d'esse amor!

Minha fronte, que pende soffredora,
Acharia, meu Deus, inspirações,
E o fogo que queimou Gilbert e Dante
Correria mais puro e mais constante
Na lyra das canções!

No mundo tão gentil dos devaneios
Minh'alma mais feliz saudára a luz,
E apagára, Senhor, n'um beijo puro
A dor immensa da perda do futuro
Que á morte me conduz.

Por ella eu deixaria a voz das turbas
E esta ancia infeliz de gloria vã;
Na vida que nos corre tão sombria
Eu seria, meu Deus, seu doce guia,
E ella—minha irmã!

Eu velára, Senhor, pelos seus dias,
Como a mãe vela o filho que dormiu:
Se um dia ella soltasse um só gemido,
Eu iria saber porque ferido
Seu seio assim boliu!

Como á sombra das arvores da patria
S'embala a doce filha dos tupis,
A sombra da ventura e da esperança
Embalára, meu Deus, essa creança
Nos cantos juvenis!

Como o nauta olha o céu de primavera,
Eu, sentado a seus pés, ebrio de amor,
Espreitára tremendo no seu rosto
A sombra fugitiva d'um desgosto,
A nuvem d'uma dor!

Eu lhe iria mostrar nos hymnos d'alma
Outro mundo, outro céu, outros vergeis;
Nossa vida seria um doce affago,
Nós—dous cysnes vogando em manso lago,
—Amor—nossos bate's!

Se eu tivesse, meu Deus, santos amores,
Eu deixára este amor da gloria vã;
N'esse mundo de luz, doce e risonho,
A pudibunda virgem do meu sonho
Seria minha irmã!

....—1858.

O QUE É—SYMPATHIA

A UMA MENINA

Sympathia—é o sentimento
Que nasce n'um só momento,
Sincero, no coração;
São dous olhares accesos
Bem juntos, unidos, presos
N'uma magica attracção.

Sympathia—são dous galhos
Banhados de bons orvalhos
Nas mangueiras do jardim;
Bem longe às vezes nascidos,
Mas que se juntam crescidos
E que se abraçam por fim.

São duas almas bem gêmeas
Que riem no mesmo riso,
Que choram nos mesmos ais;
São vozes de dous amantes,
Duas lyras semelhantes,
Ou dous poemas iguaes.

Sympathia—meu anjinho,
É o canto do passarinho,
É o doce aroma da flor;
São nuvens d'um céu d'agosto
É o que m'inspira teu rosto...
—Sympathia—é—quasi amor!

Inday'assú—1857.

PALAVRAS NO MAR

Se eu fosse amado!...
Se um rosto virgem
Doce vertigem
Me dêsse n'alma
Turbando a calma
Que me enlanguece!...
Oh! se eu pudesse
Hoje—sequer—
Fartar desejos
Nos longos beijos
D'uma mulher!...
Se o peito morto
Doce conforto
Sentisse agora
Na sua dor;
Talvez n'est'hora
Viver quizera
Na primavera
De casto amor!
Então minh'alma,
Turbada a calma,
—Harpa vibrada
Por mão de fada—

Como a calhandra
Saúda o dia,
Em meigos cantos
Se exhalaria
Na melodia
Dos sonhos meus;
E louca e terna
N'essa vertigem
Amára a virgem
Cantando a Deus!...

Avon—1857.

PEPITA

A toi! toujours a toi!

V. HUGO.

Minh'alma é mundo virge'—ilha perdida—
Em lagos de cristaes;
Vem, Pepita,—Colombo dos amores,—
Vem descobril-a, no paiz das flores
Sultana reinarás!

Eu serei teu vassallo e teu captivo
Nas terras onde és rei;
À sombra dos bambús vem tu ser minha;
Teu reinado de amor, doce rainha,
Na lyra cantarei.

Minh'alma é como o pombo inda sem pennas
Sósinho a pipilar;
—Vem tu, Pepita, visital-o ao ninho;
As azas a bater, o passarinho
Comtigo irá voar.

Minh'alma é como a rocha toda esteril
Nos plainos do Sarah;
Vem tu—fada de amor—dar-lhe co'a vara...
—Qual do penedo que Moysés tocára
O jorro saltará.

Minh'alma é um livro lindo, encadernado,
Co'as folhas em setim;
—Vem tu, Pepita, soletral-o um dia...
Tem poemas de amor, tem melodia
Em canticos sem fim!

Minh'alma é o batel prendido á margem
Sem leme, em ocio vil;
—Vem soltal-o, Pepita, e correremos
—Soltas as velas—despresando remos,
Que o mar é todo anil.

Minh'alma é um jardim occulto em sombras
Co'as flores em botão;
—Vem ser da primavera o sopro louco,
Vem tu, Pepita, bafejar-me um pouco
Que as rosas abrirão.

O mundo em que eu habito tem mais sonhos,
A vida mais prazer;
—Vem, Pepita, das tardes no remanso,
Da rede dos amores no balanço
Comigo adormecer.

Oh! vem! eu sou a flor aberta á noite
Pendida no arreboll!
Dá-me um carinho d'essa voz lasciva,
E a flor pendida s'erguerá mais viva
Aos raios d'esse soll!

Bem vês, sou como a planta que definha
Torrada do calor.

—Dá-me o riso feliz em vez da mágoa...

O lyrio morto quer a gotta d'agoa,

—Eu quero o teu amor!

Rio—1858.

VISÃO

Uma noite, meu Deus, que noite-aquella!
Por entre as galas, no fervor da dança,
Vi passar, qual n'um sonho vaporoso,
O rosto virginal d'uma creança.

Sorri-me;—era o sonho de minh'alma
Esse riso infantil que o labio tinha:
—Talvez que essa alma dos amores puros
Podésse um dia conversar co'a minha!

Eu olhei, ella olhou... doce mysterio!
Minh'alma despertou-se á luz da vida,
E as vozes d'uma lyra e d'um piano
Juntas se uniram na canção querida.

Depois eu, indolente, descuidei-me
Da planta nova dos gentis amores,
E a creança, correndo pela vida,
Foi colher nos jardins mais lindas flores.

Não voltou;—talvez ella adormecesse
Junto á fonte, deitada na verdura,
E—sonhando—a creança se recorde
Do moço que ella viu e que a procura!

Corri pelas campinas noite e dia
Atraz do berço d'ouro d'essa fada;
Rasguei-me nos espinhos do caminho...
Cansei-me a procurar e não vi nada!

Agora como um louco eu fito as turbas
Sempre a vêr se descubro a face linda...
—Os outros a sorrir passam cantando,
Só eu a suspirar procuro ainda!...

Onde foste, visão dos meus amores!
Minh'alma sem te vêr, louca suspira!
—Nunca mais unirás, sombra encantada,
O som do teu piano á voz da lyra?!...

Setembro—1858.

QUEIXUMES

Olho e vejo... tudo é gala,
Tudo canta e tudo falla,
Só minh'alma
Não se acalma,
Muda e triste não se ri!
Minha mente já delira,
E meu peito só suspira
Por ti! Por ti!

Ai! quem me dera essa vida
Tão bella e doce vivida
Nos meus lares
Sem pesares
No socego só d'alli!
Não tinha-te visto as tranças,
Nem rasgado as esperanças
Por ti! Por ti!

Perdi as flores da idade,
E na flor da mocidade
É meu canto
—Todo pranto—
Qual a voz da jurity!
No teu sorriso embebido
Deixei meu sonho querido
Por ti! Por ti!

Ai! se eu podésse, formosa,
Roçar-te os labios de rosa
 Como ás flores
 —Seus amores—
Faz o louco colibri;
Esta minh'alma nos hymnos
Erguera cantos divinos
 Por ti! Por ti!

Ai! assim viver não posso!
Morrerei, meu Deus, bem moço,
 —Qual n'aurora
 Que descora,
Desfolhado bogari;
Mas lá da campa na beira
Será a voz derradeira
 Por ti! Por ti!

Ai! não m'esqueças já morto!
Á minh'alma dá conforto,
 Diz na lousa:
 —«Elle repousa,
 «Coitado! descansa aqui!»—
Ai! não t'esqueças, senhora,
Da flor pendida n'aurora
 Por ti! Por ti!...

AMOR E MEDO

* * *

I

Quando eu te fujo e me desvio cauto
Da luz de fogo que te cerca, oh! bella,
Comtigo dizes, suspirando amores:
«—Men Deus! que gelo, que frieza aquella!»

Como te enganas! meu amor é chamma
Que se alimenta no voraz segredo,
E se te fujo é que te adoro louco...
És bella—eu moço; tens amor, eu—medo!...

Tenho medo de mim, de ti, de tudo,
Da luz, da sombra, do silencio ou vozes,
Das folhas seccas, do chorar das fontes,
Das horas longas a correr velozes.

O véo da noite me atormenta em dores,
A luz da aurora me entumece os seios,
E ao vento fresco do cahir das tardes
Eu me estremeço de crueis receios.

É que esse vento que na varzea—ao longe,
Do colmo o fumo caprichoso ondeia,
Soprando um dia tornaria incendio
A chamma viva que teu riso ateia!

Ai! se abrazado crepitasse o cedro,
Cedendo ao raio que a tormenta envia,
Diz:—que seria da plantinha humilde
Que á sombra d'elle tão feliz crescia?

A labareda que se enrosca ao tronco
Torrára a planta qual queimára o galho,
E a pobre nunca reviver podéra
Chovesse embora paternal orvalho!

II

Ai! se eu te visse no calor da sesta,
A mão tremente no calor das tuas,
Amarrotado o teu vestido branco,
Soltos cabellos nas espaldas nuas!...

Ai! se eu te visse, Magdalena pura,
Sobre o velludo reclinada a meio,
Olhos cerrados na volupia doce,
Os braços frouxos—palpitante o seio!...

Ai! se eu te visse em languidez sublime,
Na face as rosas virginaes do pejo,
Tremula a falla, a protestar baixinho...
Vermelha a bocca, soluçando um beijo!...

Diz:—que seria da pureza d'anjo,
Das vestes alvas, do candor das azas?
—Tu te queimáras, a pisar descalça;
—Criança louca,—sobre um chão de brazas!

No fogo vivo eu me abrazára inteiro!
Ebrio e sedento na fugaz vertigem
Vil, machucára com meu dedo impuro
As pobres flores da grinalda virgem!

Vampiro infame, eu sorveria em beijos
Toda a innocencia que teu labio encerra,
E tu serias no lascivo abraço
Anjo enlodado nos paúes da terra.

Depois... desperta no febril delirio,
—Olhos pisados—como um vão lamento,
Tu perguntáras:—qu' é da minha c' rôa?...
Eu te diria:—desfolhou-a o vento!...

Oh! não me chames coração de gelo!
Bem vês: trahi-me no fatal segredo.
Se de ti fujo é que te adoro e muito,
És bella—eu moço; tens amor, eu—medo!...

PERDÃO!

I

Choraste?!—E a face mimosa
Perdeu as cores da rosa
E o seio todo tremeu?!
Choraste, pomba adorada?!
E a lagrima cristallina
Banhrou-te a face divina
E a bella fronte inspirada
Pallida e triste pendeu?!

Choraste?!—E longe não pude
Sorver-te a lagrima pura
Que banhrou-te a formosura!
Ouvir-te a voz do alaude
A lamentar-se sentida!
Humilde cabir-te aos pés,
Offerecer-te esta vida
No sacrificio mais santo,
Para poupar esse pranto
Que te rolou sobre a tez!

Choraste?!—De envergonhada,
No teu pudor offendida,
Porque minh'alma atrevida
No seu palacio de fada,
—No sonhar da phantasia—
Ardeu em loucos desejos,
Ousou cobrir-te de beijos
E quiz manchar-te na orgia!

II

Perdão p'r'o pobre demente
Culpado, sim,—innocente—
Que se te amou, foi de mais!
Perdão p'ra mim que não pude
Calar a voz do alaude,
Nem comprimir os meus ais!

Perdão, oh! flor dos amores,
Se quiz manchar-te os verdores,
Se quiz tirar-te do hastil!
—Na voz que a paixão resume
Tentei sorver-te o perfume...
E fui covarde e fui vil!...

III

Eu sei, devera sósinho
Soffrer comigo o tormento
E na dor do pensamento
Devorar essa agonia!
—Devera, sedento algoz,
Em vez de sonhos felizes,
Cortar no peito as raizes
D'esse amor, e tão descrido
Dos hymnos matar-lhe a voz!
—Devera, pobre fingido,
Tendo n'alma atroz desgosto,
Mostrar sorrisos no rosto,
Em vez de mágoas—prazer,
E mudo e triste e penando,
Como um perdido te amando,
Sentir, calar-me, e—morrer!

Não pude!—A mente fervia,
O coração trasbordava,
Interna a voz me fallava,
E louco ouvindo a harmonia
Que a alma continha em si,
Soltei na febre o meu canto
E do delirio no pranto
Morri de amores—por ti!

IV

Perdão! se fui desvairado
Manchar-te a flor d'innocencia,
E do meu canto n'ardencia
Ferir-te no coração!
—Será enorme o peccado,
Mas tremenda a expiação
Se me deres por sentença
Da tua alma a indiferença,
Do teu labio a maldição!...

Perdão, senhora!... Perdão!...

Junho—1858.

MOCIDADE

*Ninon, Ninon, qui fais tu de la vie?
L'heure s'enfuit, le jour succede au jour.
Rose ce soir, demain flétrie,
Comment vis-tu, toi qui n'as pas d'amour?!...*

MUSSET.

Doce filha da languida tristeza
Ergue a fronte pendida—o sol fulgura!
Quando a terra sorri-se e o mar suspira
Porque te banha o rosto essa amargura?!

Porque chorar quando a natura é risos,
Quando no prado a primavera é flores?
—Não foge a rosa quando o sol a busca
Antes se abraza nos gentis fulgores.

Não!—Viver é amar, é ter um dia
Um amigo, uma mão que nos affague;
Uma voz que nos diga os seus queixumes,
Que as nossas mágoas com amor apague.

A vida é um deserto aborrecido
Sem sombra doce, ou viração calmante;
—Amor—é a fonte que nasceu nas pedras
E mata a sêde á caravana errante.

Amái-vos!—disse Deus creando o mundo,
Amemos!—disse Adão no paraizo,
Amor!—murmura o mar nos seus queixumes,
Amor!—repete a terra n'um sorriso!

Doce filha da languida tristeza
Tua alma a suspirar de amor definha...
—Abre os olhos gentis á luz da vida,
Vem ouvir no silencio a voz da minha!

Amemos! Este mundo é tão tristonho!
A vida, como um sonho—brilha e passa;
Porque não havemos p'ra acalmar as dores
Chegar aos labios o licor da taça?

O mundo! o mundo!—E que te importa o mundo?
—Velho invejoso, a resmungar baixinho!
Nada perturba a paz serena e doce
Que as rôlas gosam no seu casto ninho.

Amemos!—tudo vive e tudo canta...
Cantemos! seja a vida—hymnos e flores;
De azul se veste o céu... vistamos ambos
O manto perfumado dos amores.

Doce filha da languida tristeza
Ergue a fronte pendida—o sol fulgura!
—Como a flor indolente da campina
Abre ao sol da paixão tua alma pura!

NOIVADO

Filha do céu—oh flor das esperanças,
Eu sinto um mundo no bater do peito!
Quando a lua brilhar n'um céu sem nuvens.
Desfolha rosas no virgineo leito.

Nas horas do silencio inda és mais bella!
Banhada do luar, n'um vago anseio,
Os negros olhos de volupia mortos
Por sob a gaze te estremece o seio!

Vem! a noite é linda, o mar é calmo,
Dorme a floresta—meu amor só vela;
Suspira a fonte e minha voz sentida
É doce e triste como as vozes d'ella.

Qual ecco fraco de amorosa queixa
Perpassa a brisa na magnolia verde,
E o som magoado do tremer das folhas
Longe—bem longe—devagar se perde.

Que céu tão puro! que silencio augusto!
Que aromas doces! que natura esta!
Cansada a terra adormeceu sorrindo
Bem como a virgem no cahir da sesta!

Vem! tudo é tranquillo, a terra dorme,
Bebe o sereno o lyrio do vallado...
—Sósinhos, sobre a relva da campina,
Que bello que será nosso noivado!

Tu dormirás ao som dos meus cantares
Oh! filha do sertão! sobre o meu peito.
O moço triste, o sonhador mancebo
Desfolha rosas no teu casto leito.

....—1858.

DE JOELHOS

†

Qual resa o irmão pelas irmãs queridas,
Ou a mãe que soffre pela filha bella,
Eu—de joelhos—com as mãos erguidas,
Supplico ao céo a felicidade *d'ella*.

—«Senhor meu Deus, que sois clemente e justo,
Que daes voz ás brisas e perfume á rosa,
Oh! protegei-a com o manto augusto
A doce virgem que sorri medrosa!

Lançai os olhos sobre a linda filha,
Dai-lhe o socego no seu casto ninho,
E da vereda que seu pé já trilha
Tirai a pedra e desviai o espinho!

Senhor! livrai-a da rajada dura
A flor mimosa que desponta agora;
Deitai-lhe orvalho na corolla pura,
Dai-lhe bafejos, prolongai-lhe a aurora!

A doce virgem como a tenra planta
Nunca floresce sobre terra ingrata;
—Bem como a rôla—qualquer folha a espanta,
—Bem como o lyrio—qualquer vento a mata.

*

Ella é a rôla que a floresta cria,
Ella é o lyrio que a manhã descerra...
Senhor, amai-a!—a sua voz macia
Como a das aves, a innocencia encerra!

Sua alma pura na novel vertigem
Pede ao amor o seu futuro inteiro...
—Senhor! ouvi o suspirar da virgem,
Dourai-lhe os sonhos no sonhar primeiro!

A mocidade, como a deusa antiga,
Na fronte virgem lhe derrama flores...
—Abri-lhe as rosas da grinalda amiga,
Na mocidade derramai-lhe amores!

Cercai-a sempre de bondade terna,
Lançai orvalho sobre a flor querida;
Fazei-lhe, oh! Deus! a primavera eterna,
Dai-lhe bafejos—prolongai-lhe a vida!

Depois—de joelhos—eu direi sois justo,
Senhor! mil graças eu vos rendo agora!
Vós protegestes com o manto augusto
A doce virgem que a minh'alma adora!—

Dezembro—1858.

LIVRO TERCEIRO

Nascêr, lutar, soffrer—eis toda a vida!

GONÇALVES DIAS.



TRES CANTOS

Quando se brinca contente
Ao despontar da existencia
Nos folguedos de innocencia,
Nos delirios de creança;
A alma, que desabrocha
Alegre, candida e pura—
N'essa contínua ventura
É toda um hymno:—esperança!

Depois... na quadra ditosa,
Nos dias da juventude,
Quando o peito é um alaúde,
E que a fronte tem calor;
A alma que então se expande
Ardente, ferosa e bella—
Idolatrando a donzella
Soletta em trovas:—amor!

Mas quando a crença se exgota
Na taça dos desenganos,
E o lento correr dos annos
Envenena a mocidade;
Então a alma cansada
Dos bellos sonhos despida,
Chorando a passada vida—
Só tem um canto:—saudade!

ILLUSÃO

Quando o astro do dia desmaia
Só brilhando com pallido lume,
E que a onda que brinca na praia
No murmurio soletra um queixume;

Quando a brisa da tarde respira
O perfume das rosas do prado,
E que a fonte do valle suspira
Como o nauta da patria afastado;

Quando o bronze da torre da aldeia
Seus gemidos aos eccos envia,
E que o peito que em mágoas aneia
Bebe louco essa grave harmonia;

Quando a terra, da vida cansada,
Adormece n'um leito de flores
Qual donzella formosa embalada
Pelos cantos dos seus trovadores;

Eu de pé sobre as rochas erguidas
Sinto o pranto que manso deslisa
E repito essas queixas sentidas
Que murmuram as ondas co'a brisa.

É então que a minha alma dormente
D'uma vaga tristeza se inunda,
E que um rosto formoso, innocente,
Me desperta saudade profunda.

Julgo vêr sobre o mar socegado
Um navio nas sombras fugindo,
E na pôpa esse rosto adorado
Entre prantos p'ra mim se sorrindo!

Comprehendo esse amargo sorriso,
Sobre as ondas correr eu quizera...
E de pé sobre a rocha, indeciso,
Eu lhe brado:—não fujas,—espera!

Mas o vento já leva ligeiro
Esse sonho querido d'um dia,
Essa virgem de rosto fagueiro,
Esse rosto de tanta poesia!...

E depois... quando a lua illumina
O horisonte com luz prateada,
Julgo vêr essa fronte divina
Sobre as vagas scismando, inclinada!

E depois... vejo uns olhos ardentes
Em delirio nos meus se fitando,
E uma voz em accentos plangentes
Vem de longe um—adeus—soluçando!

Illusão!... que a minha alma, coitada,
De illusões hoje em dia é que vive;
É chorando uma gloria passada,
É carpindo uns amores que eu tive!

Lisboa—1856.

SONHANDO

Um dia, oh linda, embalada
Ao canto do gondoleiro,
Adormeceste innocente
No teu delirio primeiro,
—Por leito o berço das ondas,
Meu collo por travesseiro!

Eu, pensativo, scismava
N'algum remoto desgosto,
Avivado na tristeza
Que a tarde tem, ao sol-posto,
E ora mirava as nuvens,
Ora fitava teu rosto.

Sonhavas então, querida,
E prêsa de vago aneio
Debaixo das roupas brancas
Senti bater o teu seio,
E meu nome n'um soluço
Á flor dos labios te veio!

Tremeste como a tulipa
Batida do vento frio...
Suspiraste como a folha
Da brisa ao doce cicio...
E abriste os olhos sorrindo
Às aguas quietas do rio!

Depois—uma vez—sentados
Sob a copa do arvoredó,
Fallei-te d'esse soluço
Que os labios abriu-te a medo...
—Mas tu, fugindo, guardaste
D'aquelle sonho o segredo!...

Agosto—1858.

LEMBRANÇA

N'UM ALBUM

Como o triste marinheiro
Deixa em terra uma *lembrança*,
Levando n'alma a esperança
E a saudade que consome;
Assim nas folhas do album
Eu deixo meu pobre nome.

E se nas ondas da vida
Minha barca for fendida
E meu corpo espedaçado,
Ao ler o canto sentido
Do pobre nauta perdido
Teus labios dirão:—coitado!

Junho—1858.

O BAILE!

Se junto de mim te vejo
Abre-te a bocca um bocejo,
Só pelo baile suspiras!
Deixas amor—pelas galas,
E vaes ouvir pelas salas
Essas douradas mentiras!

Tens razão! Mais valem risos
Fingidos, d'esses Narcizos
—Bonecos que a moda enfeita—
Do que a voz sincera e rude
De quem, presando a virtude,
Os atavios rejeita.

Tens razão!—Walsa, donzella,
A mocidade é tão bella,
E a vida dura tão pouco!
No borbórinho das salas,
Cercada de amor e galas,
Sê tu feliz—eu sou louco!

E quando eu seja dormido
Sem luz, sem voz, sem gemido,
No somno que a dor conforta;
Ao concertar tuas tranças
No meio das contradanças
Diz tu sorindo:—«Qu'importa?...

«Era um louco, em noites bellas
«Vinha fitar as estrellas
«Nas praias, co'a fronte nua!
«Chorava canções sentidas
«E ficava horas perdidas
«Sósinho, mirando a lua!

«Tremia quando fallava
«E—pobre tonto—chamava
«O baile—alegrias falsas!
«—Eu gosto mais d'essas fallas
«Que me murmuram nas salas
«No ritornello das walsas.—»

Tens razão!—Walsa, donzella,
A mocidade é tão bella
E a vida dura tão pouco!
P'ra que fez Deus as mulheres?
P'ra que ha na vida prazeres?
Tu tens razão... eu sou louco!

Sim, walsa, é doce a alegria,
Mas ai! que eu não veja um dia
No meio de tantas galas—
Dos prazeres na vertigem,
A tua corôa de virgem
Rolando no pó das salas!...

MINH'ALMA É TRISTE

Mon cœur est plein—je veux pleurer!

LAMARTINE.

I

Minh'alma é triste como a rôla afflicta
Que o bosque acorda desde o albor da aurora,
E em doce arrulo que o soluço imita
O morto esposo gemedora chora.

E, como a rôla que perdeu o esposo,
Minh'alma chora as illusões perdidas,
E no seu livro de fanado gôso
Relê as folhas que já foram lidas.

E como notas de chorosa endeixa
Seu pobre canto com a dor desmaia,
E seus gemidos são iguaes á queixa
Que a vaga solta quando beija a praia.

Como a creança que banhada em prantos,
Procura o brinco que levou-lhe o rio,
Minh'alma quer resuscitar nos cantos
Um só dos lyrios que murchou o estio.

Dizem que ha gôsos nas mundanas galas,
Mas eu não sei em que o prazer consiste.
—Ou só no campo, ou no rumor das salas,
Não sei porquê—mas a minh'alma é triste!

II

Minh'alma é triste como a voz do sino
Carpindo o morto sobre a lage fria;
E doce e grave qual no templo um hymno,
Ou como a prece ao desmaiar do dia.

Se passa um bote com as vélas soltas,
Minh'alma o segue n'amplidão dos mares;
E longas horas acompanha as voltas
Das andorinhas recortando os ares.

Às vezes, louca, n'um scismar perdida,
Minh'alma triste vai vagando á tôa,
Bem como a folha que do sul batida
Boia nas aguas de gentil lagôa!

E como a rôla que em sentida queixa
O bosque acorda desde o albor da aurora,
Minh'alma em notas de chorosa endeixa
Lamenta os sonhos que já tive outr'ora.

Dizem que ha gôsos no correr dos annos!...
Só eu não sei em que o prazer consiste.
—Pobre ludibrio de crueis enganos,
Perdi os risos—a minh'alma é triste!

III

Minh'alma é triste como a flor que morre
Pendida á beira do riacho ingrato;
Nem beijos dá-lhe a viração que corre,
Nem doce canto o sabiá do mato;

E como a flor que solitaria pende
Sem ter caricias no voar da brisa,
Minh'alma murcha, mas ninguem entende
Que a pobresinha só de amor precisa!

Amei outr'ora com amor bem santo
Os negros olhos de gentil donzella,
Mas d'essa fronte de sublime encanto
Outro tirou a virginal capella.

Oh! quantas vezes a preendi nos braços!
Que o diga e falle o laranjal florido!
Se mão de ferro espedaçou dous laços
Ambos choramos mas n'um só gemido!

Dizem que ha gôsos no viver d'amores,
Só eu não sei em que o prazer consiste!
—Eu vejo o mundo na estação das flores...
Tudo sorri—mas a minh'alma é triste!

IV

Minh'alma é triste como o grito agudo
Das arapongas no sertão deserto;
E como o nauta sobre o mar sanhudo,
Longe da praia que julgou tão perto!

A mocidade no sonhar florida*
Em mim foi beijo de lasciva virgem:
—Pulava o sangue e me fervia a vida,
Ardendo a fronte em bacchanal vertigem.

De tanto fogo tinha a mente cheia!...
No afan da gloria me atirei com ancia...
E, perto ou longe, quiz beijar a s'reia
Que em doce canto me attrahiu na infancia.

Ai! loucos sonhos de mancebo ardente!
Esp'ranças altas... Eil-as já tão razas!...
—Pombo selvagem, quiz voar contente...
Feriu-me a bala no bater das azas!

Dizem que ha gôsos no correr da vida...
Só eu não sei em que o prazer consiste!
—No amor, na gloria, na mundana lida,
Foram-se as flores—a minh'alma é triste!

Março 12—1858.

PALAVRAS A ALGUEM

Tu folgas travêssa e louca
Sem ouvires meu lamento,
Sonhas jardins d'esmeralda
N'esse virgem pensamento,
Mas olha que essa grinalda
Bem póde murchal-a o vento!

Ai que louca! abriste o livro
Da minh'alma, livro santo,
Escrepto em noites d'angustia,
Regado com muito pranto,
E... quasi rasgaste as folhas
Sem entenderes o canto!

Agora corres nos charcos
Em vez das alvas areias!...
Deleita-te a voz fingida
D'essas formosas sereias...
Mas eu te fallo e te aviso:
—«Olha que tu te enlameias!»—

Tu és a pomba innocente,
Eu sou teu anjo-da-guarda,
Devo dizer-te baixinho:
— «Olha que a morte não tarda!
«Mariposa dos amores
«Deixa a luz, embora arda.

«A chamma seduz e brilha
— «Qual diamante entre as gazas—
«E tu no fogo maldito
«Tão descuidosa te abrazas!
«Mariposa, mariposa,
«Tu vaes queimar tuas azas!»

Conchinha das lisas praias
Nasceste em alvas areias,
Não corras tu para os charcos
Arrebatada nas cheias!..
—Os teus vestidos são brancos...
Olha que tu te enlameias!...

FOLHA NEGRA

Sinhá,
Um outro mancebo
Alegre, poeta e crente,
Soltára um canto fervente
De amor talvez!—de alegria,
E aqui nas folhas do livro
Deixára—amor e poesia.

Mas eu que não tenho risos
Nem alegrias tão pouco,
Nem sinto esse fogo louco
Que a mocidade consome,
Nas brancas folhas do livro
Só posso deixar meu nome!

É triste como um gemido,
É vago como um lamento;
—Queixume que solta o vento
Nas pedras d'uma ruina
Na hora em que o sol se apaga
E quando o lyrio s'inclina!...

Grito de angustia do pobre
Que sobre as aguas se afoga,
Cadaver que boia e voga
Longe da praia querida,
Grito de quem n'agonia
—Já morto—se apega á vida!

Vozes de flauta longiqua
Que as nossas mágoas aviva,
Soluço da patativa,
Queixume do mar que rola,
Cantiga em noite de lua
Cantada ao som da viola!...

Saudades do pegureiro
Que chora o seu lar amado,
—Calado e só—recostado
Na pedra d'algum caminho...
Canção de santa doçura
Da mãe que embala o filhinho!...

Meu nome!... É simples e pobre
Mas é sombrio e traz dores,
—Grinalda de murchas flores
Que o sol queima e não consome...
—Sinhá!... das folhas do livro
É bom tirar o meu nome!...

À MORTE

DE

AFFONSO DE A. COUTINHO MESSEDER

ESTUDANTE DA ESCÓLA CENTRAL

Who hath not lost a friend?...

M.

É triste vêr a flor que desabrocha
Ou quer no prado, ou na deserta rocha,
Pender no fraco hastil!
É bem triste dos annos nos verdores
Morrer mancebo, no brotar das flores,
Na quadra juvenil!

Meu Deus! tu que és tão bom e tão clemente,
P'ra que apagas, Senhor, a chamma ardente
N'um craneo de vulcão?
P'ra que poupas o cedro já vetusto
E, sem dó, vaes ferir o pobre arbusto
Às vezes no embryão?!...

Pois não fôra melhor vivesse a planta
Cujo perfume a solidão encanta
No socego do val?...
—Não veríamos nós n'este martyrio
Desfallecer tão bello o pobre lyrio
Pendido ao vendaval!

Pobre mancebo! N'esse peito nobre
E n'essa frente que o sepulchro cobre
Era fundo o sentir!
Agora solitario tu descansas,
E contigo esse mundo de esperanças
Tão rico de porvir!

Oh! lamentemos essa pura estrella
Sumida, como no horisonte a vela
Nas nevoas da manhã!
A sepultura foi ha pouco aberta...
Mas o dormente já se não desperta
À voz de sua irmã!

É mudo aquelle a quem irmão chamamos,
E a mão que tantas vezes apertamos
Agora é fria já!
Não mais nos *bancos* esse rosto amigo,
Hoje escondido no fatal jazigo
Comnosco sorrirá!

Mancebo, atraz da gloria que sorria,
Sonhou grandezas para a patria um dia,
E a ella os sonhos deu;
Martyr do estudo, na sciencia ingrata
Bebeu nos livros esse fel. que mata
E pobre adormeceu!

Era bem cedo!—na manhã da vida
Chegar não pôde á terra promettida
Que ao longe lhe sorriu!
Embora d'esta estrada nos espinhos
Feliz tivesse os maternas carinhos,
Cansado succumbiu!

Era bem cedo!—Tanta gloria ainda
O esperava, meu Deus, na aurora linda
 Que a vida lhe dourou!
Pobre mancebo! no fervor d'essa alma
Ao colher do futuro a verde palma
 Na cova tropeçou!

Dorme pois! Sobre a campa mal cerrada,
Nós que sabemos que esta vida é nada
 Choramos um irmão;
E d'envolta c'os prantos da amizade
Aqui trazemos, nos goivos da saudade,
 As vozes da oração!

Eu que fui teu amigo inda na infancia,
Quando as almas das rosas na fragrancia
 Bemdizem só a Deus—
Hoje venho nas cordas do alaúde
Sentido e grave, á beira do ataúde
 Dizer-te o extremo adeus!

Descansa! se no céu ha luz mais pura,
De certo gosarás n'essa ventura
 Do justo a placidez!
Se ha doces sonhos no viver celeste,
Dorme tranquillo á sombra do cypreste...
 —Não tarda a minha vez!

BERÇO E TUMULO

NO ALBUM D'UMA MENINA

Trago-te flores no meu canto amigo
—Pobre grinalda com prazer tecida—
E—todo amores—deposito um beijo
Na fronte pura em que desponta a vida.

É cedo ainda!—quando moça fôres
E percorreres d'este livro os cantos,
Talvez que eu durma solitario e mudo
—Lyrio pendido a que ninguem deu prantos!—

Então, meu anjo, compassiva e meiga
Depõe-me um goivo sobre a cruz singela,
E n'esse ramo que o sepulchro implora
Paga-me as rosas d'esta infancia bella!

Junho—1858.

INFANCIA

* * *

Ó anjo da loura trança,
Que esperança
Nos traz a brisa do sul!
—Correm brisas das montanhas...
Vê se apanhas
A borboleta de azul!...

Ó anjo da loura trança,
És creança,
A vida começa a rir.
—Vive e folga descansada,
Descuidada
Das tristezas do porvir.

Ó anjo da loura trança,
Não descansa
A primavera inda em flor;
Por isso aproveita a aurora
Pois agora
Tudo é riso e tudo amor.

Ó anjo da loura trança,
A dor lança
Em nossa alma agro descrever.
—Que não encontres na vida
Flor querida,
Senão continuo prazer.

Ó anjo da loura trança,
A onda é mansa
O céu é lindo docel;
E sobre o mar tão dormente,
Docemente
Deixa correr teu batel.

Ó anjo da loura trança,
Que esperança
Nos traz a brisa do sul!...
—Correm brisas das montanhas...
Vê se apanhas
A borboleta de azul!...

A UMA PLATEIA

* *

O cedro foi planta um dia,
Viço e força o arbusto cria,
Da vergontea nasce o galho;
E a flor p'ra ter mais vida,
Para ser—rosa querida—
Carece as gottas de orvalho.

Com o talento é o mesmo:
Quando timido elle adeja
—Qual ave que se espanja—
Como a flor, tambem precisa
Em vez do sopro da brisa
O sopro da sympathia
Que lhe adoce os amargores,
Para em horas de cansaço
Na estrada que vai trilhando
Encontrar de quando em quando
Por entre os espinhos—flores.

E vós que acabaes de ouvil-o
A suspirar n'esse trillo
No seu gorgoio primeiro;
Vós, que viste o seu começo,
Dai-lhe essas palmas de apreço
Que é artista e... brasileiro!

Setembro—1858.

NO TUMULO D'UM MENINO

Um anjo dorme aqui: na aurora apenas,
Disse adeus ao brilhar das açucenas
Sem ter da vida alevantado o véo.
—Rosa tocada do cruel granizo—
Cedo finou-se e no infantil sorriso
Passou do berço p'ra brincar no céu!

Maio—1858.

A. J. J. C. MACEDO JUNIOR

*Poète, prends ta lyre; aigle, ouvre ta jeune aile;
Etoile, étoile, lève-toi!*

V. HUGO.

Como o indio a saudar o sol nascente,
Co' o sorriso nos labios, franco e ledó

Aperto a tua mão:

Cantor das açucenas, crê-me agora,

Este canto que a lyra balbucia

É pobre; mas de irmão!

Quando se sente como eu sinto e soffro,
A mente ferve e o coração palpita

De glorias e de amor:

Se ouço Arthur ao piano eu me extasio,

Mas ouvindo teus hymnos me arrebató

E pasmo ante o cantor!

Na juventude, no florir dos annos,

Não sei que vozes nos entornam n'alma

Canções de cherubim!

Uns perdem, como eu, cedo os verdóres,

Mas outros crescem no primor das graças

E tu serás assim!

— 110 —

Oh! mocidade! como és bella e rica!
Hymnos de amores n'este sec'lo bruto!
Louvor ao menestrel!
Palmas a ti, cantor das açucenas!
Quatorze primaveras n'essa fronte
Semilham-te um laurel!

Quando tão moço, no raiar da vida,
Já doce cantas como o doce aroma
Das languidás cecens,
Pódes, creança, erguer a fronte altiva!
Como André-Chénier, no craneo augusto
Alguma cousa tens!

Não desmintas, irmão, este propheta,
Sybarita indolente, sobre rosas
Não queiras tu dormir,
Se ao longe já te brilha amiga estrella
Aproveita o talento—estuda e pensa—
É bello o teu porvir!

Não faças como nós; na infancia apenas
Solta poeta o gorgear de amores
Que é doce o teu cantar.
Seja a vida p'ra ti só riso e galas
E adormeças a scismar quimeras
Da noite no luar.

Não faças como nós; não desças louco
A buscar sensações na bruta orgia
Das longas saturnaes;
Se a lama impura salpicar-te as pennas,
Sacode as azas, minha pomba casta
E foge dos pardaes.

Não manches, meu poeta, as vestes brancas
No mundo infame; mirrha-se a grinalda

E vão-se as illusões!

A crença se desbota e o natita chora

Desanimado no vai-vem teimoso

Dos grossos vagalhões!

Foge do canto da gentil sereia

Que engana com sorriso de feitiços

—Tão pallida Rachel!

Não encostes na taça os labios soffregos...

O vaso queima e beberás nos risos

Da amargura o fel!

Conserva na tua alma a virgindade,

E tenha o coração na rica aurora

Das rosas o matiz;

Se a donzella cuspir nos teus amores

Chora perdida essa illusão primeira...

Mas vive e sê feliz!

Se a dor fôr grande não te vergues fraco,

Oh! não escondas no sepulchro a fronte

Aos raios d'este sol;

Não vás como Azevedo—o pobre genio—

Embrulhar-te sem dó na flor dos annos

Da morte no lençol!

Vive e canta e ama esta natura,

A patria, o céu azul, o már sereno,

A veiga que seduz;

E possa, meu poeta, essa existencia

Ser um lindo vergel todo banhado

De aromas e de luz!

Oh! canta e canta sempre! esses teus hymnos
Eu sei, terão no céu eccos mais santos
 Que a terra não dará;
Oh! canta! é doce ao triste que soluça
Ouvir saudoso no cahir da tarde
 A voz do sabiá!

Canta! e que teus hymnos d'esperança
Despertem d'este mundo de miserias
 A estúpida mudez!
E dos preludios d'essa lyra ingenua
Em poucos annos surgirá brilhante
 Millevoye—talvez!

Maio—1858.

UMA HISTORIA.

A brisa dizia á rosa:
— «Dá, formosa,
Dá-me, linda, o teu amor;
Deixa eu dormir no teu seio
Sem receio,
Sem receio, minha flor!

De tarde virei da selva
Sobre a relva
Os meus suspiros te dar;
E de noite na corrente
Mansamente,
Mansamente te embalar! » —

E a rosa dizia á brisa:
— «Não precisa
Meu seio dos beijos teus;
Não te adoro... és inconstante...
Outro amante,
Outro amante aos sonhos meus!»

Tu passas de noite e dia
Sem poesia
A repetir-me os teus ais;
Não te adoro... quero o Norte
Que é mais forte,
Que é mais forte e eu amo mais!»—

No outro dia a pobre rosa
Tão vaidosa
No hastil se debruçou;
Pobre d'ella!—Teve a morte
Porque o Norte,
Porque o Norte a desfolhou!...

Novembro—1858.

NO LEITO

M.

Se eu morresse ámanhã!

A. DE AZEVEDO.

I

Eu soffro;—o corpo padece
E minh'alma se estremece
Ouvindo o dobrar d'um sino!
Quem sabe?—A vida fenece
Como a lampada no templo
Ou como a nota d'um hymno!

A febre me queima a fronte
E dos tumulos a aragem
Roçou-me a pallida face;
Mas no delirio e na febre
Sempre teu rosto contemplo,
E serena a tua imagem
Vêla á minha cabeceira,
Rodeada de poesia,
Tão bella como no dia
Em que vi-te a vez primeira!

Teu riso a febre me acalma;
—Ergue-se viva a minh'alma
Sorvendo a vida em teus labios
Como o saibo dos licores,
E na voz, que é toda amores,
Como um balsamo bemdito,
Ouvindo-a eu, pobre, palpito,
Sou feliz e esqueço as dores.

II

Se a morte colher-me em breve,
Pede ao vento que te leve
O meu suspiro final;
—Será queixoso e sentido,
Como da rôla o gemido
Nas moitas do laranjal.

Quizera a vida mais longa
Se mais longa Deus m'a dera,
Porque é linda a primavera,
Porque é doce este arrebol,
Porque é linda a flor dos annos
Banhada da luz do sol!
Mas se Deus cortar-me os dias
No meio das melodias,
Dos sonhos da mocidade,
Minh'alma tranquilla e pura
À beira da sepultura
Sorrirá á eternidade.

Tenho pena... sou tão moço!
A vida tem tanto enlevo!
Oh! que saudades que levo
De tudo que eu tanto amei!
—Adeus oh! sonhos dourados,
Adeus oh! noites formosas,
Adeus futuro de rosas
Que nos meus sonhos creei!

Ao menos, n'esse momento
Em que o lethargo nos vem
Na hora do passamento,
No suspirar da agonia
Terei a frente já fria
No collo de minha mãe!

III

Mas eu bemdigo estas dores,
Mas eu abenço o leito
Que tantas mágoas me dá,
Se me jurares, querida,
Que meu nome no teu peito
Morto embora—viverá!
—Que ás vezes na cruz singela
Tu irás pallida e bella
Desfolhar uma saudade!
—Que de noite, ao teu piano,
Na voz que a paixão desata,
Chorarás a—*Traviata*
Que eu d'antes amava tanto
Nas ancias de tanto amor!

—E que darás compassiva
Uma gotta do teu pranto
À memoria morta ou viva
Do teu pobre sonhador!

Bem dita, bem dita sejas,
Se nas notas bemfazejas
Tua alma fallar co'a minha
N'essa linguagem do céu
Que o pensamento adivinha!
Eu—o filho da poesia—
Dormirei no meu sepulchro,
Embalado em harmonia
Ao som do piano teu!

IV

Que tem a morte de feia?!
—Branca virgem dos amores,
Toucada de murchas flores,
Um longo somno nos traz;
E o triste que em dor anceia
—Talvez morto de cansaço—
Vai dormir no teu regaço
Como n'um claustro de paz!

Oh! virgem das sepulturas,
Teu beijo mata as venturas
Da terra, mas rasga o véo
Que a eternidade nos véla;
E nós—os filhos do erro—
Libertos d'este desterro,

Vamos contigo, donzella,
No branco leito de pedra,
Onde a miseria não medra,
Sonhar os sonhos do céu!...
Ha tantas rosas nas campas!
Tanta rama nos cyprestes!
Tanta dor nas brancas vestes!
Tanta doçura ao luar!
—Que alli o morto poeta
Nos seus intimos segredos,
À sombra dos arvoredos
Póde viver a sonhar!

V

Assim,—se ámanhã, se logo,
Sentires na face amada
Passar um sopro de fogo
Que te queime o coração,
E uma mão fria e gelada
Comprimir a tua mão
Frisando os cabellos teus;
—Não tenhas tu vãos temores,
Pois é minh'alma, querida,
Que ao desprender-se da vida
—Toda saudade e amores—
Vai dizer-te o extremo—adeus!...

POIS NÃO É?!

Vêr cair o cedro annoso
Que campeava na serra,
Vêr frio baixar á terra
O pobre velho bondoso
Que procurando repouso
Tropeçou na sepultura;
É triste, sim, é verdade,
Mas não tão grande a saudade
Nem a dor tão funda e dura,
Pois que ao velho e ao cedro altivo
Partido á voz da procella,
No mundo—jardim lascivo—
A vida foi longa e bella.
Mas vêr a rosa do prado
Que á aurora deu cor e vida,
De manhã—flor do valado,
De tarde—rosa pendida!...

Mas vêr a pobre mangueira
Na primavera primeira
Crescendo toda enfeitada
De folhas, perfume e flor,
Ouvindo o canto de amor
No sopro da viração;
Mas vêl-a depois lascada
Em duas cair no chão!...

Mas vêr o pobre mancebo
Em quem a seiva reluz,
No sonho candido e puro
Nas glorias do seu futuro
Dourando a vida de luz;
Mas vêl-o quando a sua alma
Ao som d'ignota harmonia
Se derramava em poesia;
Quando junto da donzella
—Captivo dos olhos d'ella—
Na voz que balbuciava
De amores fallava a medo;
Quando o peito trاسبordava
De crenças, de amor, de fé,
Vêl-o finir-se tão cedo,
Como as vozes d'um segredo...
É dor de mais—pois não é?!...

Anday'asstú—1857.

NA ESTRADA

SCENA CONTEMPORANEA

Eu vi o pobre velho esfarrapado
—Cabeça branca—sentado pensativo
 D'um carvalho ao pé;
Esmolava na pedra d'um caminho,
Sem familia, sem pão, sem lar, sem ninho,
 E rico só de fé!

Era de tarde; ao toque do mosteiro
Seu labio a murmurar resava baixo,
 —Ao lado o seu bordão;
E o sol, no raio extremo, lhe dourava
Sobre a fronte senil a dupla c'rôa
 De pobre e de ancião!

E o *homem de metal* vinha sorrindo
Contando ao companheiro os gordos lucros
 Na usura de judeus;
O mendigo estendeu a mão mirrhada,
E pediu-lhe na voz entrecortada:
 —Uma esmola, por Deus!

O *homem de metal* embevecido
Em sonhos de milhões, por junto á pedra
Sem responder, passou!
O pobre recolheu a mão vasia...
O anjo tutelar velou seu rosto,
Mas—Satanaz folgou!

Rio—1858.

NO JARDIM

SCENA DOMESTICA

Tête sacrée! enfant aux cheveux blancs!

V. HUGO.

Ella estava sentada em meus joelhos
E brincava comigo—o anjo louro,
E passando as mãosinhas no meu rosto
Sacudia, rindo, os seus cabellos d'ouro.

E eu, fitando-a, abençoava a vida!
Feliz sorvia n'esse olhar suave
Todo o perfume d'essa flor da infancia,
Ouvia alegre o gazear d'essa ave!

Depois a borboleta da campina,
Toda azul—como os olhos grandes d'ella—
A doudejar, gentil, passou bem junto
E beijou-lhe da face a rosa bella.

—Oh! como é linda! disse o louro anjinho
No doce accento da virginea falla—
Mamãe me ralha se eu ficar cansada,
Mas—dizia a correr—hei de apanhal-a!—

Eu segui-a, chamando-a, e ella, rindo,
Mais corria, gentil, por entre as flores,
E a—flor dos ares—abaixando o vôo
Mostrava as azas de brilhantes cores.

Iam, vinham, á roda das acacias,
Brincavam no rosal, nas violetas,
E eu de longe dizia:—Que doudinhas!
Meu Deus! meu Deus! são duas borboletas!...—

Dezembro—1858.

RISOS

Ri, creança, a vida é curta,
O sonho dura um instante.
Depois... o cypreste esguio
Mostra a cova ao viandante!

A vida é triste—quem nega?
—Nem vale a pena dizel-o.
Deus a parte entre seus dedos
Qual um fio de cabelo!

Como o dia, a nossa vida
Na aurora—é toda venturas,
De tarde—doce tristeza,
De noite—sombbras escuras!

A velhice tem gemidos,
—A dor das visões passadas—
A mocidade—queixumes,
Só a infancia tem risadas!

Ri, creança, a vida é curta,
O sonho dura um instante.
Depois... o cypreste esguio
Mostra a cova ao viandante!

LIVRO NEGRO

HORAS TRISTES

Eu sinto que esta vida já me foge
Qual d'harpa o som final,
E não tenho, como o naufrago nas ondas,
Nas trevas um fanal!

Eu soffro e esta dor me atormenta,
É um supplicio atroz!
E p'ra contal-a falta á lyra cordas
E aos labios meus a voz!

Ás vezes, no silencio da minh'alma,
Da noite na mudez,
Eu crio na cabeça mil phantasmas
Que aniquilo outra vez!

Doe-me inda a bocca que queimei sedento
Nas esponjas de fel,
E agora sinto no bulhar da mente
A torre de Babel!

Sou triste como o pae que as bellas filhas
 Viu languidas morrer,
E já não pousam no meu rosto pallido
 Os risos do prazer!

E comtudo, meu Deus! eu sou bem moço,
 Devera só me rir,
E ter fé e ter crença nos amores,
 Na gloria e no porvir!

Eu devera folgar n'esta natura
 De flores e de luz,
E, mancebo, voltar-me p'r'o futuro,
 Estrella que seduz!

Agora em vez dos hymnos d'esperança,
 Dos cantos juvenis,
Tenho a satyra pungente, o riso amargo,
 O canto que maldiz!

Os outros,—os felizes d'este mundo,
 Deleitam-se em saraus;
Eu solitario soffro e odeio os homens,
 P'ra mim são todos maus!

Eu olho e vejo...—a veiga é de esmeralda,
 O céu é todo azul.
Tudo canta e sorri... só na minh'alma
 O lodo d'um paul!

Mas se ella—a linda filha do meu sonho,
A pallida mulher
Das minhas phantasias, dos seus labios
Um riso, um só me der;

Se a doce virgem pensativa e bella,
—A pudica vestal
Que eu creei n'uma noite de delirio
Ao som da saturnal;

Se ella vier enternecida e meiga
Sentar-se junto a mim;
Se eu ouvir sua voz mais doce e terna
Que um doce bandolim;

Se o seu labio affagar a minha fronte
—Tão férvido vulcão!
E murmurar baixinho ao meu ouvido
As fallas da paixão;

Se cahir desmaiada nos meus braços
Morrendo em languidez,
De certo remoçado, alegre e louco
Sentira-me talvez!...

Talvez que eu encontrasse as alegrias
Dos tempos que lá vão,
E afogasse na luz da nova aurora
A dor do coração!

Talvez que nos meus labios desmaiados
 Brilhasse o seu sorrir,
E de novo, meu Deus, tivesse crença
 Na gloria e no porvir!

Talvez minh'alma resurgisse bella
 Aos raios d'esse sol,
E nas cordas da lyra seus gorgeios
 Trinasse um rouxinol!

Talvez então que eu me pegasse á vida
 Com ancia e com ardor,
E podésse aspirando os seus perfumes
 Viver do seu amor!

P'ra ella então seria a minha vida,
 A gloria, os sonhos meus;
E dissera chorando arrependido:
 —Bemdito seja Deus!—

Abril—1858.

DORES

Ha dores fundas, agonias lentas,
Dramas pungentes que ninguem consola,
Ou suspeita sequer!
Mágoas maiores do que a dor d'um dia,
Do que a morte bebida em taça morna
De labios de mulher!

Doces fallas de amor que o vento espalha,
Juras sentidas de constancia eterna
Quebradas ao nascer;
Perfidia e olvidio de passados beijos...
São dores essas que o tempo cicatriza
Dos annos no volver.

Se a donzella infiel nos rasga as folhas
Do livro d'alma, magoado e triste
Suspira o coração;
Mas depois outros olhos nos captivam,
E loucos vamos em delirios novos
Arder n'outra paixão.

Amor é o rio claro das delicias
Que atravessa o deserto, a veiga, o prado,
E o mundo todo o tem!
Que importa ao viajor que a sêde abraza,
Que quer banhar-se n'essas aguas claras,
Ser aqui ou além?

A veia corre, a fonte não se estanca,
E as verdes margens não se cretam nunca
Na calma dos verões;
Ou quer na primavera, ou quer no inverno,
No doce aneio do bolir das ondas
Palpitam corações.

Não! a dor sem cura, a dor que mata,
É, moço ainda, e perceber na mente
A duvida a sorrir!
É a perda dura d'um futuro inteiro
E o desfolhar sentido das gentis corôas,
Dos sonhos do porvir!

É vêr que nos arrancam uma a uma
Das azas do talento as pennas de ouro,
Que vôam para Deus!
É vêr que nos apagam d'alma as crenças
E que profanam o que santo temos
Co' o riso dos atheus!

É assistir ao desabar tremendo,
N'um mesmo dia, d'illusões douradas,
Tão candidas de fé!
É vêr sem dó a vocação torcida
Por quem devera dar-lhe alento e vida
E respeitá-la até!

É viver, flor nascida nas montanhas,
Para aclimar-se, apertada n'uma estufa
 À falta de ar e luz!
É viver, tendo n'alma o desalento,
Sem um queixume, a disfarçar as dores
 Carregando a cruz!

Oh! ninguem sabe como a dor é funda,
Quanto pranto se engole e quanta angustia,
 A alma nos desfaz!
Horas ha em que a voz quasi blasphema...
E o suicidio nos acena ao longe
 Nas longas saturnaes!

Definha-se a existencia a pouco e pouco,
E ao labio descorado o riso franco
 Qual d'antes, já não vem;
Um véo nos cobre de mortal tristeza,
E a alma em luto, despida dos encantos,
 Amor nem sonhos tem!

Murcha-se o viço do verdor dos annos,
Dorme-se moço e despertamos velho,
 Sem fogo para amar!
E a fronte joven que o pesar sombreia
Vai, reclinada sobre um collo impuro,
 Dormir no lupanar!

Ergue-se a taça do festim da orgia,
Gasta-se a vida em noites de luxuria
 Nos leitos dos bordeis,
E o veneno se sorve a longos tragos
Nos seios brancos e nos labios frios
 Das languidas Phrynés!

Esquecimento!—mortalha para as dores—
Aqui na terra é a embriaguez do gôso,

A febre do prazer:

A dor se afoga no fervor dos vinhos,

E no regaço das Marcôs modernas

É doce então morrer!

Depois o mundo diz:—Que libertino!

A folgar no delirio dos alcouces

As azas empanou!—

Como se elle, algoz das esperanças,

As crenças infantis e a vida d'alma

Não fosse quem matou!...

Oh! ha dores tão fundas como o abysmo,

Dramas pungentes que ninguem consola

Ou suspeita sequer!

Dores na sombra, sem caricias d'anjo,

Sem voz de amigo, sem palavras doces,

Sem beijos de mulher!...

Rio—1858.

* * * * *

Pobre creança que te affliges tanto
Porque sou triste e se chorar me vês,
E que borrifas com teu doce pranto
Meus pobres hymnos sem calor, talvez;

Deus te abençoe, cherubim formoso,
Branca açucena que o paul brotou!
Teu pranto é gotta de celeste gôso
Na ulcera funda que ninguem curou.

Pallido e mudo e do caminho em meio
Sentei-me á sombra soffredor e só!
Do choro a baga humedeceu-me o seio,
Da estrada a gente me cobriu de pó!

Meus tristes cantos comecei chorando,
Santas endeixas, doloridos ais...
E a turba andava! Só de vez em quando
Languido rosto se volvia atraz!

E louca a turba que passou sorrindo
Julgava um hymno o que eu chamava um ai!
Alguem murmura:—Como o canto é lindo!—
Sorri-se um pouco e caminhando vai!

Bemdito sejas, cherubim de amores,
Branca açucena que o paul brotou!
Teu pranto é gotta que mitiga as dores
Da ulcera funda que ninguem curou!

Ha na minh'alma alguma cousa vago,
Desejos, ancias, que explicar não sei:
Talvez—desejos—d'algum lindo lago,
—Ancias—d'um mundo com que já sonhei!...

E eu soffro, oh anjo; na cruel vigilia
O pensamento inda redobra a dor,
E passa linda do meu sonho a filha
Soltas as tranças a morrer de amor!

E louco a sigo por desertos mares,
Por doces veigas, por um céu de azul;
Pouso com ella nos gentis palmares
Á beira d'agua, nos vergeis do sul!...

E a virgem foge... e a visão se perde
Por outros climas, n'outro céu de luz;
E eu—desperto do meu sonho verde—
Acordo e choro carregando a cruz!

Pobre poeta! na manhã da vida
Nem flores tenho, nem prazer tambem!
—Roto mendigo que não tem guarida—
Timido espreito quando a noite vem!

Bemdito sejas, cherubim de amores,
Branca açucena que o paul brotou!
Teu doce pranto me acalenta as dores
Da ulcera funda que ninguem curou!

A minha vida era areal despido
De relva e flôr e na estação louçã!
Tu foste o lyrio que nasceu, querido,
Entre a neblina de gentil manhã.

Em ondas mortas meu batel dormia,
Chorava o panno a viração subtil,
Mas veio o vento no correr do dia
E, leve, o bote resvalou no anil.

Eu era a flor do escálavrado galho
Que a tempestade no passar quebrou;
Tu foste a gotta de bemdito orvalho
E a flor pendida a reviver tornou.

Teu rosto puro restitue-me a calma,
Ergue-me as crenças, que já vejo em pé;
E teus olhares me derramam n'alma
Doces consolos e orações de fé.

Não serei triste; se te ouvir a falla
Tremo e palpito como treme o mar,
E a nota doce que teu labio exhala
Virá sentida ao coração parar.

Suspenso e mudo no mais casto enlevo
Direi meus hymnos c'os suspiros teus,
E a ti, meu anjo, a quem a vida devo
Hei de adorar-te como adoro a Deus!

FRAGMENTO

O mundo é uma mentira, a gloria—fumo,
A morte—um beijo, e esta vida um sonho
Pesado ou doce, que se esváe na campa!

O homem nasce, cresce, alegre e crente
Entra no mundo c'ó sorrir nos labios,
Traz os perfumes que lhe dera o berço,
Veste-se bello d'illusões douradas,
Canta, suspira, crê, sente esperanças,
E um dia o vendaval do desengano
Varre-lhe as flores do jardim da vida
E nú das vestes que lhe dera o berço
Treme de frio ao vento do infortunio!
Depois—louco sublime—elle se engana,
Tenta enganar-se p'ra curar as mágoas,
Cria phantasmas na cabeça em fogo,
De novo atira o seu batel nas ondas,
Trabalha, lucta e se afadiga embalde
Até que a morte lhe desmancha os sonhos.
Pobre insensato—quer achar por força
Perola fina em lodaçal immundo!
—Menino louro que se cansa e mata
Atraz da borboleta que travêssa
Nas moitas do mangal vôa e se perde!...

ANJO!

M.

Sub umbra alarum tuarum.

Eu era a flor desfolhada
Dos vendavaes ao correr;
Tu foste a gotta dourada
E o lyrio pôde viver.

Poeta, dormia pallido
No meu sepulchro, bem só;
Tu disseste:—Ergue-te, Lazaro!—
E o morto surgiu do pó!

Eu era sombrio e triste...
Contente minh'alma é;
Eu duvidava... sorriste,
Já no amor tenho fé.

A frente que ardia em brazas
A seus delirios pôz fim
Sentindo o rigor das azas,
O sopro d'um cherubim.

Um anjo veio e deu vida
Ao peito de amores nú:
Minh'alma agora remida
Adora o anjo—que és tu!

ULTIMA FOLHA

Meu Deus! Meu Pae! Se o filho da desgraça
Tem jus um dia ao galardão remoto,
Onve estas preces e me cumpre o voto
—A mim que bebo do absyntho a taça!

—«Feliz serás se como eu soffreres,
«Dar-te-hei o céu em recompensa ao pranto»—
Vós o disseste.—E eu padeço tanto!...
Que novos transes preparar me queres?

Tudo me roubam meus crueis tyrannos:
Amor, familia, felicidade, tudo!...
Palmas de gloria, meus laureis do estudo,
Fogo do genio, aspiração dos annos!...

Mas o teu filho já se não rebella
Por tal castigo, pelas mágoas duras;
—Minh'alma off'reço ás provações futuras...
Venha o martyrio... mas—perdão p'ra *ella!*...

A doce virgem se assimilha ás flores...
O vento a quebra no seu verde ninho.
—Velai ao menos pelo pobre anjinho,
—Pagai-lhe em gôso o que me daes em dores!

LIVRO QUARTO

POESIAS INEDITAS

DESEJOS

Se eu soubesse que no mundo
Existia um coração,
Que só por mim palpitasse
De amor em terna expansão;
Do peito calara as mágoas,
Bem feliz eu era então!

Se essa mulher fosse linda
Como os anjos lindos são,
Se tivesse quinze annos,
Se fosse rosa em botão,
Se inda brincasse innocente
Descuidosa no gazão;

Se tivesse a tez morena,
Os olhos com expressão,
Negros, negros, que matassem,
Que morressem de paixão,
Impondo sempre tyrannos
Um jugo de seducção;

Se as tranças fossem escuras,
Lá castanhas é que não,
E que cahissem formosas
Ao sopro da viração,
Sobre uns hombros torneados,
Em amavel confusão;

Se a fronte pura e serena
Brilhasse d'inspiração,
Se o tronco fosse flexivel
Como a rama do chorão,
Se tivesse os labios rubros,
Pé pequeno e linda mão;

Se a voz fosse harmoniosa
Como d'harpa a vibração,
Suave como a da rôla
Que geme na solidão,
Apaixonada e sentida
Como do bardo a canção;

E se o peito lhe ondulasse
Em suave ondulação,
Occultando em brancas vestes
Na mais branda commoção
Thesouros de seios virgens,
Dous pomos de tentação;

E se essa mulher formosa
Que me apparece em visão,
Possuisse uma alma ardente,
Fosse de amor um vulcão;
Por ella tudo daria...

—A vida, o céu, a razão!

A J...

Minh'alma dorme, indolente
A tudo que é grande e bello,
Ai! não sei que pesadelo
Assim me pousou na mente!
Debalde agora procuro
Os sonhos do meu futuro
De amor e glorias tão cheios,
Na quadra dos devaneios
E das longas illusões!

Mas é docil a teus dedos
O teu piano, palpita,
Se derramas teus segredos
N'essa harmonia infinita,
N'essa queixa vaga e incerta,
Então minh'alma—desperta.

D'esse fatal pesadelo
Sacode o manto de gelo,
Banha-se em novo fulgor,
Ama a luz que o sol exhala,
E em cada nota que falla
Solettra um hymno de amor!

Mas se tambem indolente
O teu piano se cala,
Minh'alma é só languidez.
—Como a creança-dormente,
Que os olhos subito abrira,
Queixosa e triste suspira,
E—sem ti—dorme outra vez!

HONTEM Á NOITE

Hontem—sósinhos—eu e tu, sentados,
Nos contemplamos, quando a noite veio:
Queixosa e mansa a viração dos prados
Beijava o rosto e te affagava o seio,
Que palpitava como—ao longe—o mar,
E lá no céo esses rubins pregados
Brilhavam menos, que teu vivo olhar!

Có'a mão nas minhas, no silencio augusto,
Tu me fallavas sem mentido susto,
E nunca a virgem, que a paixão revela,
Passou-me em sonhos tão formosa assim!
Vendo a noite pura, e vendo a ti tão bella,
Eu disse aos astros:—dai o céo a ella!
Disse a teus olhos:—dai amor p'ra mim!

A FAUSTINO XAVIER DE NOVAES

Bem vindo sejas, poeta,
A estas praias brasileiras!
Na patria das bananeiras
As glorias não são de mais:
Bem vindo o filho do Douro!
A terra das harmonias,
Que tem Magalhães e Dias,
Bem pôde saudar Novaes.

Vieste a tempo, poeta,
Trazer-nos o sal da graça,
Pois c'os terrores da praça
Andava a gente a fugir:
Agora calmando o medo,
E ao bom humor dando largas,
A comprimir as ilhargas
Agora vão todos rir.

Entre todos os paquetes
Que o velho mundo nos manda,
Eu sustento sem demanda
Tamar foi o mais feliz:
Os outros trazem cebollas,
Vinho em pipas, trapalhadas,
Este trouxe gargalhadas,
Sem ser fazenda em barris.

Venha a satyra mordente,
Brilhe viva a tua veia,
Já que a cidade está cheia
D'esses eternos Maneis:
Os barões andam ás duzias,
Como os frades nos conventos,
Commendadores aos centos,
Viscondes a pontapés.

Aproveita estes bons typos,
Ha-os aqui com fartura,
E salte a caricatura
Nos traços do teu pincel:
Ou quer na prosa ou no verso,
Dá-lhes bem severo ensino,
Resuscita o Tolentino,
Embelleza o teu laurel.

Pinta este Rio n'um quadro,
As letras falsas d'um lado,
As discussões do senado,
As quebras, os trambulhões;
Mascates roubando moças,
E lá no fundo da tela
Desenha a febre amarella,
Vida e morte aos cachações.

Oh! canta! o povo te applaude,
E os louros p'ra ti são certos!
Acharás braços abertos
No meu paterno torrão:
Se és portuguez lá na Europa,
Aqui, vivendo comnosco
Debaixo do colmo tosco,
Aqui serás nosso irmão!

Bem vindo, bem vindo sejas
A estas praias brasileiras!
Na patria das bananeiras
As glorias não são de mais:
Bem vindo o filho do Douro!
A terra das harmonias,
Que tem Magalhães e Dias,
Bem póde saudar Novaes.

1860.

MEU LIVRO NEGRO ¹

A GONÇALVES BRAGA

I

Eu sei que é santo e bom e de almas grandes
Dar ás glorias um hymno, a Deus um canto,
Ao culpado perdão;
Dar ao vicio conselho, ao cego luzes,
Á velhice respeito, arrimo á infancia
E aos mendigos o pão!

Obrigado! obrigado! eu beijo a esmola
Do teu canto de fé! Mas não te illudas,
Não te posso seguir.
Eu me assento nas pedras do caminho
E pergunto aos que passam:— «Inda é longe,
Muito longe o porvir?»

Obrigado! obrigado! tu respondes,
E queres que eu descubra no horisonte
O que é nuvem talvez!
Obrigado, cantor! rico de crenças,
Que repartes comigo os teus vestidos,
P'ra cobrir-me a nudez!

¹ Esta poesia é em resposta á do snr. Gonçalves Braga, inserta a pag. LXXIII d'este livro.

Levanto á pressa a tenda do descanso,
E, como não prosigo, eu te convido
 Á porta do meu lar;
Depois que eu te disser a lenda triste
Do meu livro sem luz, do—Livro Negro—
 Tu podes caminhar.

II

Escuta:—Tu que tens na voz perfumes,
Chamas sempre ao meu canto—primaveras,
 Aos goivos—um jardim!
—Talvez que na charneca, por descuido,
Entre os juncos brotasse á beira d'agua
 O tronco d'um jasmim!

É verdade, na mente deslumbrada,
Borbulhou n'outro tempo alguma cousa
 De vago e de ideal!
Eram centelhas! mas dormindo ás soltas,
Eu deixei consumir-se o fogo santo
 —Estupida vestal!

Agora em vão procuro aquelles cantos,
As rosas do jardim e o sonho amigo
 Que tanto me embalou!
A minha alma, deserta de esperanças,
Já não pôde sonhar! Meu Deus, é tarde!
 A vida já passou!

P'ra mim, que me perdi no desencanto,
Não tem o patrio céu estrellas vivas,
Nem lyrios as manhãs.
Eu por cada illusão vivi dez annos!
O fructo da illusão nasceu precoce...
Sou moço e tenho cãs!

Ai! bem cedo o tufão despiu-me os galhos!
E os galhos todos nus ao céu se elevam
Na supplica de dó!
No campo a primavera estende os mimos,
Tudo é verdade no monte e na collina...
Mas ai! no inverno eu só!

Na testa trago a ruga prematura,
E do labio na prega desdenhosa
Não ha odio, mas fel!
—Ruinas d'um castello não completo,
Aqui descubro um troço de columna,
—Mais longe um capitel!

Houve galas comtudo no edificio
Em dias venturosos de banquetes,
Por noites de festim!
As ogivas tremiam com mil luzes,
O parque tinha caça, a sala—amores,
Perfumes—o jardim!

Cuspiram-me na fronte e na grinalda,
Vergaram-me a cabeça ao despotismo,
Às garras da oppressão;
E ao contacto do marmore e do gelo
A lyra emmudeceu, penderam flores,
Extinguiu-se o vulcão!

Por cada canto eu tive offensas duras,
Pelos sonhos—o escarneo que apunhala,
Insultos por cantar!
Deitaram-me na taça o fel que amarga,
Mas a raça dos vis campeia impune
Porque eu sei perdoar!

Obrigado! obrigado! É doce ao ménos
Receber na desgraça o aperto amigo
Do abraço fraternal!
A lagrima a cahir se muda em riso,
E póde a mão tecer na corda frouxa
Um hymno festival!

Feliz, tu que me acenas p'r'o futuro
—Na frente a inspiração, nas mãos a lyra,
E no teu peito o ardor!
Adeus! eu não te sigo, é longa a estrada,
Assusta-me a tormenta e a noite escura...
Sou fraco luctador!

Pódes ir; eu te abraço e te abenço!
Volta e traze contigo as verdes palmas
Que o futuro te der;
Adeus! eu não te sigo... eu não perjuro...
A gloria é uma mulher, e tu bem sabes
Eu amo outra mulher!

A gloria, quanto a mim, é a Messalina
Que vende sem pudor a face e os beijos
Na praça, á luz do sol!
Ama um dia e abandona o favorito
No leito do hospital, por cama—a valla,
Por mortalha—o lençol!

Não quero a gloria, não! a gloria mente,
O fogo queima, a cicatriz não fecha,
E sangra o coração!...
Não quero a gloria:—eu peço ao céu socego,
Um bocado de amor, flores no campo,
E um ninho no sertão.

Lá eu posso viver na sombra escura,
Cercado das acacias perfumadas,
Sósinho e bem feliz!
Por noites de luar o sertanejo
Suspira na guitarra cantilenas
Que a lyra nunca diz!

Ha tristeza no choro das cascatas,
Ha mysterios nas vozes das florestas,
Ha silphos pelos céos!
E a mente embevecida, absorta e pasma,
Em voz baixa ergue os hymnos de ventura,
E baixo adora a Deus!

Da mulher adorada a fronte santa
Sentira no sagrado dos colloquios
Como é fundo o sentir!
Do seu amor—que é perola sem preço—
Eu farei meu presente e meu passado,
Meu sonho e meu porvir!

A vida no deserto é lago placido,
No mar raivoso que sacode a escuma
E que sepulta a nau!
—Eu lá serei feliz; das murchas palmas
Apenas guardarei lembrança vaga,
Como de um sonho mau.

Creio em Deus, e meu labio inda murmura
Essa mesma oração resada á noite
 Pela quadra infantil;
Beijo a mão que embalou meu berço quente,
Creio no amigo; sei que o amor é santo
 E sei que a gloria é vil!

..

Bem vês, eu não me animo ás vozes tuas!
Ai! é tarde, cantar! não posso... é tarde,
 Não me embala a illusão!
Retomo a lyra, balbucio um canto,
Sacudo o gelo p'ra dizer-te d'alma:
 «Oh! obrigado, irmão!»

III

Eu da porta da tenda te abençoô!
Pódes ir, bom romeiro do progresso...
 Eu deito-me a dormir!
O caminho tem neve, o lar tem fogo,
—Oh! o amor da mulher por quem se chora
 Vale mais que o porvir!

LEMBRANÇA

N'UM ALBUM

Como o triste marinheiro
Deixa em terra uma lembrança,
Levando n'alma a esperança
E a saudade que consome,
Assim nas folhas do album
Eu deixo meu pobre nome.
E se n'as ondas da vida
Minha barca fôr perdida
E meu corpo espedaçado,
Ao lêr o canto sentido
Do pobre nauta perdido,
Teus labios dirão:—Coitado!...

NO ALBUM DE NICOLAU VICENTE PEREIRA

(INEDITA)

Tudo muda com os annos:
A dor—em doce saudade,
Na velhice—a mocidade,
A crença—nos desenganos!
—Tudo se gasta e se afeia,
Tudo desmaia e se apaga
Como um nome sobre a areia
Quando cresce e corre a vaga.

Feliz quem guarda as memorias,
As lembranças mais queridas,
No livro d'alma esculpidas,
Gravadas fundas em si!
—Essas duram; mas que vale
Um nome desconhecido,
Se ha de ser logo esquecido
O nome que eu deixo aqui.

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).